

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

LUÍS HENRIQUE BENITES

AS VIRTUDES DO TRABALHO ARTÍFICE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CURITIBA

2019

LUÍS HENRIQUE BENITES

AS VIRTUDES DO TRABALHO ARTÍFICE

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Administração, Curso de Mestrado em Administração, Programa de Mestrado e Doutorado em Administração, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. PhD. Rene Eugênio Seifert Júnior

CURITIBA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Benites, Luis Henrique

As virtudes do trabalho artífice [recurso eletrônico] / Luis Henrique Benites.-- 2019.

1 arquivo texto (117 f.) : PDF ; 6,48 MB

Modo de acesso: World Wide Web

Título extraído da tela de título (visualizado em 30 set. 2019)

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Administração, Curitiba, 2019
Bibliografia: f. 113-116

1. Administração - Dissertações. 2. Artesãos - Aspectos simbólicos. 3. Artesãos - Aspectos simbólicos. 4. Trabalhadores - Efeito de inovações tecnológicas. 5. Empresas domiciliares. 6. Virtudes. I. Seifert Junior, Rene Eugenio. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Administração. III. Título.

CDD: Ed. 23 -- 658

Biblioteca Central da UTFPR, Câmpus Curitiba
Bibliotecário: Adriano Lopes CRB-9/1429



TERMO DE APROVAÇÃO
AS VIRTUDES DO TRABALHO ARTÍFICE
por

Luis Henrique Benites

Esta dissertação foi apresentada às 14h00, dia 12 de agosto de 2019 como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO, na Linha de Pesquisa Tecnologia de Gestão, Trabalho e Organizações, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Prof. Dr. Rene Eugênio Seifert Junior
(PPGA/UTFPR)
Orientador

Prof. Dr. Leonardo Tonon
(PPGA/UTFPR)
Membro Interno

Prof. Dr. Cláudio Aurélio Hernandes
(UNINTER)
Membro Externo

Prof. Dr. Ariston Azevêdo Mendes
(UFRGS)
Membro Externo

Prof. Dr. Thiago Cavalcante Nascimento
(PPGA/UTFPR)
Coordenador do PPGA

Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA)

Avenida: Sete de Setembro, 3165
80230-901 – Curitiba – Paraná - Brasil
Fone: (41) 3310-4656
www.utfpr.edu.br

*Aos meus familiares,
José, meu pai,
Ana, minha mãe,
Renata, minha esposa,
e aos meus filhos: Júlia, Arthur, Lorenzo e Davi.
Sem o amor, a inspiração e o encorajamento dessas pessoas
eu não teria chegado até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer a todas as pessoas que contribuíram para que eu tivesse condições de realizar este estudo é uma tarefa complexa. Isto se deve ao elevado número de indivíduos envolvidos. Há sempre o risco de ser injusto com alguém, pois considero como “máxima” uma verdade: todas as pessoas que me acompanharam nessa jornada, não apenas acadêmica, mas de vida, exerceram papéis fundamentais e igualitários.

Porém, como não agradecer ao Rene? Professor, orientador, mestre-artesão, um amigo. Mais do que conhecimentos, Rene compartilha sabedoria com aqueles que têm o privilégio de cruzar o seu caminho. Agradeço ao Rene pelos ensinamentos, palavras de incentivo, apoio, orientações e por ter dedicado seu tempo no esforço compartilhado no sentido de tornar esse estudo em algo útil para todos aqueles que vierem a ter contato com esse trabalho.

(Rene, muitíssimo obrigado! Agradeço-lhe, e isso eu não poderia deixar de citar, por você ter me ensinado o ofício da panificação artesanal. Tenho total convicção de que você entende perfeitamente a importância que isso teve (tem e terá) na minha vida!)

Agradeço também ao André, Monicky, Aloísio, Miguel e Raul, estimados trabalhadores artífices que participaram da fase empírica dessa pesquisa. Obrigado por compartilharem conosco suas experiências de vida e de ofício.

Sou grato aos professores do Programa de Pós-graduação em Administração da UTFPR pelos conhecimentos compartilhados. Foi um privilégio ter feito parte da história deste programa.

Agradeço aos meus amigos e colegas de turma de mestrandos 2017 do PPGA da UTFPR. Foram ricos os momentos compartilhados. Torço pelo sucesso de cada um de vocês, mestres!

Finalmente, agradeço a Deus pelo dom da vida!

*“Através da sua obra,
Feita com suas mãos e mente,
O artesão se reconhece,
Manifestando o próprio ser:
Ser trabalhador,
Ser servidor,
Ser humano.”*

(O autor)

RESUMO

Esse estudo teve por objetivo a investigação do modo de trabalho artífice com o intuito de compreender quais são a natureza, os limites e as virtudes inerentes a esse tipo de atividade. A relevância do problema estudado decorre de percepções de estudiosos que se envolveram com questões relacionadas à crescente degradação da qualidade de vida e do bem-viver do sujeito trabalhador na contemporaneidade, impulsionadas pela eficiência técnica e pela consequente instauração da ideologia instrumental voltada à lógica da acumulação progressiva de capital. Para atingir o objetivo acima descrito, procedeu-se uma pesquisa empírica com cinco artesãos da região de Curitiba/PR, selecionados por conveniência geográfica, exercendo seus ofícios de acordo com os pressupostos do fazer artesanal, sendo detentores do controle dos seus processos produtivos como um todo. Metodologicamente, procedeu-se uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva-exploratória, fundamentada no método de entrevistas em profundidade, aliada a observação participante no ateliê de um dos artesãos envolvidos na pesquisa, bem como a autoetnografia decorrente da experiência de vida do autor, o qual exerce atividades regulares como padeiro artesão. Como resultado, identificou-se as seguintes virtudes do modo de trabalho artífice: (a) o reconhecimento, tanto o auto reconhecimento do autor na sua obra, quanto o reconhecimento afetivo-emocional, aliado ao reconhecimento substantivo pelo produto, proporcionando ao artesão sentimentos como orgulho, prazer e satisfação pelo trabalho; associada à honradez do artífice por ser capaz de criar produtos funcionais, personalizados, exclusivos e dotados de características consideradas positivas para o cliente e para a sociedade, tais como qualidade e durabilidade, reconhecidas pelos artesãos como superiores aos produtos similares produzidos por meio de processos industriais; (b) a autonomia, que confere ao trabalhador artífice o livre-arbítrio para as tomadas de decisões acerca do seu negócio e (c) a comunidade de aprendizado, estabelecida pelo pressuposto do trabalho artífice possuir a peculiaridade do aperfeiçoamento contínuo. Observou-se que os artesãos colaboram entre si, compartilhando informações e conhecimentos por meio de mídias digitais. Ademais constatou-se que o trabalho artífice reconhece limites, tanto aqueles de natureza fisiológica, inerentes aos seres humanos, quanto aqueles determinados por aspectos técnicos, ligados às características físicas e químicas dos materiais utilizados e, também, a fatores condicionados pela natureza, tais quais, tempo e temperatura, necessários para o desencadeamento de processos específicos em execução. Ainda, os achados acerca da natureza do trabalho artífice, corroborando a literatura conhecida, confirma que este se baseia na possibilidade de o trabalhador ter contato físico com o material sob transformação, exercendo suas atividades com as mãos e com a mente. É um modo de trabalho que permite o envolvimento do artesão em todas as etapas do processo, implicando em habilidades que são constantemente praticadas e requerendo conhecimentos específicos que são transmitidos de um mestre-artesão para o seu aprendiz.

Palavras-chave:

Virtudes do trabalho artífice. Natureza do trabalho artesanal. Limites do trabalho artífice.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the artisanal mode of work in order to understand what the nature, limits and virtues are, inherent in this type of activity. The relevance of the problem studied stems from the perceptions of scholars who became involved with issues related to the increasing degradation of the life quality and well-being of workers in the contemporary times, driven by the technical efficiency and consequent establishment of instrumental ideology focused on the logic of progressive capital accumulation. To achieve the objective described above, an empirical research was carried out with artisan workers who use to perform their activities in the Curitiba / PR region. Specifically, five artisans were selected, chosen by geographical convenience, who perform their roles according to the assumptions of artisan labor, taking the control of the production process as a whole and, thus, autonomously exercising their condition to make decisions about their businesses. Methodologically, a descriptive-exploratory qualitative research was conducted, based on the in-depth interview method, combined with a participant observation section in the atelier of one of the artisans involved in this research, as well as the self-ethnography resulting from the author's own life experience, carrying out regular activities as an artisan baker. As a result, the following virtues of the artisanal mode of work were identified: (a) recognition, both the author's self-recognition in his work, and the affective-emotional recognition, associated with the substantive recognition by the product, providing the craftsman with feelings such as pride, pleasure and job satisfaction; as well as honors of the craftsman for being able to create functional, personalized, exclusive products with characteristics considered positive for the customer and society, such as quality and durability, set by artisans as being superior to similar products produced through industrial processes; (b) autonomy, which gives the craftsman free will to make decisions about his business and (c) the learning community, established by the assumption of the craftsmanship, has the nature of continuous improvement. It was observed that they collaborate with each other, frequently sharing information and knowledge through digital media. In addition, it was found that the artisanal mode of work recognizes limits, both those of a physiological nature, inherent to humans, and certain technical aspects, linked to the physical and chemical characteristics of materials in place, as well as to factors determined by the nature, such as time and temperature, required by the nature to complete specific process at the artisanal production. Moreover, the findings about the nature of artisanal mode of work, corroborating the known literature, confirm that this is based on the possibility of the worker having physical contact with the material under transformation, performing his activities with his hands and mind. It is a working mode that allows the craftsman to be involved at all stages of the process, implying skills that are thoroughly practiced, which requires specific knowledge that is passed on from a master to his apprentice.

Keywords:

Virtues of artisanal work. Nature of craftsman's job. Limits inherent handmade activities.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Participantes da Pesquisa	64
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bancada de trabalho.....	75
Figura 2: Produtos.....	76
Figura 3: Oficina do Artesão.....	77
Figura 4: Observação participante	78
Figura 5: Violão autoral.....	80
Figura 6: Logomarca Monicky.....	80
Figura 7: Facas e canivetes.....	83
Figura 8: Cutelaria.....	84
Figura 9: Arqueria.....	87
Figura 10: Rústicos.....	89
Figura 11: Motosserra.....	90
Figura 12: Mesa.....	91

LISTA DE SIGLAS

PR	Estado do Paraná
ORT	Organização Racional do Trabalho
TMC	Toyota Motor Company
STP	Sistema Toyota de Produção
MIT	Massachussetts Institute of Technology
GEE	Gases de Efeito Estufa
IPCC	Intergovernmental Panel on Climate Change.

PRÓLOGO

Engenheiro Mecânico e após ter trabalhado por cerca de 30 anos em indústrias automotivas, foi justamente em decorrência do meu ingresso no curso de Mestrado do PPGA da UTFPR, aos 52 anos de idade, que pude vivenciar uma mudança substancial de vida. Essa transformação teve início no ano de 2017, numa das aulas da disciplina Métodos de Pesquisa, após degustar os pães do Professor Rene. Foi uma explosão de sentimentos, um misto de admiração, paixão e encantamento, tudo de uma só vez.

Os sabores daqueles pães, suas texturas, aromas e, principalmente, o processo por meio do quais haviam sido feitos, me apaixonaram. Eram pães feitos à mão, um a um, fermentados de forma natural e sem quaisquer ingredientes químicos. Tudo feito calma e lentamente, com todo o respeito pelos tempos requeridos pelo processo e pela natureza. Há muito apreço e amor ao próximo envolvidos. Feitos por uma pessoa para as outras pessoas, no contexto da casa, da família e do significado histórico da tradição da produção de pães.

Na panificação artesanal com fermentação natural são utilizados somente quatro ingredientes básicos: farinha, água, sal e fermento natural. E as mãos! Os ingredientes são porcionados com precisão, as massas são preparadas pelas mãos habilidosas do artesão panificador, treinadas por meio da repetição do mesmo processo ao longo de anos de experiência no ofício. Uma verdadeira arte, cuja tradição perpassa milênios da história da humanidade.

Tudo isso me levou a uma profunda reflexão e a uma decisão. Resolvi, eu também, tentar fazer pães seguindo o processo artesanal, utilizando receitas de fermentação natural. Naquele momento eu desejava experimentar, afinal, qual seria o sentimento de fazer algo novo, exclusivo e diferenciado, valendo-me apenas do uso das minhas mãos, conhecimentos, habilidades e imaginação.

Ali eu comecei a mudar a trajetória da minha vida, pois, ao fazê-lo, pude experimentar sensações inéditas: o prazer do contato direto com os ingredientes, o pensar artesanal, o antever do pão pronto e o materializar daquilo que fora previamente concebido na minha mente, com calma e tranquilidade. E o resultado? É uma mistura de sensações que vão

desde o orgulho até o prazer de ter o trabalho reconhecido. E o reconhecimento faz toda a diferença no trabalho artífice, como se fora a recompensa pela obra realizada com excelência.

Nunca vou me esquecer das palavras dos meus filhos, após provar o pão finalizado: “*Uhmmm, ficou uma delícia, papai!*” (Lorenzo a Arthur, na época com 2 anos e 10 anos de idade, respectivamente).

Desta forma, após experimentar alguns dos sentimentos proporcionados pelo trabalho artífice, como orgulho, prazer e satisfação pelo reconhecimento do trabalho, pude refletir sobre os contrastes existentes entre o modo de trabalho artífice e o industrial, o qual eu executei por, como dito anteriormente, cerca de 30 anos.

Na indústria eu exercia atividades de gestão, onde eu era pressionado a buscar a eficiência máxima, tanto quanto possível, constantemente. Não obstante, segundo Gaulejac (2007), a eficiência não é um mal em si, mas sim a ideologia gerencialista associada a ela. Para Gaulejac (2007) a gestão, tal qual praticada no mundo corporativo, é transfigurada pelas pressões exercidas pelo capital financeiro. Tal contexto é materializado por acionistas, gestores e executivos que trabalham em prol da maximização da remuneração do capital e dos dividendos, onde os fins justificam os meios.

No modo de trabalho artífice a eficiência também está presente. O artífice busca aprimorar seu processo e seu produto, porém de forma a respeitar seus limites. O aprendizado contínuo é uma das maneiras do artesão aprimorar o seu trabalho (SENNETT, 2009). A existência de limites de diferentes tipos faz parte da natureza do trabalho artífice (HERNANDES, 2006).

Diante deste contexto, diversas questões emergiram, por exemplo: Quais são as vantagens e as desvantagens que os dois modos de trabalho oferecem, o trabalho industrial em comparação ao trabalho artesanal? Como o trabalho feito com autenticidade e autonomia pode proporcionar benefícios ao trabalhador? As organizações modernas, remodeladas no contexto da dominação técnica, sempre buscando a eficiência máxima, são invariavelmente melhores? Quais são os impactos da maximização da produção e do consumo em massa para a sociedade e para o meio ambiente?

Obviamente, não seria possível responder a todos esses questionamentos nesse trabalho. Entretanto, tendo em vista o momento de transformação vivenciado por mim, surgiu-me o interesse específico em construir uma reflexão crítica sobre a obsessão moderna pela eficiência técnica, buscando compreender *quais são as virtudes do modo de trabalho artífice?*

Para dar conta do cumprimento desse objetivo, metodologicamente o estudo se valeu de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo-exploratório, realizada por meio de entrevistas em profundidade com trabalhadores artífices de Curitiba/PR e região. Tal empreendimento teve foco na análise crítica entre as características do trabalho artífice (manual e não orientado pela lógica capitalista da eficiência máxima) *versus* o trabalho industrial (mecanizado e orientado pela constante busca da máxima eficiência operacional). Portanto, o presente estudo buscou compreender a natureza do trabalho artífice, seus limites e virtudes.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	20
1.2	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	20
1.3	OBJETIVOS DA PESQUISA.....	21
1.4	JUSTIFICATIVA TEÓRICA E PRÁTICA	21
2	QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA	26
2.1	CONCEITUALIZAÇÃO DE EFICIÊNCIA TÉCNICA	26
2.2	EFICIÊNCIA TÉCNICA NAS CIÊNCIAS GERENCIAIS	30
2.3	CRÍTICAS À EFICIÊNCIA TÉCNICA	36
2.4	TÉCNICA, RACIONALIDADE E A VIRTUDE DO TRABALHO ARTÍFICE	43
2.5	EFICIÊNCIA TÉCNICA E O TRABALHO ARTÍFICE	47
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	54
3.1	ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA	54
3.1.1	Apresentação das Perguntas da Pesquisa	55
3.1.2	Constructos da Pesquisa	55
3.2	DELIMITAÇÃO E DELINEAMENTO DA PESQUISA	58
3.2.1	Etapas da Pesquisa.....	61
3.2.2	Procedimentos de Coleta de Dados	63
3.2.2.1	Coleta de Dados.....	63
3.2.2.2	Triangulação de Dados	65
3.2.3	Procedimentos de Tratamento e Análise dos Dados	66
3.2.4	Facilidades e Dificuldades na Coleta e Tratamento dos Dados	68
3.2.5	Limitações da Pesquisa	70
3.3	ASPECTOS ÉTICOS ENVOLVIDOS NA CONDUÇÃO DA PESQUISA.....	72
4	ANÁLISE DOS DADOS	74
4.1	INTRODUÇÃO DOS CASOS.....	74
4.1.1	André – artesão coureiro	74
4.1.2	Monicky – artesã luthier.....	78
4.1.3	Aloisio – artesão couteleiro.....	82
4.1.4	Raul, artesão arqueiro.....	85
4.1.5	Miguel – artesão marceneiro	87
4.2	DISCUSSÃO DOS DADOS EMPÍRICOS.....	91
4.2.1	A natureza do trabalho artífice	92
4.2.2	Os limites presentes no trabalho artífice	96

4.2.3	As virtudes relacionadas ao trabalho artífice	100
5	CONCLUSÃO	109
	REFERÊNCIAS	113
	APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	117

1 INTRODUÇÃO

O constante avanço tecnológico, firmemente imbricado à eficiência técnica, tem contribuído para transformações sociais, econômicas, políticas e ambientais. Nesse sentido, o desenvolvimento da técnica (ELLUL, 1968) teve grande influência no desencadeamento de fatos históricos assistidos pela humanidade ao longo dos anos. Fenômenos como o surgimento de máquinas e de ferramentas, bem como o estabelecimento científico da sistematização do trabalho (TAYLOR, 1970) e a Revolução Industrial (LANDES, 2005; HOBBSAWM, 1962), entre tantos outros, contribuíram tanto para a instauração da massificação da produção (e seus correspondentes impactos nos padrões de consumo da sociedade) quanto para a constituição do sistema capitalista (MARX, 1996). A combinação desses elementos gerou um contexto dotado de determinadas características capazes de favorecer a legitimação da lógica instrumental de acumulação de capital, a qual tornou-se o modo dominante na sociedade contemporânea (SERVA, 1997).

O trabalho artífice foi o modo de produção dominante na maior parte da história humana. Contudo, foi sendo gradativamente substituído pelas atividades mecanizadas, realizadas por máquinas na forma de produções seriadas, típicas das fábricas e indústrias, tidas como organizações mais eficientes e produtivas. Com isso, o artesão se tornou um operador de máquinas, um trabalhador assalariado que não podia mais participar da totalidade do processo de criação do produto (GRANDE et al., 2012). O artesão também perdeu a sua autonomia e seu poder decisório, que são aspectos característicos do trabalho artífice (SENNETT, 2009). Nas indústrias, as operações se mostravam fragmentadas, cronometradas, estudadas nos seus mínimos detalhes e gerenciadas individualmente, por meio do estabelecimento e do controle de indicadores de performance, num sistema que ficou conhecido como a “Organização Científica do Trabalho” (TAYLOR, 1970).

De acordo com Sennett (2009), trabalhos artífices proporcionam determinados tipos de benefícios aos trabalhadores, o que inexistente nos trabalhos de produção em massa executados com a utilização de máquinas. A atividade artífice é capaz de recompensar emocionalmente o indivíduo, proporcionando-lhe um sentimento de orgulho pela boa realização do seu trabalho, bem como estabelecendo uma ligação à realidade tangível (SENNETT, 2009).

Embates históricos reunindo as classes defensoras da racionalidade instrumental de acumulação de capital (os empresários capitalistas) e seus críticos (os operários trabalhadores) mostraram que a conjuntura gerada após a Revolução Industrial (LANDES, 2005; HOBBSBAWM, 1962) e a implementação de métodos mais eficientes de gerenciamento científico do trabalho (TAYLOR, 1970), se tornou um vasto campo de polissemia histórica, repleto de complexidades, contrariedades e contestações.

A história nos mostra que, motivados pela busca constante de maiores lucros operacionais, os empresários capitalistas se utilizaram de recursos proporcionados pelo desenvolvimento da técnica (ELLUL, 1968) para a estruturação de organizações mais eficientes, orientadas pela lógica de acumulação de capital, pelo crescimento econômico indiscriminado, pela produção excedente e pelo consumo em massa, sem levar em consideração o consumo indiscriminado dos recursos naturais do planeta (SCHUMACHER, 1977; LATOUCHE, 2009).

Valeu-se também de novos métodos de negócios, o que se materializou por meio de aperfeiçoamentos, cientificamente suportados, das técnicas de gestão e administração que foram estabelecidas no início do século XX, gerando profundas mudanças organizacionais e burocráticas (WEBER, 1940). Mais do que isso, princípios técnicos apresentados como científicos foram implementados no modo de produção industrial, dando origem a um sistema tecnicamente organizado, fragmentado e controlado (TAYLOR, 1970). Isto, desencadeou uma revolução no mercado consumidor e criou condições para a consolidação do sistema capitalista (MARX, 1996).

Segundo Marx (1996), o trabalho é uma atividade natural à vida humana, cujo fim é a geração de valores de uso, transformando elementos naturais para a satisfação das necessidades humanas em todas as esferas sociais. Ele descreve essa condição na sua obra “O Capital”, da seguinte forma:

O processo de trabalho, que descrevemos em seus elementos simples e abstratos, é atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais. Nada foi por isso necessário tratar do trabalhador em sua relação com outros trabalhadores. Bastaram o homem e seu trabalho, de um lado a natureza e seus elementos naturais, de outro. O gosto do pão não revela quem plantou o trigo, e o processo examinado nada nos diz sobre as condições que ele se realiza, se sob o látego do feitor de escravos ou sob o olhar ansioso do capitalista, ou se o executa Cincinato lavrando algumas jeiras de terra ou o selvagem a abater um animal bravo com uma pedra. (MARX, O capital, vol. 1, p. 208).

Como reflexo desse contexto, sob diferentes perspectivas, o vigor adquirido pela crescente industrialização, passou a pressionar os trabalhadores artesãos. Essa pressão pode ser atrelada ao avanço e à instauração da lógica instrumental capitalista, a qual busca, incessantemente, a eficiência máxima da produção, tornando-se a ideologia dominante da sociedade moderna e contrapondo-se aos trabalhos de natureza artífice (SENNETT, 2009). Os trabalhos que requeriam habilidades manuais, criatividade e controle completo do processo de criação, foram sendo gradativamente desvalorizados. A fragmentação do trabalho impôs a separação das atividades relativas ao pensar daquelas relativas ao fazer (LEITE, 1994). Esse fato, ligado à especialização, instaurou a contraposição ao sentido da criatividade e a habilidade técnica, típicas da natureza do trabalho artífice.

A sociedade criou obstáculos para as recompensas do passado e continua a fazê-lo até hoje. Em diferentes momentos da história ocidental, a atividade prática foi menosprezada, divorciada de ocupações supostamente mais elevadas. A habilidade técnica foi desvinculada da imaginação, a realidade tangível, posta em dúvida pela religião, o orgulho pelo próprio trabalho, tratado como um luxo. (SENNETT, 2009, p. 31).

Percebe-se que as organizações contemporâneas, trabalham constantemente na busca da racionalização do trabalho por meio da determinação e da redução de desperdícios, ou seja, trabalham com o objetivo de melhorar a eficiência produtiva. Esta é a forma estratégica como as empresas procuram manter a competitividade nos respectivos mercados de atuação. De acordo com Bessant, Caffyn & Gallagher (2000) o aumento da eficiência está engendrado a metodologias sistemáticas.

Um exemplo passível de menção é o STP (Sistema Toyota de Produção) da indústria automotiva TMC (Toyota Motor Company). O STP é um sistema de produção “enxuta” que teve suas origens na filosofia budista que remete à crença quanto à necessidade do aprimoramento constante do Ser. Os budistas acreditam na condição natural de imperfeição dos seres humanos, os quais devem se aperfeiçoar gradativamente para se tornarem melhores (NITOBÉ, 1972).

A TMC (Toyota Motor Company) adaptou seu sistema de produção, adotando o uso do termo “*kaizen*”, uma palavra japonesa que significa “mudança para melhor”, derivada do *Bushido*, o código de conduta dos Samurais (NITOBÉ, 1972). Segundo Nitobe (1972, p. 25)

“Bushido, [...], is the code of moral principles which the knights were required or instructed to observe”.

Contudo, segundo Bessant, Caffyn & Gallagher (2000), a decisão organizacional de se adotar métodos de melhoria contínua não garante, por si só, o sucesso dessa empreitada. Há relatos de muitas experiências malsucedidas, desapontamentos e frustrações por parte de diversas organizações devido à falta do correto entendimento do significado das dimensões comportamentais envolvidas nesse processo. Na contemporaneidade, o processo de implementação de ações de melhoria contínua está relacionado à capacidade organizacional de resolução de problemas por meio de pequenos ciclos de mudanças, geradores de momentos de ruptura e de controle de desempenho, o que implica em uma mudança comportamental dos colaboradores e disciplina constante, ou seja, refere-se a mudanças culturais das organizações (BESSANT, CAFFYN & GALLAGHER, 2000).

Foi então, à partir da identificação da relevância do tema e da intenção de contribuir com a sociedade e com a academia, desenvolvendo um estudo aprofundado acerca do tema aqui destacado, que me motivei a ir a campo e desvelar a realidade do trabalhador artífice, historicamente pressionado pela dominação técnica e pela lógica instrumental, na busca pelas respostas à questão norteadora desta pesquisa, *quais são as virtudes do modo de trabalho artífice?*

Não obstante, esse trabalho acadêmico pretende preencher uma lacuna de conhecimento existente, contribuindo para o aumento do arcabouço científico relacionado à essa área, por meio de uma análise detalhada do trabalho artífice com um olhar crítico à eficiência técnica, apontando as virtudes do modo de trabalho artífice, o qual não se orienta pela lógica da eficiência máxima. Deste modo se posiciona claramente de forma crítica e contrária à ideologia instaurada na sociedade contemporânea onde todo processo dito mais eficiente é invariavelmente favorável.

É importante ressaltar que o interesse pelo estudo das virtudes inerentes aos trabalhos de natureza artífice não significa propriamente que esse é o melhor tipo de trabalho. Ao contrário, pretende-se estabelecer uma análise dialética buscando a determinação de características que possam se desvelar como vantajosas ou desvantajosas nos processos de trabalho existentes na contemporaneidade, orientados ou não, pela lógica capitalista da

eficiência máxima, bem como as implicações e contradições oriundas da imposição consciente de limites à eficiência técnica inerentes aos trabalhos de forma geral.

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Este estudo orienta-se no sentido de construir resposta à seguinte pergunta: *Quais são as virtudes do modo de trabalho artífice?*

1.2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esse estudo está estruturado em 5 capítulos, a saber:

- a) Capítulo 1: apresenta um texto introdutório ao estudo, bem como a formulação do problema de pesquisa, seus objetivos (gerais e específicos) e as justificativas teóricas e práticas;
- b) Capítulo 2: destina-se à revisão bibliográfica para a apresentação do quadro teórico de referência, contendo as fundamentações teóricas encontradas na literatura, resultados dos principais trabalhos realizados acerca da eficiência técnica, sua conceitualização e contextualização, bem como reflexões críticas sobre os impactos que a eficiência técnica causa à sociedade. Apresenta, ainda, uma seção dedicada à análise das virtudes que possam emergir num modo de trabalho que não se orienta exclusivamente pela eficiência máxima - o trabalho artífice.
- c) Capítulo 3: detalha os procedimentos metodológicos que foram empregados durante o transcorrer do estudo, destacando quatro subcapítulos (3.1) – especifica o problema do estudo; (3.2) – descreve a delimitação e o delineamento da pesquisa, suas etapas, seus procedimentos quanto à coleta, ao tratamento e à análise dos dados. Discorre sobre os fatores facilitadores e dificultadores durante a coleta dos dados, bem como apresenta as limitações da pesquisa e; (3.3) – comenta alguns dos principais aspectos éticos relacionados à condução da pesquisa e (3.4) – Apresenta os artesãos entrevistados durante a fase empírica do estudo.

- d) Capítulo 4: Destinado à apresentação e a discussão dos dados empíricos da pesquisa. Esse capítulo subdivide-se em (4.1) - apresentação dos artesãos entrevistados durante a fase empírica do estudo e (4.2) - discussão dos resultados do campo pesquisado, à luz do problema objetivado pelo estudo.
- e) Capítulo 5: traz as considerações finais de forma a concluir o estudo e consolidar os resultados da pesquisa.

Dessa forma, reconhecendo-se como real a possibilidade que esse trabalho de pesquisa acadêmica tem de explorar empiricamente o tema apresentado nessa seção e na busca de respostas, em campo, acerca do problema proposto para esse estudo, na sequência, apresenta-se o desenvolvimento das análises teóricas e práticas acerca do assunto sob investigação.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

Tendo em vista o problema de pesquisa orientador deste estudo, apresentam-se os seguintes objetivos geral e específicos:

Objetivo Geral:

Compreender quais são a natureza, os limites e as virtudes do trabalho artífice.

Objetivos específicos

- a) Descrever a natureza empírica do trabalho artífice nos casos estudados;
- b) Investigar quais são os limites presentes no trabalho artífice;
- c) Inquirir quais são as virtudes relacionadas ao trabalho artífice;

1.4 JUSTIFICATIVA TEÓRICA E PRÁTICA

Esta seção destina-se à apresentação das justificativas teóricas e práticas que foram consideradas para o desenvolvimento dessa dissertação de mestrado. Tais justificativas foram concebidas de forma a atender às características destacadas por Castro (1978), as quais devem ser levadas em consideração durante a escolha do tema do estudo. São elas: (a) sua importância; (b) sua originalidade; (c) sua viabilidade. Além disso, Kumar (2005) ressalta que

o pesquisador também deve ter em mente: (d) qual será a relevância do tema a ser investigado para a sociedade; (e) a disponibilidade dos dados; (f) as questões éticas envolvidas.

Portanto, com base nessas informações, apresenta-se a seguir as justificativas teóricas e práticas, que foram levadas em consideração durante a escolha do tema dessa pesquisa.

Justificativa Teórica

- Considera-se ser relevante e de interesse da sociedade a investigação dos potenciais benefícios subjetivos ao estabelecimento de limites à eficiência processual nas organizações de trabalho. Características como qualidade de vida, bem-estar social, economia de recursos naturais e produção/consumo conscientes são consideradas importantes para o presente estudo, pois o entendimento desse contexto poderia contribuir para o surgimento de uma sociedade mais equilibrada e convivencial, onde as ferramentas modernas deveriam prestar serviços de forma integrada para o homem, sendo utilizadas de forma consciente, controlada e limitada, em benefício da coletividade como um todo (ILLICH, 1976). Para este autor, o uso disciplinado das ferramentas modernas contribuiria de maneira significativa para o estabelecimento de uma sociedade convivencial, na qual não se excederia as fronteiras da limitação humana.
- É necessário que a comunidade reflita sobre a existência de organizações que crescem pela canibalização de negócios menores, os quais, muitas vezes, cumprem papel central na vida econômica de pequenas comunidades locais. Nestes termos, a lógica do crescimento indiscriminado pode gerar prejuízos sociais, por exemplo, a destruição de espaços conviviais (ILLICH, 1976). Seguindo essa linha argumentativa, esta pesquisa se orienta pela crítica à eficiência técnica, bem como pelas virtudes que podem decorrer de organizações de trabalho que não se orientam pela eficiência máxima.
- A técnica moderna implica necessariamente em processos orientados pela eficiência máxima (ELLUL, 1968), o que favorece sistemática e automaticamente o desenvolvimento de novas tecnologias. O presente estudo pretende estabelecer uma linha de argumentação dialética, mostrando os riscos decorrentes das práticas que se

baseiam na lógica da eficiência máxima, bem como os benefícios proporcionados pelo modo de trabalho artesanal, o qual, de forma contrária, não é orientado necessariamente para máxima eficiência (SENNETT, 2009).

- A exploração do contexto que envolve questões ligadas aos estudos de Latouche (2009), alertando sobre a importância do abandono do objetivo do crescimento ilimitado e da busca por lucros, poderá contribuir para que o trabalhador se interesse por atividades que não se orientem propriamente pela máxima eficiência operacional. Pretende-se aqui conscientizar a sociedade quanto ao fato de a eficiência técnica favorecer a ideologia do crescimento indiscriminado e, dessa forma, contribuir para o surgimento de efeitos danosos ao meio ambiente e à sociedade (LATOUCHE, 2009).
- Essa pesquisa pretende, ainda, instigar o pensamento crítico acerca do tema sob análise, fomentando novas pesquisas sobre organizações alternativas (não-convencionais), bem como novas formas de trabalho e gestão de negócios, no sentido de contribuir para o aumento do arcabouço de conhecimento científico nessa área de estudo, preenchendo a lacuna bibliográfica existente de estudos empíricos com ênfase nas virtudes do trabalho artífice;
- Esse estudo trata de um tema original. Tal originalidade pôde ser evidenciada após a constatação, por meio da realização de uma revisão bibliográfica internacional, que existe uma carência de estudos que se empenharam na avaliação empírica sobre as virtudes do trabalho artífice. Em tempo: A pesquisa foi realizada por meio de um dos acervos mais relevantes da literatura científica global, o *website* “SAGE Journals” (journals.sagepub.com), também conhecido no meio acadêmico como “Sage Publications”. Metodologicamente, utilizou-se “*craft*” e “*artisan*” como palavras-chave de busca, as quais foram filtradas por meio do parâmetro de pesquisa “*anywhere*”. Inicialmente não foram utilizados outros filtros restritivos, tais como: “*publish in*”, “*publication date*” ou “*access type*”. Como consequência, a ferramenta de busca retornou com 11.424 resultados, dentre os quais, 94 documentos continham tais palavras nos seus respectivos títulos e que, destes, apenas 55 eram classificados como “*research articles*”. Novo filtro foi aplicado, desta vez buscando-se apenas aqueles artigos cujas publicações tivessem ocorrido nos últimos 5 anos. Assim, 22 artigos foram selecionados para as leituras dos seus respectivos resumos.

Em síntese, o resultado desvelou que, apesar de existirem muitos estudos onde o trabalho artífice é o tema central de investigação, em nenhum deles se observou reflexões ou críticas acerca da dominação exercida pela lógica da acumulação de capital, das influências que a técnica moderna causa na sociedade, tampouco sobre o debate contrário à racionalidade instrumental, suas consequências e alternativas. Sobretudo, constatou-se a inexistência de estudos empíricos que investigassem as virtudes do trabalho artífice. Em tempo, tal pesquisa constatou que o estudo que mais discute o trabalho artífice à luz da economia e das organizações, é um trabalho realizado por Munro & O’Kane (2017). Estes autores procederam uma análise sobre pequenas empresas que adotaram os princípios do ofício artífice, suas autonomias e criatividades, como uma alternativa estratégica de negócios, face ao complexo ambiente econômico capitalista e a complexidade das transformações nas grandes organizações. Porém, após a análise do referido artigo, notou-se que esse estudo pouco adere aos objetivos desse trabalho de dissertação.

Justificativa Prática

- A coleta de dados empíricos é relevante para o desenvolvimento de uma linha de argumentação contrária à ideologia dominante nas organizações contemporâneas, cujas diretrizes estão voltadas à máxima eficiência técnica, à acumulação de capital, ao crescimento indiscriminado, a orientação mercadológica e na incessante busca por melhores resultados financeiros, como seus objetivos prioritários;
- Com base nas análises dos dados coletados em campo, bem como no quadro teórico de referência, pretende-se alertar a sociedade sobre os malefícios decorrentes do determinismo da técnica moderna, o qual implica na “eficiência máxima” e contribui para a maximização da produção, a subjetivação do trabalhador e o consumo dos recursos do planeta.
- A presente pesquisa se presta a conscientizar a sociedade quanto ao risco imbricado na falta da adoção de uma postura crítica frente a ideologia da eficiência máxima, do crescimento ilimitado e da indiferença frente à dominação técnica, num contexto que pode expor a humanidade a uma condição de vulnerabilidade socioambiental;

- Pretende-se aqui apontar para a existência de modos alternativos de organizações, bem como modos de trabalhos que não são orientados pela eficiência máxima, que podem ser mais respeitosos ao meio ambiente e adequados à convivialidade humana.

2 QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

Esse capítulo tem o intuito de revisar em profundidade a eficiência técnica (com base na literatura dominante dessa área), esclarecendo o seu conceito e analisando o contexto histórico do desenvolvimento da técnica moderna, como estudado por Jacques Ellul (1968). Ainda, o capítulo apresenta seções dedicadas à discussão da relação entre eficiência técnica e racionalidade instrumental, criticada por Guerreiro Ramos (1989) e por Serva (1996; 1997). Engloba, também, as teorias e técnicas de gerenciamento e critica a obsessão pela busca ilimitada pela eficiência máxima nas organizações contemporâneas. Finalmente, explora conhecimentos sobre o trabalho artífice, o qual não é orientado pela eficiência máxima, bem como a identificação de virtudes que esse tipo de trabalho pode proporcionar. Finaliza com uma síntese da revisão literária internacional (*status quo*) sobre trabalho artífice.

2.1 CONCEITUALIZAÇÃO DE EFICIÊNCIA TÉCNICA

O significado semântico da palavra eficiência, bem como sua raiz etimológica, são informações amplamente difundidas nos meios vernaculares e podem ser encontradas por meio de buscas com o auxílio de ferramentas da *web*. Pode-se tomar como exemplos as definições apresentadas por Houaiss, Aurélio e Michaelis que apontam para “uma capacidade de produzir efeito, efetividade, força”, ou: “capacidade de realizar bem um trabalho ou desempenhar adequadamente uma função”; e ainda: “atributo ou condição do que é produtivo: desempenho, produtividade, rendimento” (<http://michaelis.uol.com.br>).

Ora, como se pode observar, tais definições vernaculares remetem aos discursos hegemônicos, invariavelmente atribuindo à eficiência o significado da maximização dos resultados objetivados, sobretudo sobre o olhar do *management* corporativo, fato que, Gaulejac (2007), é algo contestável.

Para Gaulejac (2007), as ações e as estratégias adotadas pelo *management* corporativo têm por finalidade do atingimento da eficácia, ininterruptamente. Dessa forma, se o *management* se orienta pela busca constante de melhores resultados, a crítica de Gaulejac se baseia no contexto do surgimento natural da competição no contexto das corporações hegemônicas.

Ainda, as organizações experimentam ambientes onde se percebe como normal um colega querer acabar como o outro. Para Gaulejac (2007) as empresas que atuam no mesmo segmento passam a ser consideradas concorrentes ou competidoras. O autor, inclusive, vale-se do termo “*business war*” (GAULEJAC, 2007, p. 25) ao construir sua reflexão acerca da perda da ética do trabalho, sinalizando que tal fato implica numa patologia corporativa extensiva a sociedade.

Assim, a reflexão que se propõe nesse estudo se refere à análise do alerta feito por Gaulejac (2007) quanto aos efeitos da eficiência, causadora, segundo o autor, de subjetividades associadas à constante e crescente pressão sofrida pelos gestores (e extensiva aos trabalhadores de um modo geral) pelo atingimento de metas, objetivos e resultados, estabelecendo-os como fatores de sucesso pessoais e organizacionais (GAULEJAC, 2007).

Não obstante, para além da compreensão vernacular do termo eficiência e, como visto, seus impactos nas gestões das organizações descritas por Gaulejac, esse estudo acadêmico pretende analisar mais especificamente a eficiência técnica, aderente à forma tal como foi descrita por Ellul (1968). Para Ellul (1968), a eficiência é o elemento central da **técnica moderna**, o principal fator contribuidor para o desenvolvimento de todas as tecnologias que marcam a sociedade moderna e que continuam determinando o modo como vivemos até os dias atuais.

Segundo Ellul (1968) a técnica, necessária e automaticamente, implica na eficiência máxima, pois a técnica em si se adapta aos processos onde é empregada, tornando-os melhores e mais eficazes. Além dessa característica, Ellul ainda destaca outras, como apresentadas abaixo:

- a) **Automatismo**, relacionado à racionalidade assumida pela técnica onde os fins podem justificar os meios, isso é, quando os recursos técnicos existentes se adaptam às finalidades propostas pela sociedade que os emprega. Dessa maneira, o meio escolhido proporciona resultados absolutamente mais eficazes, se mostrando o método excelente para a aplicação em questão. A técnica mais eficiente se impõe automaticamente, deixando de ser uma questão de escolha.
- b) **Autocrescimento**, entendida como a autoprodução da técnica. Ellul alega que os problemas gerados pela técnica somente poderão ser resolvidos pela própria

técnica. Para esse autor, o autocrescimento da técnica se dá através da combinação das várias técnicas, a despeito da interferência humana.

- c) **Unicidade**, resultante da impossibilidade da distinção entre a técnica e seu uso. A técnica, assim, se caracteriza por possuir uma única utilização, não cabendo julgamento em termos de critérios, quer sejam estéticos, morais ou religiosos. Inexiste o bom ou o mal-uso da técnica, o justo ou o injusto, o simples ou o complexo. De acordo com Ellul, sendo técnico, há apenas um único uso possível.
- d) **Universalismo**, que se refere aos caracteres tanto da abrangência geográfica adquirida pela técnica, quanto do seu fator qualitativo. A técnica tornou-se presente em todo o globo, em maior ou menor escala de acordo com as características particulares de cada país. Países emergentes, por exemplo, orientam suas ações de desenvolvimento por meio de uma exigência cuja origem é o fenômeno da “tecnificação”. A técnica impõe a transformação da totalidade da vida, causando mudanças de grande amplitude, indo dos modos de trabalho, máquinas e equipamentos, passando pelos processos de administração das organizações e, finalmente, transformando o próprio ser-humano (BARRIENTOS-PARRA, 2011).
- e) **Autonomia**, afirmando que a técnica possui força própria e se desenvolve de acordo com as suas próprias leis e a totalidade das suas regras, independentemente do desejo e da vontade do homem. A autonomia assumida pela técnica se sobrepõe de forma determinante e se coloca acima do bem e do mal, não cabendo julgamento por parte de quem quer que seja.
- f) **Ambivalência**, alertando para o fato de que os efeitos maléficos da técnica são indissociáveis aos seus benefícios. O progresso técnico tem consequências ambivalentes, migrando do lado positivo para o negativo imprevisivelmente.

Outro fenômeno que merece registro é a característica **determinista** da técnica (ELLUL, 1968). Através do determinismo, a técnica se torna capaz de se desenvolver por si só, sem levar em conta importantes fatores humanos, muitos deles relevantes para as diferentes camadas da sociedade, especialmente a classe trabalhadora.

O aprimoramento tecnológico desenvolveu-se à parte das diversas áreas do conhecimento, [especialmente a humanista] e o seu desenvolvimento, centrado em si mesmo, levou a uma interpretação determinista da tecnologia, vista como a única solução para os problemas de desenvolvimento das sociedades, sem que fatores como a dominação de grupos políticos ou a desigualdade entre os povos fossem levados em consideração. (CARVALHO, 2015, p. 64).

Na perspectiva de Ellul (1968), pode-se atribuir à técnica o fato do surgimento de novos conhecimentos capazes de impulsionar a evolução do ser humano, por meio do desenvolvimento de artefatos simples, transformando-os em ferramentas e máquinas cada vez mais eficientes e automatizadas. “A técnica assume hoje em dia a totalidade das atividades do homem” (ELLUL, 1968, p. 02), influenciando decisivamente na eficiência de todos os processos organizacionais, de forma ampla e irrestrita. A história da técnica não se reduz a mera história das máquinas. Para Ellul (1968), esse é um equívoco costumeiramente cometido pelos intelectuais, pois quando se fala em técnica, imediatamente nossa mente é induzida a pensar nas máquinas. Por essa razão, segundo o autor, o mundo em que vivemos é considerado o mundo da máquina, uma vez que a mecânica é o ponto de partida do desenvolvimento de todo o resto. Isso justifica a razão pela qual “a máquina se tornou o objeto que engloba verdadeiramente o sentido da técnica” (ELLUL, 1968, p. 02)

Existe, aliás outra relação entre a técnica e a máquina que nos faz penetrar no coração mesmo do problema de nossa civilização. Sabe-se, e todo mundo está de acordo a esse respeito, que a máquina criou um ambiente inumano. Esse instrumento característico do século XIX irrompeu bruscamente em uma sociedade que, do ponto de vista político, institucional, humano, não estava feita para recebê-lo. Arranjaram-se como puderam. (ELLUL, 1968, p. 3).

A eficiência técnica é, portanto, considerada o elemento motor, dotado de características únicas e indissociáveis, responsável por importantes impactos sociais, políticos, econômicos, mercadológicos e organizacionais ao longo de toda a história moderna, sendo até mesmo capaz de alavancar a própria revolução industrial. “De fato, a revolução industrial não passa de um aspecto da revolução tecnológica” (ELLUL, 1968, p. 44).

Ellul (1968) afirma que a técnica moderna se transformou no mais significativo sinônimo de eficiência, podendo ser entendida como a totalidade dos métodos racionalmente utilizados para o atingimento da eficiência absoluta em todos os campos da atividade humana.

Dessa forma, podemos entender que o uso de termo “eficiência máxima”, por Jacques Ellul, remete na contemporaneidade, ao constante desenvolvimento tecnológico percebido quando se analisa as estratégias empresariais, normalmente voltadas ao crescimento

imperativo e ao aumento da lucratividade, realizada por meio da lógica instrumental de acumulação de capital.

2.2 EFICIÊNCIA TÉCNICA NAS CIÊNCIAS GERENCIAIS

Como consequência da Revolução Industrial, a sociedade passou por grandes transformações (HOBSBAWM, 1962), fato iniciado na Inglaterra e que se alastrou numa reação em cadeia de abrangência global. Através da industrialização, possibilitou-se o aumento da produção, gerando o correspondente aumento do consumo, das melhorias das técnicas comerciais, financeiras e logísticas (ELLUL, 1968). Esse fenômeno progressista beneficiou fortemente a indústria e o sistema capitalista, expandindo-se para todo o mundo (HOBSBAWM, 1962).

A grande revolução de 1789-1848 foi o triunfo não da “indústria” como tal, mas da indústria capitalista; não dá liberdade e da igualdade em geral, mas da classe média ou da sociedade “burguesa” liberal; não da “economia moderna” ou do “Estado moderno”, mas das economias e Estados em uma determinada região geográfica do mundo [parte da Europa e alguns trechos da América do Norte], cujo centro eram os Estados rivais e vizinhos da Grã-Bretanha e França. A transformação de 1789-1848 é essencialmente o levante gêmeo que se deu naqueles dois países e que dali se propagou por todo o mundo. (HOBSBAWM, 1962, p. 17).

Já no início do século XX, alguns estudiosos adotaram os chamados princípios científicos nas formas de gestão das empresas, no sentido do aprimoramento da gestão dos processos industriais de produção. Percebemos, dessa forma, que a administração foi uma das áreas do conhecimento científico mais impactadas pela técnica (CARVALHO, 2015).

Dentre as principais mudanças gerenciais, destacam-se a fragmentação das operações, a especialização e o aumento do controle dos operários (TAYLOR, 1970), a ênfase nas responsabilidades dos gestores (FAYOL, 1990), a implementação da média administração como fator integrativo entre os níveis hierárquicos das fábricas (DRUCKER, 1950; 1990) e, ainda, o aumento da eficiência das organizações através da implementação da burocracia organizacional e sua consequente hierarquização (WEBER, 1940).

Como citado, foi no início do século XX, então, que a administração teve seu status elevado à ciência. Foi também quando surgiram renomados estudiosos no contexto científico-organizacional, cujos trabalhos contribuíram para a concretização de profundas transformações sociais, políticas e econômicas, (TAYLOR, 1970; FAYOL, 1990; DRUCKER, 1950; 1990; OHNO, 1988).

A busca pela eficiência máxima na gestão dos trabalhos industrializados exigiu que as atividades fossem segmentadas em processos e organizadas por meio de métodos racionais (TAYLOR, 1970). Frederick Winslow Taylor, considerado o pai da Administração Científica, focou seus estudos na organização racional das tarefas constituintes do trabalho, criando a chamada Organização Científica do Trabalho (MORAES NETO, 1989). Segundo Taylor (1970), os princípios da administração científica fundamentam-se na aplicação de métodos científicos para administrar o trabalho.

As teorias de Taylor (1970) constituem uma das principais evidências do uso da técnica no contexto das organizações produtivas. Fundamentam-se na premissa da existência da melhor forma de se executar uma tarefa, identificando-a e padronizando-a para que qualquer operário pudesse realizá-la. Dessa forma se maximizaria a eficiência. Taylor (1970) analisou sistemática e obstinadamente as tarefas na indústria, atentando aos movimentos e o tempo necessário para sua realização e as fragmentou até a sua maior simplicidade. Segundo ele, toda e qualquer tarefa, por menor que seja, é relevante e necessita ser estudada para que se projete um melhor método para sua realização.

No *taylorismo* o trabalho passou a ser organizado por processos, onde cada trabalhador é responsável pela realização de uma única tarefa, não se envolvendo ou conhecendo o resultado desse processo, ao seu final. Nesse sistema há padronizações de atividades, bem como a realização de tarefas extremamente repetitivas. Como consequência, o trabalhador demonstra grande rejeição ao sistema, o que provoca manifestações sindicais por meio da articulação de diversos movimentos grevistas. Esse fato corrobora com a perspectiva de Leite (1994) na sua crítica ao processo histórico de resistência dos sujeitos trabalhadores contra a opressão, subjetivação e perda do controle das suas atividades profissionais.

Moraes Neto (1989) afirma que, seguindo o “método científico” aplicado por Taylor, surgiu o conceito de produção por meio de linhas de montagem, específicas por tipos e produtos, implementado por Henry Ford, em 1913. O chamado modelo fordista é conceitualmente considerado como sendo uma socialização do modelo criado por Taylor. O *taylorismo* está relacionado diretamente com a forma padronizada por meio da qual cada indivíduo executa o seu trabalho. Já o modelo de Ford se preocupa com a forma coletiva pela qual o trabalho é realizado, o que se dá por intermédio da utilização de uma esteira onde trabalham vários operários, a qual foi denominada linha de produção e/ou montagem.

Pode-se aplicar sem restrições para a linha de montagem a colocação feita por Marx para a manufatura: “A maquinaria específica do período da manufatura é, desde logo, o próprio trabalhador coletivo, produto da combinação de muitos trabalhadores parciais”. (MORAES NETO, 1989, p. 51).

Após essas considerações, chegamos à seguinte conclusão: o fordismo, a linha de montagem, é um desenvolvimento da manufatura, e não da maquinaria. A linha de montagem leva ao limite as possibilidades de aumento de produtividade pela via da manufatura, do trabalho parcelar. (ibidem, p. 33).

Em última instância, seja qual for o sistema de gestão da produção considerado, o *taylorismo* ou o *fordismo*, a finalidade é sempre a mesma: a de aumentar a eficiência dos processos por meio de melhores técnicas de gestão, da industrialização, da mecanização e/ou do uso de princípios científicos vinculados à administração dos recursos produtivos, humanos ou não (MORAES NETO, 1989).

Pode-se afirmar que tanto o *taylorismo* quanto o *fordismo* revolucionaram os sistemas de gestão empresarial, contribuindo fortemente para uma profunda alteração nas arquiteturas organizacionais e proporcionando um considerável aumento de eficiência operacional. Porém, dadas às características de desses sistemas administrativos, esses não foram bem aceitos pela classe operária (LEITE, 1994).

O trabalho de Lodi (1968) mostra que, na tentativa de minimizar os embates provocados pelo sistema *taylorista/fordista*, Drucker propõe a criação do que se chamou de “média administração”, cujo objetivo principal foi o de integrar os trabalhadores da classe operária com os das áreas administrativas, permitindo todos os empregados uma “*visão de conjunto da empresa e integrá-los aos objetivos da mesma*” (LODI, 1968, p. 94). Na visão do autor isso contribuiria para o surgimento de uma “*atitude administrativa*”, causando orgulho e satisfação aos empregados.

A velha escola tayloriana de administração científica pretendeu eliminar a atitude do operário como fator de produção e raramente ocorreu ao engenheiro industrial ou ao perito em sistemas que a atitude é um fator produtivo. A atitude administrativa entre os operários da produção conduz a um aumento quase explosivo da produtividade e eficiência. (LODI, 1968, p. 94).

Nesse sentido, a mais importante missão da média administração, para Drucker, era a integração. Ele considerava que os administradores de nível médio tinham a habilidade de integrar. E na visão de Drucker a integração surtiria um efeito de elevado aumento na produtividade pois devolveria ao operário um pouco da sua capacidade de criação.

Taylor dividiu o trabalho para facilitar a especialização, e com isso dificultou a integração do homem e tirou dele a ideia da criação: “Nós ainda temos que aprender

como fazer a segunda metade do trabalho do qual Taylor e Gantt fizeram a primeira metade. Eles dividiram as operações em seus movimentos constituintes; nós teremos que juntar os movimentos outra vez para produzir uma operação que se baseie tanto no movimento elementar não-especializado, quanto na capacidade e na necessidade especificamente humana de coordenar”. (DRUCKER, apud LODI, 1968, p. 96).

Outro estudioso que contribuiu grandemente para a melhoria da eficiência gerencial foi Fayol. Na perspectiva de Fayol (1994), a adoção de que ele chamou de “Princípios Gerais da Administração”, é fundamental para o aumento da eficiência operacional das organizações, não importando o tipo de atividades que tal organização possa exercer, ou mesmo, a sua natureza. Souza & Aguiar (2011, p. 205) ressaltam que “o engenheiro francês Henry Fayol (1841 – 1925) é usualmente apresentado aos estudantes de Administração como o ‘Pai da Escola Clássica de Administração’, mas isso demonstra uma representação limitada da amplitude de sua contribuição para a evolução do pensamento administrativo”.

Minha doutrina administrativa tem por objetivo facilitar a gerência de empresas, sejam industriais, militares ou de qualquer índole. Seus princípios, suas regras e seus processos devem, pois, corresponder tanto às necessidades do Exército como às da indústria. (FAYOL, 1994, p. 10).

Alguns estudiosos comparam o *fayolismo* a uma escola de chefes, pois Fayol procurou valer-se da sua grande experiência na indústria para obter sucesso na determinação de regras e procedimentos administrativos, cuja responsabilidade se atribui aos chefes, aqueles indivíduos que se incumbem das funções direcionais e gerenciais na organização. Dessa forma, o pensamento de Fayol relaciona o aumento da eficiência diretamente à aplicação de melhores processos de gestão. Fayol (1994) afirma que tais pessoas (os gestores) não devem agir cada qual à sua maneira e que a eficiência processual depende fundamentalmente das corretas ações e administração dos chefes. No *fayolismo* “toda administração significa previsão, organização, mando, coordenação e fiscalização” (FAYOL, 1994, p. 10), o que, em última instância, são atribuições típicas do corpo gerencial das empresas.

O aumento da eficiência organizacional também pôde se beneficiar por meio dos estudos de Weber (1940), o qual, de forma contrária às teorias clássica científica e de relações humanas, criou a Teoria da Burocracia. Para Weber (1940) havia um excesso de mecanicismo presente teoria clássica, bem como um inocente romantismo na teoria das relações humanas. O autor baseou-se na racionalidade, na formalidade e na impessoalidade, alegando que essa eram características importantes para se alcançar os fins objetivados, dando ênfase na eficiência.

Segundo Weber (1940) as organizações atravessaram transformações devido ao grande crescimento ocorrido naquele período, resultando na necessidade de se promover alterações estruturais nas mesmas. Ele acreditava que o aumento da eficiência organizacional poderia ser alcançado por meio da hierarquização de cargos, pois isso possibilitaria o melhor controle das pessoas de uma determinada organização. Nesse processo preconizado por Weber (1940) os funcionários que ocupavam cargos superiores controlariam os demais, cujos cargos fossem inferiores, valendo-se do poder atribuído à hierarquia burocrática, sejam em instituições públicas ou não.

Complementarmente, seguindo a sequência histórica, cita-se ainda Taiichi Ohno, o engenheiro chefe da *Toyota Motor Company*, que fundou um sistema ainda mais revolucionário e eficiente e produção, denominado Sistema Toyota de Produção (STP), também chamado de *toyotismo*. Esse sistema, pela sua alta eficiência, por ser “flexível e enxuto”, suplantou o sistema *taylorista-fordista*, chegando a ser considerado “um tipo ideal transnacional de produção moderna, pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT)” (APOLINÁRIO, 2016, p. 06).

O Sistema Toyota de Produção (STP) foi concebido fundamentalmente sob a égide da melhoria contínua e do aperfeiçoamento constante para a obtenção da maximização da eficiência técnica dos processos produtivos, cujo foco principal reside na eliminação de desperdícios. Para Ohno (1988) quaisquer desperdícios representam perdas de esforços e implicam no aumento do consumo de materiais e tempo. Dito em outras palavras, o STP objetiva a máxima eficiência técnica possível, numa organização sistemática de trabalho instituída com ênfase na agregação de valor. A lógica do sistema fundado por Ohno (1988), está na identificação e na eliminação de todas e quaisquer atividades que não agregam valor, ou seja, aquelas que geram custos sem a devida compensação (pagamento) por parte dos clientes. Taiichi Ohno fundou o STP com a colaboração de outros especialistas, tais como Kaoru Ishikawa (criador dos Círculos de Controle de Qualidade), Masaaki Imai (que adaptou a filosofia *Kaizen* à indústria); William Edwards Deming (idealizador de várias ferramentas de gestão de qualidade), entre outros (APOLINÁRIO, 2016).

Mas o que há de comum entre os trabalhos feitos por Taylor, Fayol, Ford e, mais recentemente, no sistema de produção da Toyota, criado por Ohno? A resposta remete à eficiência técnica, justamente o elemento central apontado por Ellul (1968). Todos esses

estudiosos se ocuparam, invariavelmente, de aplicar técnicas mais eficientes (e mais modernas, cada qual à sua época) para impelir vantagens quantitativas e qualitativas às indústrias a partir da organização do sistematizada do trabalho, do controle da produção e da administração dos recursos empregados nos processos produtivos, aumentando a sua eficiência.

Em resumo, pode-se então dizer que, sob a perspectiva utilizada por Santos et al. (2014, p. 193) em um estudo realizado sobre as contribuições da Administração, enquanto Ciência, para a Administração, em si:

É com base na fundamentação teórica da Escola Neoclássica da economia que surgem os primeiros estudos da Administração. Como exemplos claros para essa argumentação, temos os trabalhos desenvolvidos por Frederick Taylor, *Princípios da Administração Científica*, publicado originalmente em 1911, e o de Henri Fayol, *Administração Industrial e Geral*, em 1916. Esses estudos estavam, efetivamente, voltados para a busca de respostas práticas e objetivas aos problemas de organização, produtividade e controle do sistema produtivo existente naquele momento. Para eles, a eficiência organizacional dar-se-ia a partir do planejamento e do controle do sistema produtivo, cabendo à Administração a tarefa de coordenar os fatores de produção com vistas a atingir tal objetivo. Santos et al. (2009, p. 926) afirmaram que “desse momento em diante, ainda que a análise administrativa incorporasse ao seu repertório conceitos de cultura, valor e ética, a Administração nunca perdeu de vista a sua racionalidade instrumental no âmbito das organizações”. Isso significa dizer que, mesmo com o surgimento de diversas correntes do pensamento administrativo, como os comportamentalistas, estruturalistas, sistêmicos, contingenciais, entre outras, ainda assim prevalecem os fundamentos da Escola Neoclássica da economia [...]. (SANTOS et al., 2014, p. 193).

Em meio a esse processo histórico-evolutivo, está o surgimento do capital e a sua instrumentalização em termos da sua forma assumida de valor. Para Marx (1996), a forma de valor (do capital), na sua figura acabada (o dinheiro), é muito simples e vazia de conteúdo. Mesmo assim o espírito humano tem procurado fundamentá-la, em vão, há mais de 2.000 anos, enquanto, por outro lado, teve êxito, ao menos aproximado, a análise de formas muito mais complicadas e repletas de conteúdo. Aqui Marx se refere à relação entre o capital, em si, representado pelo dinheiro, e o sistema capitalista. Essa relação, no seu curso de desenvolvimento, e a inerente necessidade de auto reprodução, se transformou num fator gerador de perversos impactos à sociedade, o que se dá por meio da lógica instrumental de acumulação de capital.

Marx considerava o capital como sendo o principal eixo motor da sociedade moderna. Mas para Ellul (1968), se Marx tivesse vivido no início do século XX, ele escreveria sobre a técnica, pois vale notar que, segundo Ellul (1968) a técnica, quando orientada para a eficiência se aplica também a contextos não orientados para o lucro. É necessário, porém,

reconhecer que o desenvolvimento capitalista funcionou como um acelerador para a dominação técnica na contemporaneidade.

De acordo com Vizeu (2010), o sistema capitalista evolui e assume formas mais modernas de atuação. Uma dessas formas é a institucionalização da figura do administrador profissional, uma forma que se vale claramente da aplicação de métodos de controle da produção (e conseqüentemente, da eficiência técnica para a instauração de ações de melhorias contínuas) como forma de busca do aumento da eficiência objetivando-se a maximização do lucro, do crescimento ilimitado e da maior participação de mercado.

Entende-se que, atrelado ao aperfeiçoamento do capitalismo, resultando no surgimento do novo sistema de administração, como ressaltado por Vizeu (2010), segue-se também diversos avanços tecnológicos, ditos gradativamente mais eficientes, possibilitando a rápida instauração do sistema industrializado, cada vez mais voltado à produção máxima, ao aumento do consumo e aos melhores resultados econômicos.

Na contemporaneidade se pode observar que, mais do que nunca, as empresas intensificam ainda mais os esforços na busca incessante pela máxima eficiência operacional. O atingimento, pela técnica moderna, do sucesso corporativo se tornou uma obsessão. Tudo o que se planeja, tudo o que se faz, tudo o que se realiza deve, seguindo essa ideologia instaurada no globo, deve acontecer o mais rapidamente quanto for possível e, adicionalmente, necessita ter um resultado próspero e rentável. Essa ideologia é, muito provavelmente, uma perversa consequência da revolução industrial, gerada pela ação da técnica moderna, da institucionalização do valor do capital e da dominação do sistema capitalista, o qual deu rédeas às estratégias que buscam o crescimento infinito, a melhoria contínua e dá um novo significado à eficiência processual. As organizações modernas nos levam diretamente para um caminho de risco, direcionando a sociedade para um cenário crítico e nefasto

2.3 CRÍTICAS À EFICIÊNCIA TÉCNICA

O emprego de métodos científicos na Administração dos processos produtivos gerou um grande descontentamento na classe operária e, inevitavelmente, provocou diversos movimentos de resistência da classe trabalhadora contra degradação do trabalho no contexto capitalista (LEITE, 1994; BRAVERMAN, 1974). Engendrados nesse contexto, vários estudiosos se mostraram particularmente contrários à lógica da dominação técnica, à busca

constante da produtividade, à orientação mercadológica e ao crescimento econômico como elementos invariavelmente favoráveis, servindo comumente para o alavancamento de um objetivo maior: a acumulação de capital (ELLUL, 1968; ILLICH, 1976; LATOUCHE, 2009; BRÜSEKE, 1998; SEIFERT & VIZEU, 2015; SCHUMACHER, 1977; ADORNO, 1985; HORKHEIMER, 1969; MARCUSE, 1965).

Os impactos desencadeados pelo desenvolvimento da técnica (ELLUL, 1968), desencadearam um fenômeno que, no entendimento de Illich (1976), inverteu a ordem natural das coisas. Segundo Illich (1976), os processos industriais escravizam o homem, fazendo com o que este deixe de dominar o instrumento tecnológico e passe a ser dominado por ele. Dessa forma, Illich (1976) considera que o homem se tornou escravo da ferramenta e vive numa espécie de sociedade sem alma, formada por indivíduos frustrados e incompatíveis com o modo de produção industrial, pois o processo segmentado da indústria moderna, o uso da ferramenta e o controle exercido sobre os trabalhadores (nos moldes impostos pelo *taylorismo/fordismo*, Moraes Neto, 1989) e geridos da forma idealizada pelo *fayolismo* (FAYOL, 1994), transforma o sistema industrial num fator inibidor da criatividade humana.

O uso desenfreado da tecnologia na contemporaneidade, onde se busca formas cada vez mais eficientes de crescimento organizacional, não leva em conta os fatores humanos e menos ainda os limites ambientais do planeta (SCHUMACHER, 1977). O centro da argumentação crítica de Schumacher (1977) reside na contextualização de uma nova perspectiva onde a educação, mais do que os recursos naturais, deve ser encarada como o mais importante recurso na economia. Schumacher propõe, também, uma relação em que o meio ambiente seja respeitado, em detrimento às consequências sobre o planeta, dotado de recursos finitos.

Há universal concordância quanto ao trabalho humano ser uma fonte fundamental de riqueza (SCHUMACHER, 1977). Porém tal riqueza tem exigido um nível cada vez maior de dedicação e envolvimento do trabalhador a ponto de se relacionar o seu trabalho a uma atividade sacrificante. Em contrapartida os trabalhadores são desvalorizados pela grande maioria das pessoas da classe empregadora. Na economia moderna o trabalhador é visto apenas como “custo”, uma mera mão-de-obra passível de descarte, caso tal decisão dependesse apenas dos resultados dos frios cálculos econômicos.

Ora, o economista moderno foi levado a reputar o trabalho ou “mão-de-obra” como pouco mais de um mal necessário. Sob o ponto de vista do empregador, é, de

qualquer forma, uma parcela dos custos, a ser reduzida ao mínimo se não puder ser de todo eliminada, digamos, pela automação. Sob o ponto de vista do trabalhador, é uma ‘desutilidade’; trabalhar é sacrificar seu próprio lazer e conforto, e os salários são uma espécie de compensação pelo sacrifício. Daí o ideal, sob o ponto de vista do empregador, ser o de conseguir produção sem empregados, e o do empregado ter rendimento sem emprego. (SCHUMACHER, 1977, p. 54).

De acordo com Latouche (2009) é imprescindível que a sociedade entenda o risco de uma iminente crise social, política, econômica e ecológica, causada pelas atividades pautadas pelo sistema capitalista de acumulação de capital, da forma que a humanidade a prática na contemporaneidade. Para Latouche, faz-se necessária uma mudança civilizacional, nos moldes da sua proposta de “decrescimento sereno”.

O sistema capitalista possui um único fim, que é o crescimento pelo crescimento (LATOUCHE, 2009). Isso faz com que os limites de regeneração dos recursos naturais do planeta sejam ultrapassados. Para confrontar essa situação, Latouche propõe uma mudança radical, a qual é composta por três passos distintos: “avaliar o alcance do decrescimento, propor, como alternativa, uma utopia concreta do decrescimento e especificar os meios de sua realização” (LATOUCHE, 2009, p. 15).

A visão de Latouche está em concordância com a perspectiva de Schumacher, já citado anteriormente. Schumacher (1977) defende a beleza de ser pequeno. No centro da proposta desse autor está a ideia da **imposição de limites ao crescimento** vinculado à eficiência técnico-econômica, tendo em vista que as grandes corporações prejudicam as relações econômicas, do ponto de vista da natureza e das relações de trabalho. Indo mais além, sua proposta está relacionada com as pequenas propriedades, com os pequenos negócios que podem usar de maneira mais sensível e favorável os recursos naturais, além de ter uma maior preocupação com as questões humanas.

Nesta direção Schumacher (1977) aponta como exemplo a “economia budista”. Considera que, se no modelo econômico dominante a acumulação de capital é um apelo generalizado, no budismo, ao contrário, o homem sempre é julgado mais importante do que os bens, assim como a atividade criadora sempre terá um caráter superior de importância do que o consumo (SCHUMACHER, 1977). Falando de outra forma, as pessoas sempre terão uma maior ênfase do que objetos materiais. De acordo com Schumacher (1977), pessoas materialistas priorizam a acumulação de bens. Diferentemente, os budistas se preocupam com a libertação e isso, de formam alguma, se contrapõe ao bem-estar físico.

Seguindo esse tom, Seifert & Vizeu (2015) criticam o fato de o crescimento organizacional ter se tornado, historicamente, uma ideologia administrativa supostamente associada a “benefícios”, tais como a expansão do emprego, prosperidade e qualidade de vida. Os autores estabelecem uma reflexão crítica com base num estudo de perspectiva histórica, cujo objetivo é “estimular o pensamento crítico sobre os pressupostos de expansão ilimitada de tamanho, lucros e vendas nas organizações” (SEIFERT & VIZEU, 2015, p. 128). Não é difícil estabelecer a conexão entre esta crítica e a dominação técnica. Mais do que isso, por traz da ideologia do crescimento, está a ideia do rompimento incondicional de limites em todos os sentidos, inclusive o uso abusivo dos recursos materiais renováveis do planeta. Característica necessária da técnica tal como aponta Ellul (1968): autocrescimento.

Obviamente, o aumento volumétrico da produção requer o emprego cada vez maior de recursos físicos, energéticos e humanos. Dito de outra forma, quanto maior for o volume de produção, tanto maior será o consumo de matérias-primas, energia e o emprego de pessoas. Dessa forma, de acordo com Schumacher (1977), as depredações cometidas contra os recursos mundiais não-renováveis, particularmente os de combustíveis fósseis, são tais que sérios estrangulamentos, bem como o risco das suas virtuais exaustões nos aguardam logo adiante, num futuro bastante previsível.

Um dos indicadores mais significantes capazes de expressar a evolução da degradação dos recursos naturais e seus impactos sobre o meio ambiente é aquele que relaciona as mudanças climáticas vivenciadas globalmente ao aumento da emissão de gases de efeito estufa (GEE). O Painel Intergovernamental de Mudança Climática (IPCC, 2014) define mudanças climáticas com sendo as mudanças no estado do clima percebidas por alterações ou na variabilidade da média das propriedades climáticas, as quais persistam por décadas. O IPCC foi criado em 2008 e fornece uma visão científica sobre o estado atual das mudanças climáticas e do potencial risco socioeconômico dos impactos ambientais. Segundo o relatório do IPCC (2007), a concentração de dióxido de carbono, de gás metano e de óxido nítrico na atmosfera global tem aumentado marcadamente como resultado de atividades humanas desde 1750, e tem ultrapassado, em muito, os valores da pré-industrialização. Dados mais atuais (2014), extraídos do relatório dessa mesma organização alertam sobre o crescente aquecimento tanto da atmosfera quanto dos oceanos. Advertem também quanto ao aumento dos níveis das águas dos mares decorrentes do derretimento de vastas camadas de neve e gelo.

Cada uma das últimas três décadas registrou o aquecimento sucessivo da superfície da terra numa escala maior do que décadas precedentes desde 1850. O período entre 1983 e 2012 foi marcado como os trinta anos mais quentes dos últimos 1400 anos no hemisfério norte, região onde esse tipo de análise é possível, segundo um grau médio de confiabilidade. Os dados globais combinados da temperatura da superfície terrestre e oceânica, calculados por uma tendência linear, mostram um aquecimento de 0,85 °C (de 0,65 para 1,06 °C) sobre o período de 1880 a 2012, desde quando a produção de dados dessa natureza existe. (tradução independente de fonte: IPCC – Relatório de Mudanças Climáticas, 2014).

Calcula-se que a humanidade consome quase 30% acima da capacidade de regeneração da biosfera (IPCC, 2012). Como alternativa para mitigar esta situação, debate-se, inclusive, a possibilidade do “controle massivo da população ou a redução, principalmente do terceiro mundo” (LATOUCHE, 2009, p. 31). Sabe-se, entretanto, que a superpopulação é apenas parte do problema e que numa perspectiva mais ampla, a sociedade carece de drásticas mudanças culturais de tal forma a saber dividir os recursos de maneira equitativa e ética. Latouche (2009) afirma que já nos encontramos hoje numa situação bastante crítica, chegando a flertar com as fronteiras da catástrofe. É preciso uma reação rápida e muito enérgica para mudar o destino do nosso planeta (LATOUCHE, 2009).

É certo que a técnica tem o seu lado positivo, nos possibilitando a criação de produtos de grande utilidade, os quais trazem conforto e agregam valor nas nossas vidas profissionais e privadas (BARRIENTOS-PARRA, 2011). Contudo, como nos alertou Ellul (1968), a técnica é ambivalente. Isso torna os efeitos nefastos da técnica inseparáveis dos seus benefícios, de forma imprevisível e incontrolável. Essa é a principal motivação considerada pelos críticos práticos da aplicação da técnica moderna: a mesma técnica que constrói aviões e melhoram os sistemas de transportes de longo alcance, também constroem bombas com poderes de destruição cada vez maiores (ELLUL, 1968). E os mesmos aviões que transportam pessoas, também transportam as bombas e são capazes de as lançar sobre cidades distantes. O aumento da eficiência técnica pode ser traduzido em números alarmantes. Os dados apresentados por Brüseke (1998) remetem a exemplos que denotam os malefícios que podem advir da melhoria da eficiência associada à técnica militar ao comparar o número de mortes ocorridas na Primeira Guerra Mundial (cerca de 8,5 milhões) com aquelas verificadas na Segunda Guerra Mundial (aproximadamente 55 milhões, além de cerca de 35 milhões de pessoas feridas e 3 milhões de pessoas desaparecidas).

Existem críticas que se posicionam de forma ainda mais contundente sobre o uso da técnica, relacionando à indissociabilidade da técnica com o seu lado negativo. Brüseke (1998,

p. 5) denomina tais críticas diretas como “críticas práticas” e apresenta o exemplo da manifestação dos tecelões da Silésia e Böhmen, fato ocorrido em 1844 (e na Inglaterra, no início do séc. XIX), quando trabalhadores destruíram teares nas fábricas, por atribuírem a essas máquinas a principal razão do desemprego, da fome e da miséria que se instaurou naquelas localidades após a Revolução Industrial. Já no plano teórico, Brüseke (1998) aponta importantes autores que adotaram posturas contrárias às práticas da técnica e que desenvolveram críticas contundentes à suas forças produtivas. Entre eles destacam-se: Heidegger, Horkheimer, Adorno, Leibniz, Marcuse e Gehlen.

Segundo Brüseke (1998), algumas das críticas à técnica desenvolvidas por esses teóricos chegaram a inaugurar novos contextos de reflexões. Uma mostra disso, de acordo com Brüseke (1998, p. 11)), é a abordagem de Heidegger sobre a técnica, o qual “entende a sociedade contemporânea como presa no desocultamento técnico do Ser”. Essa crítica é considerada filosófica, e não uma apologia.

O Ser subtrai-se (entzieht sich) no mesmo processo que desoculta-o tecnicamente. Com essa argumentação apresenta Heidegger algo novo e no contexto das críticas à técnica, bastante original. A crítica à técnica deixa ser, nessa perspectiva, uma crítica à técnica como meio, mal-usado e mal proporcionado, e revela que toda modernidade é, até as suas raízes mais profundas, técnica. Como tal ela corre o risco de perder, no auge do aperfeiçoamento das ciências e dos instrumentos e métodos que descobrem cada vez mais detalhes sobre o funcionamento das coisas, o essencial. (BRÜSEKE, 1998, p. 11).

Heidegger, segundo Brüseke (1998), não costumava se referir, nas suas críticas, diretamente à técnica moderna. Para Heidegger a modernidade da técnica aparentava estar diretamente relacionada a um fenômeno cujo significado pode ser atribuído ao início da era moderna, ou mais precisamente, das ciências modernas. Heidegger argumenta que, tanto a ciência positiva quanto a sociedade de consumo, carecem de críticas de maior profundidade (BRÜSEKE, 1998).

Nesse ponto o pensamento de Heidegger se aproxima, filosoficamente, a críticos contemporâneos da sociedade industrial, como Horkheimer e Adorno, os quais concentraram esforços no sentido da ampliação da discussão sobre o “mundo atrás das fachadas da cultura industrialmente produzida e tecnicamente reproduzível” (BRÜSEKE, 1998, p. 14).

Horkheimer e Adorno, fugindo das intolerâncias e repressões impostas pelo regime nacional-socialista alemão (durante o período da segunda guerra mundial), buscaram refúgio nos EUA, onde escreveram juntos a obra “A Dialética do Esclarecimento” (BRÜSEKE, 1998,

p. 23). Uma das partes dessa obra trata da crítica à sociedade moderna, através da reflexão sobre as experiências vividas pela sociedade industrializada, dominada pela cultura do consumo em massa. Horkheimer e Adorno afirmam que a técnica é a essência do saber necessário para o entendimento do desencantamento, da libertação de mitos sociais e da substituição da imaginação por conhecimentos dos fatos e da realidade (BRÜSEKE, 1998).

Segundo eles, a dominação do homem sobre o próprio homem se dá por meio da técnica. Da mesma forma, a técnica empodera e institui a desigualdade entre classes, favorecendo a dominação das classes sociais mais fortes sobre as mais fracas (BRÜSEKE, 1998).

Sobre essa discussão, Brüseke também cita Leibniz, o qual apresentou o Princípio do Fundamento, pelo qual nenhum efeito ocorre sem causa, considerado o ponto de partida do pensamento científico moderno (BRÜSEKE, 1998). Tal princípio está sobremaneira associado ao impulso proporcionado pela revolução técnica, fortalecendo o desenvolvimento da produção industrial-capitalista. Heidegger considera que “sem esse princípio poderoso e grande, não existiria a ciência moderna, sem a tal ciência não existiria a universidade de hoje” (BRÜSEKE, 1998, p. 15).

Não obstante, na modernidade o Estado político é influenciado pela técnica moderna, também se transformando num objeto de críticas. Um dos acadêmicos que se destaca nessa abordagem crítica ao Estado é Marcuse, o qual ressalta o conteúdo político da técnica (BRÜSEKE, 1998). Marcuse questiona a posição submissa e conservadora adotada pelos políticos, rendendo-se ao cálculo econômico e aos interesses das classes mais abastadas da sociedade, cuja dominação, similarmente, se articula por meio da técnica.

Tal vertente politicamente conservadora é tratada pelo antropólogo Arnold Gehlen (1904 – 1976), o qual trabalhou no Instituto de Sociologia da Universidade de Leipzig, Gehlen é considerado um dos poucos autores cuja notoriedade atravessou as fases de pré- e pós-guerra (BRÜSEKE, 1998). Segundo Brüseke (1998), Gehlen afirma que a técnica era considerada, segundo a tradição da crítica da cultura alemã, como ameaçadora, tanto à cultura quanto à personalidade dos indivíduos, influenciando um futuro dotado de tendências de massificação social e, graças à técnica, marcadas pela uniformização e passível de manipulação (BRÜSEKE, 1998).

Brüseke (1998) menciona ainda o fato de Gehlen se mostrar, desde cedo, sensível à questão da substituição de fontes renováveis de energia (orgânicas) por fontes energéticas inorgânicas. Esse fenômeno foi determinado pelas inovações técnicas. De fato, o maior desempenho requerido pela modernização da técnica, exigia correspondentemente maiores quantidades de energia. Como consequência, por exemplo, se fez necessária a substituição da força muscular dos trabalhadores (e dos animais) pela força mecânica obtida por meio da queima de combustíveis fósseis, como carvão ou petróleo, culminando na utilização da energia nuclear, um tipo de energia extremamente perigoso para a humanidade.

2.4 TÉCNICA, RACIONALIDADE E A VIRTUDE DO TRABALHO ARTÍFICE

No intuito de se analisar criticamente a maneira como a busca pela eficiência técnica se transformou numa obsessão nas organizações contemporâneas, o que contribuiu decisivamente para a dominação da racionalidade instrumental nas organizações (GUERREIRO RAMOS, 1989), estabelece-se aqui uma linha de análise histórica, cujo objetivo é a tentativa de identificar os fatos mais relevantes que favoreceram o processo de migração do trabalho, de modos de produção não orientados pela lógica capitalista da eficiência máxima, para modos de produção orientados para a eficiência máxima. De acordo com Sennett (2009) essa é uma das principais transformações no mundo do trabalho desde a Idade Média, quando o trabalho artífice era dominante (SENNETT, 2009). Além disso, esta seção busca estabelecer uma relação teórica entre a possibilidade de a organização social orientar-se por valores de base racional substantiva, tal como defende Guerreiro Ramos (1989), e a identificação das virtudes do trabalho artífice, objetivo deste estudo.

A sociedade industrial moderna instituiu-se por meio do desenvolvimento da técnica (ELLUL, 1968) e da perspectiva histórica da tecnologia (GAMA, 1986). A associação desses fatores contribuiu para a consolidação das Revoluções Industriais na Inglaterra e França (HOBSBAWM, 1962). Em consequência, os trabalhadores artesãos passaram a ser pressionados a migrarem das suas oficinas domésticas (SENNETT, 2009) para as indústrias, trocando suas forças de trabalho por salários e empregando um determinado número de horas diárias de trabalho nas empresas privadas, sob condições determinadas em contratos (BRAVERMAN, 1981).

O modo de produção industrial foi sendo aprimorado constantemente por meio do emprego de técnicas, cada vez mais eficientes, tanto na construção de novas máquinas e

ferramentas (ELLUL, 1968), quanto na instauração da produção industrial massificada, na expansão do comércio e na instauração do sistema capitalista (MARX, 1996). Este processo de evolução das indústrias também se beneficiou de técnicas gerenciais, como por exemplo, a criação da Organização Racional do Trabalho - ORT (TAYLOR, 1970) e, assim, permitindo a total dominação da racionalidade instrumental no contexto organizacional, tal como pioneiramente observado e denunciado por Guerreiro Ramos (1989).

Para Guerreiro Ramos (1989), a teoria das organizações, da forma como tem prevalecido, é ingênua na medida em que se deixa dominar pela racionalidade instrumental. Na sua visão, a ingenuidade das Teorias Organizacionais tem sido o fator fundamental do sucesso prático da racionalidade instrumental. Ademais, cumpre reconhecer que esse sucesso exerce um impacto desfigurador sobre a vida humana associada (GUERREIRO RAMOS, 1989).

Conforme Guerreiro Ramos (1989), desde há muitos anos pode-se observar que o desenvolvimento econômico, ligado ao sistema capitalista, ao mercado, ao incentivo direcionado ao consumo em massa e à acumulação de capital é, compartilhando do pensamento de Lorde Keynes (1932), decorrente da avareza inerente aos seres humanos, da usura e da precaução. Keynes (1932), afirma que muitas pessoas optam por interromper suas críticas à teoria organizacional corrente, justamente em detrimento da sua funcionalidade. E agindo dessa maneira, demonstram um certo grau de ingenuidade, admitindo fatores contrapostos, onde o certo é o errado, e o errado é o certo. É uma forma de fraude auto imposta que gera tensões e demanda uma grande carga de energia psicológica do indivíduo pois vai de encontro com as normas de legitimação da sociedade.

Guerreiro Ramos (1989) alerta que a palavra ingenuidade é usada no sentido como fora empregado por Husserl (1965), o qual reconheceu que a essência do sucesso tecnológico e econômico das sociedades industriais desenvolvidas tem sido uma consequência da intensiva aplicação das ciências naturais. No entanto, a capacidade manipuladora de tais ciências não constitui, necessariamente, uma indicação da sua sofisticação teórica. Assim, de acordo com Husserl (1965), na medida em que essas ciências admitem como evidente, por si mesmo, o tipo pré-refletido da vida cotidiana, ficam elas no mesmo nível de racionalidade das pirâmides do Egito (HUSSERL, 1965).

Também a ingenuidade, atribuída por Husserl (1965) à ciência natural, pode ser tolerada em função da sua produtividade. Mas essa tolerância não pode ter vez no domínio social, onde premissas epistemológicas errôneas passam a ser um fenômeno cripto-político, dito em outras palavras, uma dimensão normativa disfarçada imposta pela configuração de poder estabelecido (GUERREIRO RAMOS, 2008).

Para Guerreiro Ramos (2008) o elemento central de operação da racionalidade instrumental é o cálculo utilitário de consequências. Aproximando-se de Hobbes (1974), Guerreiro Ramos argumenta que o cálculo utilitário está imbricado à razão instrumental e essa, por sua vez, depende das condições individuais da psique humana. No sentido antigo a razão era entendida como força ativa na psique humana que habilita o indivíduo a distinguir entre o bem e o mal, entre o conhecimento falso e o verdadeiro e, assim, a ordenar sua vida pessoal e social. Mais ainda, a vida da razão na psique humana era encarada como uma realidade que resistia à sua própria redução a um fenômeno histórico ou social (GUERREIRO RAMOS, 1989).

Em tempo, para facilitar o entendimento das proposições de Guerreiro Ramos, Azevedo & Albernaz (2015) ressaltam a importância de se considerar a magnitude da concepção “guerreiriana” de humanismo. Para os autores, ela é composta por múltiplas dimensões, incluindo (a) corpo e experiência corpórea, (b) estrutura psíquica, experiência psíquica e personalidade e (c) espírito e intelecto. Tal concepção humana, dessa forma ampla e multidimensional, esteve presente não só nos trabalhos de Guerreiro Ramos, mas também nas suas interações com a realidade. (AZEVEDO & ALBERNAZ, 2015)

Ampliando ainda mais essa discussão, Azevedo & Albernaz (2015) esclarecem que Guerreiro Ramos parte do pressuposto fundamental de que a razão, eminentemente, é um atributo humano, o que está em linha com a concepção de Aristóteles. Por sua vez, Hobbes (1974) atribui à razão uma espécie de articulação sistemática que dotaria o indivíduo da capacidade da realização do cálculo utilitário das consequências, sendo essa habilidade, algo capaz de privar a razão de qualquer papel normativo no domínio da construção teórica da vida humana associada (HOBBS, 1974). A racionalidade instrumental, então, pode ser entendida como a capacidade de se exercer a própria razão. E de forma geral, naturalmente, tal capacidade difere de indivíduo para indivíduo.

Portanto, desde os adventos das revoluções comercial e industrial, o caráter de restrito alcance teórico da ciência social tem sido o motivo do seu grande sucesso, tanto operacional quanto prático. Todavia o crescimento acentuado do mercado tem afetado consideravelmente o bem-estar humano.

Os resultados atuais da modernização, tais como a insegurança psicológica, a degradação da qualidade de vida, a poluição, o desperdício à exaustão dos limitados recursos do planeta, e assim por diante, mal disfarçam o caráter enganador das sociedades contemporâneas. A auto definição das sociedades industriais avançadas do Ocidente como portadoras da razão está sendo diariamente solapada e é, na realidade, tão largamente desacreditada que se fica a imaginar se a legitimação de tais sociedades, exclusivamente à base da racionalidade funcional, continuará, dentro em pouco, encontrando neste mundo quem acredite nela. Esse clima de perplexidade pode viabilizar uma reformulação teórica de enorme magnitude. (GUERREIRO RAMOS, 1989, p. 22-23).

Pode-se entender que as críticas da razão moderna, contrária a racionalidade instrumental e seus efeitos na sociedade, são um conjunto de ações imprescindíveis para a manutenção do equilíbrio social, pois são peças fundamentais de preparação do caminho do desenvolvimento de uma nova ciência da sociedade e das organizações. Para tanto, aponta para o papel e importância da racionalidade substantiva, que se contrapõe a racionalidade instrumental.

Segundo Guerreiro Ramos:

A racionalidade substantiva sustenta que o lugar adequado à razão é a psique humana. Nessa conformidade, a psique humana deve ser considerada o ponto de referência para a ordenação da vida social, tanto quanto para a conceituação da ciência social em geral, da qual o estudo sistemático da organização constitui domínio particular. (GUERREIRO RAMOS, 1989, p.23).

Consequentemente, o papel da racionalidade substantiva na estruturação da vida humana associada é um tema que deve ser debatido amplamente, pois como se pode perceber, estando a razão na psique humana, a mudança deverá partir das ações de cada indivíduo e após, gradativamente, deve ser compartilhada de forma associada a tantas outras pessoas quanto for possível, em prol do bem-estar da humanidade.

Entendemos que esta reflexão se faz importante, pois refere-se às relações que se pode estabelecer entre a racionalidade substantiva e as virtudes do trabalho artífice no contexto do domínio social e organizacional determinados pela lógica da eficiência técnica. É importante esclarecer que, de acordo com Ellul (1968), uma das características da técnica é o universalismo. Através desse princípio, a técnica assumiu uma dimensão qualitativa, se tornando totalitária. Para Ellul (1968) a lógica da técnica extrapola dimensões geográficas, se

faz presente e se instaura em quaisquer lugares onde se possam imaginar. Pela lógica da eficiência técnica toda organização deve seguir um caminho “natural” que condiciona de forma autônoma o contínuo crescimento da própria técnica.

Nestes termos, reconhecemos que a racionalidade substantiva é fator central para a constituição empírica de espaços de produção e trabalho distintos da lógica técnica dominante, tal como, neste estudo, se considera o espaço de produção artífice. São os valores que definem a racionalidade substantiva que entendemos configurar as virtudes do trabalho artífice, as quais o presente estudo busca identificar.

Este trabalho de pesquisa pretende explorar esse tema e fornecer subsídios capazes de fomentar a discussão acerca das virtudes vinculadas a racionalidade substantiva e presentes num modo de produção não orientado pela eficiência máxima: o modo de produção artífice. Reconhecemos que, apesar de não exaustiva, as amarras teóricas estabelecidas aqui permitem o autor continuar neste interesse e que estudos futuros poderão avançar a vinculação teórica entre a racionalidade substantiva e as virtudes do trabalho artífice. A próxima seção destina-se a apresentar em maior profundidade as características do trabalho artífice tal como consideradas na literatura especializada. Acredita-se que esta revisão favorecerá o reconhecimento teórico proposto aqui.

2.5 EFICIÊNCIA TÉCNICA E O TRABALHO ARTÍFICE

O interesse que o tema “trabalho artífice” tem despertado nos estudos organizacionais vem se mostrando crescente ao longo dos últimos anos (FARIA & DA SILVA, 2016; MARQUESAN & FIGUEIREDO, 2014; FIGUEIREDO, 2014; GRANDE et al. 2012; OLIVEIRA, CAVEDON & FIGUEIREDO, 2012, HERNANDES, 2016). Esse fato provavelmente se justifica devido ao aumento da quantidade de indivíduos que se ocupam com atividades dessa natureza. Segundo os dados do IBGE (2010), aproximadamente 8,5 milhões de brasileiros se declararam trabalhadores artífices na década passada.

Entretanto, cabe esclarecer aqui que o trabalho artífice, objeto dessa pesquisa, se refere àquele trabalho que se aproxima do ofício tal qual descrito por Sennett (2009), o qual consiste na atividade realizada com as mãos e com a mente do homem almejando a criação de produtos e objetos cujas finalidades estão voltadas mais para suas funcionalidades em si, e não propriamente a objetos essencialmente ornamentais.

Portanto, é fundamental que se leve em consideração que, de forma semelhante ao trabalho de Hernandes (2016), esse estudo não traz em seu escopo os trabalhos de artesanato cujos frutos dos seus esforços são *souvenires*, adereços, enfeites, ornamentos e todos os tipos de objetos decorativos, típicos de culturas regionais ou populares. Isso se deve ao fato de que a produção de artesanatos, apesar da existência de importantes similaridades com o trabalho artífice, não exprime necessariamente a vinculação substantiva contida na relação entre o criador e sua obra, como no trabalho artífice, tal qual descrito por Sennett (2009) e ressaltado por Hernandes (2016). Segundo Hernandes (2016), frequentemente a atividade do artesanato se aproxima mais da lógica instrumental e seus atores se orientam comumente pelos fins e não pelos meios, direcionando suas atividades originalmente para a lógica de acumulação de capital.

Isso posto, dar-se-á luz, por conseguinte, aos trabalhadores que mantêm a tradição do ofício do artesanato por amor ao que fazem e perseveram num contexto contrário à orientação tida como “lógica e dominante”, onde a eficiência processual é sinônimo de sucesso. Tratar-se-á do artífice, cuja forma de trabalho, apesar de não orientado pela eficiência máxima, gera um caráter de indissociabilidade entre o ator e sua obra, relação esta que se nasce da prática que o artífice estabelece com o mundo exterior (SENNETT, 2009), constituindo-se numa característica fundamental que representa o valor do seu trabalho.

Para Faria & Silva (2016) o trabalho artífice tem chamado a atenção de estudiosos de diversas áreas devido ao fato dessa atividade se confundir com a própria história da humanidade, atravessando períodos de alto grau de valorização, até determinadas fases de desprezo e humilhação. Provavelmente a “fase de ouro” do trabalho artífice se deu no período arcaico da antiga sociedade grega, época em que os artífices contavam até com um Deus, que era Hefesto (SENNETT, 2009). Porém, no período clássico grego, os artesãos perderam todo o seu prestígio, chegando a ser desprezados, em função da grande importância que o trabalho intelectual assumiu frente ao trabalho manual (SENNETT, 2009).

Um novo impulso foi dado ao trabalho artífice na Idade Média. Relatos sobre o trabalho artífice ressaltam que, foi nesse período que:

[...] alguns trabalhadores detentores de conhecimentos técnicos e habilidades em criar objetos artesanais iniciam uma relação diferenciada no interior do feudalismo. Individualmente constroem seus ofícios e, na condição de mestres e/ou aprendizes, realizam suas atividades criando e desenvolvendo objetos para serem comercializados. (BATISTA, 2014, p. 214).

Deve-se ressaltar o fato de que, o trabalho humano executado pelos servos no tempo do feudalismo, era de total relação de dependência das terras dos senhores feudais, o que lhes colocava numa posição de completa subordinação, tanto perante o senhor feudal quanto ao clero (BATISTA, 2014). Segundo o autor, por essa razão, a habilidade e os conhecimentos dos trabalhadores artífices proporcionaram aos artesãos o início do rompimento dessa relação, conferindo-lhes um contexto de libertação da servidão e conquista de autonomia.

É a partir desse lugar que o trabalhador, artesão, passa a ter a condição de escolher o que, como e para quem produzir seus objetos. Suas decisões possibilitam estabelecer o encontro em sua totalidade com a natureza. O artesão atribuía vida às suas potencialidades, conhecia seus segredos e emocionava-se com suas surpresas, agora não mais dirigida pelo olhar e vontade do outro, mas sim a partir da sua vontade. (BATISTA, 2014, p. 215).

Foi com a chegada de novos atores nesse processo histórico, os capitalistas ligados às indústrias e ao comércio, que os trabalhadores artesãos se viram em delicadas situações de trabalho. Pressionados pelas forças políticas e legais instauradas no período que compreendeu o final da Idade Média e o início do Renascimento, o trabalho artífice perdeu a sua força ao ser atingido na sua essência, a condição de ser autônomo (BATISTA, 2014).

A instauração de um novo modo de produção, o sistema capitalista, pressionou os trabalhadores a se reunirem debaixo do mesmo teto, vinculados às novas organizações fabris como empregados assalariados. A produtividade foi aumentada de acordo com os interesses dos empreendedores capitalistas para além do limite do campo das necessidades humanas dos próprios trabalhadores e familiares, passando a um volume de produção excedente (BATISTA, 2014).

Segundo Grande et al. (2012, p. 26) “a história do artesão está imbricada na história do capitalismo, um sistema econômico, político, social e cultural erguido e estruturado com o desenvolvimento da produção industrial”. E apesar de, quando comparado ao trabalho industrial, o ofício artífice ser orientado pela lógica da eficiência máxima, o mesmo apresenta conotações singulares e que lhe confere uma sensação única de orgulho e satisfação pela obra realizada.

Fazer com as próprias mãos, de forma a se confundir com um artista, conceber o produto, criar as ferramentas e produzir uma obra do começo ao fim, até a sua comercialização. Produzir em pequenas quantidades um produto que nunca vai ser exatamente igual a outro, porque não é feito industrialmente. Aprender o ofício com o avô, o pai ou um mestre e garantir a continuidade desse saber ensinando aprendizes. Tudo isso parece-nos hoje como uma lista de características de um modo artesanal de produzir, sempre pensado em oposição a sua antítese, que é um modo

industrial de produzir em massa. (...). Talvez não seja o caso de os tratarmos de forma idílica, mas de procurar conhecer como, até hoje, esses artesãos são ainda sujeitos da história, porque carregam consigo a tradição como um legado do savoir-faire artesanal. (GRANDE et al., 2012, p. 26).

A natureza do trabalho artífice se constitui essencialmente pelo trabalho feito com as mãos, cuidadosa e lentamente, representando dessa forma a antítese daqueles trabalhos considerados mais eficientes encontrados nas organizações de produção industrial na contemporaneidade. Grande et al. (2012) ressaltam que o trabalho artesanal vivenciou um período de declínio após o século XIX, pois era considerado ineficiente quando comparado com as máquinas industriais.

Apesar de não orientado pela eficiência máxima, o trabalho artífice se caracteriza por possibilitar ao mestre-artesão o contato físico com a sua obra, o estabelecimento de uma conexão entre a mão e a mente (SENNETT, 2009), o que se associa a determinados benefícios para o trabalhador. Segundo o autor, toda a habilidade artesanal se baseia numa aptidão desenvolvida em alto grau, constituída numa técnica que é treinada até o atingimento de níveis onde as atividades deixam de ser mecânicas e passam a ser sentidas e pensadas profundamente. “Os artífices se dedicam à arte pela arte e representam uma condição humana especial: a do engajamento. Assim, a habilidade artífice oferece recompensas emocionais ao artesão, tais como a ligação à realidade tangível e o orgulho do seu trabalho” (SENNETT, 2009, p.31), uma sensação de bem-estar que não é capaz de ser proporcionada por trabalhos executados por meio dos processos industrializados.

Diferentemente do trabalho industrial, o processo artesanal é realizado com as próprias mãos ou por meio da utilização de ferramentas simples. Assim, a natureza do trabalho artífice permite que o trabalhador tome contato físico com o produto. Geralmente o trabalho artífice implica em conotações artísticas, hábeis e minuciosas. Trata-se de uma relação “íntima” entre o homem e sua obra, o que gera uma sensação de bem-estar ao trabalhador, causando efeitos psicológicos que implicam na satisfação do homem, ao realizar o seu trabalho (VIEIRA, 2014).

Marquesan & Figueiredo (2014) ainda acrescentam alguns aspectos importantes relacionados à atividade artífice, ressaltando coisas como a tradição envolvida no trabalho do início ao fim, o discernimento e a destreza requeridos por aqueles que dominam o ofício, a apreciação do trabalho refinado capaz de ser realizado sem o auxílio das máquinas, as

oportunidades ligadas à criatividade do artesão e a reflexão sobre os limites estabelecidos pelos mesmos.

Os reflexos que o sistema fabril causou nos trabalhadores artífices foram muitos, influenciando diretamente o seu modo de trabalho, pressionando-os a migrarem dos seus ateliês para as fábricas, estabelecendo vínculos de trabalho com os empreendedores capitalistas. Os trabalhos manuais perderam espaço para os trabalhos maquinizados cujos limites e controles de produção lhes eram impostos pelos administradores do negócio.

Para o trabalhador, a transformação foi ainda mais fundamental, pois não apenas seu papel ocupacional, como também seu estilo de vida, estavam em jogo. Para muitos - embora não para todos - a introdução da maquinaria acarretou, pela primeira vez, uma completa separação dos meios de produção; o trabalhador converteu-se em um “operador”. A máquina impôs uma nova disciplina a quase todos. A fiandeira não podia girar sua roda e o tecelão não podia correr sua lançadeira em casa, livres de supervisão, no horário que lhes conviesse. A partir de então, o trabalho era feito em fábricas, em um ritmo estabelecido por incansáveis equipamentos inanimados, como parte de uma grande equipe que tinha de começar, interromper e parar ao mesmo tempo - sob estrita fiscalização de supervisores, que impunham a assiduidade por meio de compulsão moral e pecuniária e, às vezes, por ameaça física. A fábrica era um novo tipo de prisão e o relógio, um novo tipo de carcereiro. (LANDES, 2005, p. 45).

Em comparação ao sistema proposto por Taylor (1970), onde, também como apresentado, o trabalho se dava de forma fragmentada e controlada pelos supervisores das fábricas, representando dessa forma uma limitação aguda à autonomia dos trabalhadores, o trabalho artífice demanda do artesão sua participação e envolvimento em todo o processo de manufatura (SENNETT, 2009). O trabalho artífice, por essa razão, está completamente voltado e orientado à autonomia do próprio artesão. Moraes, Vasconcelos & Cunha (2012, p. 219) sugerem que a autonomia se defina como “a independência dos sujeitos em relação às prescrições, objetivos e métodos que constituem o seu trabalho”. Dessa maneira, todo ofício, quando realizado de forma autônoma representa, para o trabalhador, uma forma de resistência à subjetivação do modo de trabalho instrumental e se torna, dessa forma, uma fonte de orgulho e prazer para o mesmo.

Em tese, uma organização de trabalho flexível valoriza o exercício da inteligência prática, da criação e da invenção do novo. Dessa forma, a autonomia favorece a conquista do prazer no trabalho, com base na transformação do sofrimento do não saber em prazer de saber fazer. O exercício da autonomia articula-se à resistência do trabalhador à dominação, tendo em vista o confronto entre seus desejos e as normas da organização de trabalho. Na dinâmica entre a organização do trabalho e a subjetividade, a autonomia favorece as vivências de prazer. Em contrapartida, a falta de autonomia agrava o sofrimento. A questão da autonomia dos operários possui importância histórica no capitalismo industrial, tendo em vista que a sua ausência foi um dos elementos que conduziu à erosão do Taylorismo, por meio do fenômeno que

ficou conhecido como “fuga do trabalho”, que contribuiu para a crise do capitalismo agravada nos anos 1970 do século XX. (MORAES, VASCONCELOS & CUNHA, 2012, p. 219).

A legitimação, portanto, do modo de produção industrial-capitalista, considerado mais eficiente quando em comparação com o modo de trabalho artífice, se deu ao longo da história da humanidade, principalmente após a Revolução Industrial e teve seu ápice no início do século XX, devido ao aprimoramento das técnicas gerenciais pelo uso da ciência administrativa. Fatos complexos e determinantes, que podem ser o reflexo daqueles fatores analisados acima, tais como: a pressão gerada sobre os trabalhadores desde o aperfeiçoamento das ferramentas e a criação das máquinas pela técnica (ELLUL, 1968), as consequências da Revolução Industrial (LANDES, 2005), a aplicação de conhecimentos científicos na administração dos processos fabris (TAYLOR, 1970), a eliminação de desperdícios nos processos produtivos (OHNO, 1988) e a falta de consciência social para o estabelecimento de limites ao crescimento organizacional (SCHUMACHER, 1997; LATOUCHE 2009), entre outros.

O contexto criado pelos fenômenos mencionados acima, gerou diversos embates históricos de resistências classistas, travados entre empresários capitalistas e os membros da classe dos trabalhadores. Esses embates podem ser considerados como sendo uma das principais consequências da opressão que o sistema capitalista de acumulação de capital passou a exercer sobre os trabalhadores (LEITE, 1994). Trata-se de um cenário que revela a clara insatisfação dos operários contra as situações impostas pelo “sistema” sobre os sujeitos, tais como o controle, a minimização da autonomia de trabalho e a limitação da sua criatividade.

Esse contexto também nos permite refletir sobre o importante debate acerca dos dois tipos de métodos de trabalho presentes nesse projeto de pesquisa acadêmica: o trabalho industrial eficiente, de caráter ilimitado *versus* o trabalho artífice, não orientado pela lógica da eficiência máxima e de natureza limitada. Nesse sentido, poderíamos dar luz à perspectiva apresentada na tese de doutorado formulada por Hernandes (2016).

A “Teoria Substantiva do Limite Artesanal” apresentada por Hernandes (2016, p.106) “explica a relação entre o trabalho artesanal e o crescimento organizacional”. Trata-se de uma teoria substantiva, pois a mesma é fundamentada nos dados da pesquisa de campo realizada pelo autor. Segundo Hernandes (2016, p.106), “só há trabalho artesanal se o artesão

ocupar posição de centralidade diante desse trabalho”. Ora, por esse pressuposto pode-se entender que, em linha com o pensamento de Sennett (2009), o artífice detém o controle das suas ações e atividades. Ele pode então, por livre arbítrio, determinar o alcance da sua organização de trabalho, estabelecendo limites de atuação alinhados à sua estratégia específica, orientando o seu negócio de acordo com os seus valores e prioridades de vida.

Outra questão pertinente, estudada por Hernandez (2016) se refere ao limite físico intrínseco ao trabalho artesanal. Esse tipo de limitação decorre da natureza manual do trabalho artífice e está relacionada com limites fisiológicos do corpo humano, tais como fadiga, cansaço, sono, entre outros.

As habilidades do corpo possibilitam o fazer artesanal ao mesmo tempo em que o limita. As mãos, enquanto ferramentas, possibilitam que o artesão trabalhe o objeto a fim de que este se torne equivalente ao que foi mentalmente projetado pelo artesão. Assim, artesão depende das mãos para levar a cabo seu ofício. As habilidades do corpo proporcionam a capacidade de materialização dos objetos por meio de técnicas e procedimentos. O domínio das habilidades corporais potencializa o fazer artesanal. As habilidades do corpo estão ligadas à capacidade fisiológica do artesão, de modo que o seu condicionamento físico o habilita ou inabilita à produção artesanal. (HERNANDES, 2016, p. 107).

Contudo, é o embate mercadológico que mais desafia o artesão enquanto ser humano e trabalhador. Como dito, apesar de ele deter a liberdade de fazer escolhas no seu âmbito de trabalho, ainda assim ele é “assediado” tentadoramente pelo mercado e, dessa forma, enfrenta constantes momentos de decisão. Se por um lado há o limite instituído por ele próprio, por outro haverá clientes realizando pedidos (encomendas), os quais poderão, ou não, ser atendidos, dependendo da única e exclusiva opção estratégia adotada pelo artesão com base nos princípios operacionais por ele adotados. Obviamente toda decisão implica em consequências e instiga os seres humanos, fomentando o debate sobre a eficiência processual na contemporaneidade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse capítulo tem como principal objetivo a apresentação dos procedimentos metodológicos que foram empregados na presente pesquisa de dissertação acadêmica, tendo sido estruturado em quatro subcapítulos, como se segue: (3.1) Especificação do Problema; (3.2) Delimitação e Delineamento da Pesquisa e: (3.3) Aspectos Éticos Envolvidos na Condução da Pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa acadêmica que pretendeu atender aos rigores prescritos pela comunidade científica quanto à qualidade, validade, confiabilidade e relevância, tais quais descritos por Castro (1978), Macedo (2009), Paiva Jr., Leão & Mello (2011), Bryman (2012) e Minayo (2012).

Nesse intento, o método se fez elemento fundamental em prol da ciência, pois “cuida dos conhecimentos, das ferramentas e dos caminhos (...) promovendo o espírito crítico, capaz de realizar a autoconsciência de trajeto feito e por fazer” (DEMO, 1985, p. 19). A finalidade da ciência é, de forma teórica e prática, tratar a realidade assim como ela é (DEMO, 1985).

3.1 ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA

A pergunta norteadora dessa pesquisa empírica é:

- *Quais são as virtudes do trabalho artífice?*

A relevância do problema a ser estudado decorre de percepções de estudiosos como Illich (1976), Latouche (2009), Seifert & Vizeu (2015), entre outros, que se envolveram com questões relacionadas à crescente degradação da qualidade de vida e do bem-viver do sujeito trabalhador na contemporaneidade, impulsionadas pela eficiência técnica e pela conseqüente instauração da ideologia instrumental voltada à lógica da acumulação progressiva de capital. No contexto da gestão organizacional a ideologia do crescimento, do mercado e da técnica foram popularizados por trabalhos como os de Taylor (1970), Fayol (1990), Drucker (1950; 1990), Ohno (1988), entre tantos outros, cujos pressupostos assumem que processos mais eficientes serão sempre benéficos e trarão melhores resultados, além de que a adoção de estratégias voltadas ao crescimento econômico é inexoravelmente a decisão mais favorável.

Diante dessa perspectiva, o objetivo dessa pesquisa é analisar criticamente as virtudes do trabalho não orientado para a eficiência (trabalho artífice) *vis-à-vis* a “eficiência” inerente ao processo produtivo industrial. O estudo investigou empiricamente, quais são as virtudes decorrentes da determinação de limites à eficiência processual em organizações onde os trabalhos são predominantemente de natureza artífice, no significado que Sennett (2009) dá para esse ofício (ver capítulo referente à revisão bibliográfica, no corpo dessa pesquisa).

Para isso procedeu-se pesquisa empírica com trabalhadores artesãos que atuam principalmente na região de Curitiba/PR. Especificamente foram selecionados cinco artesãos que exercem seus ofícios de acordo com os pressupostos de suas profissões, sendo detentores do controle do processo produtivo como um todo e, assim, exercendo autonomamente sua capacidade de definir os limites inerentes aos seus trabalhos.

É válido citar-se, desde já, que um dos artesãos participantes do estudo, o Raul, o qual residia e exercia o seu ofício e na cidade de Campo Largo (PR) na fase inicial da pesquisa, mudou-se juntamente com sua família para a Alemanha, onde passou a residir e a trabalhar. Na Alemanha, Raul deu continuidade às suas atividades como artesão arqueiro e continuou participando da pesquisa até a sua conclusão.

3.1.1 Apresentação das Perguntas da Pesquisa

Abstraindo-se da intenção generalizadora normalmente implícita em estudos de natureza positivista, e considerando a especificidade e substantividade dos casos selecionados, as perguntas de pesquisa que orientam a coleta empírica dos dados foram:

- a) Qual é a natureza do trabalho artífice (nos casos estudados)?
- b) Quais são os limites inerentes ao modo de produção artífice (nos casos estudados)?
- c) Quais são as virtudes relacionadas ao trabalho artífice (nos casos estudados)?

3.1.2 Constructos da Pesquisa

Tomando-se em conta os objetivos e a perspectiva teórica que formam esse projeto de pesquisa empírica, faz-se necessária a especificação dos seguintes constructos: (1) trabalho

artífice; (2) trabalho industrial; (3) eficiência técnica; (4) virtudes humanas e (5) estabelecimento de limites.

(1) **Trabalho artífice** consiste nas atividades realizadas com as mãos e com a mente do artesão com a finalidade da criação de produtos e objetos dotados de funções específicas (SENNETT, 2009). Nesse modo de trabalho, o artífice participa da totalidade do processo produtivo, desde a concepção, desenvolvimento, produção até a verificação final em termos de qualidade e funcionalidade do produto. O entendimento do significado do trabalho artífice, característica relevante para essa pesquisa, está alinhado às características apresentadas por Marquesan e Figueiredo (2014), as quais atestam que o artesão se vale de conhecimentos, habilidades e técnicas de operações que, tradicionalmente, lhe são transmitidas por um mestre artesão. Pressupõe-se que o trabalho artífice se baseia no discernimento e na destreza requeridos por aqueles que dominam o ofício, assim como no rigor quanto a qualidade do produto finalizado. Para Sennett (2009) uma característica fundamental do trabalho artífice reside no fato do trabalhador ser detentor da autonomia sobre as suas tarefas, arbitrando livremente em prol do estabelecimento de limites ao seu trabalho.

(2) **Trabalho industrial** é entendido aqui como sendo as atividades produtivas que são orientadas para a máxima eficiência e produtividade (ILLICH, 1976) sendo, portanto, realizadas com o emprego de máquinas operatrizes, dispostas sequencialmente em instalações fabris, na forma como foi iniciada na Inglaterra durante a Revolução Industrial ocorrida nos séculos XVII e XVIII (LANDES, 2005; HOBSBRAUM, 1962). Verifica-se que o modo de trabalho industrial é fragmentado e minuciosamente controlado (TAYLOR, 1970) e emprega trabalhadores que vendem suas forças de trabalho em troca de valores monetários (salários). Os trabalhadores são contratados para a realização de operações repetitivas por um período e tempo determinado em contrato (BRAVERMAN, 1981; ANTUNES, 1995). No modo de trabalho industrial a execução das tarefas é determinada pelos gestores (empresários capitalistas), os quais objetivam a produção em massa, a eliminação de desperdícios (OHNO, 1988), a maximização das vendas e o crescimento organizacional, comumente priorizando a obtenção de lucros crescentes, seguindo a lógica do acúmulo de capital (MARX, 1996).

(3) **Eficiência técnica** se refere à ação de realizar tarefas da melhor maneira possível com o objetivo de se alcançar os melhores resultados, de forma semelhante ao exposto por Ellul (1968) quando este se referiu ao princípio da técnica que foi denominado de automatismo técnico. Para o autor a eficiência é um componente da técnica moderna e contribui para o aumento constante da *performance* dos processos, de forma autônoma. A eficiência técnica gera métodos otimizados, os quais são determinados após serem meticulosamente medidos e calculados sob suas perspectivas práticas, revelando-se mais eficientes. Trata-se, então, da eficiência máxima estabelecida por meio do direcionamento técnico, por si próprio. A eficiência técnica é oriunda do automatismo técnico que se impõe por si mesmo, sem escolhas e sem análises sobre seus prós e contras (ELLUL, 1968).

(4) **Virtudes humanas** compreendida, nesse estudo, de forma mais abrangente do que o seu simples conceito vernacular, como sendo o conjunto de positivities, elementos, sentimentos e características benéficas para o ser humano e para a sociedade, que se aproximam do entendimento humanitário-convivial apresentados por Illich (1976), da conscientização da importância do estabelecimento de limites ao crescimento econômico, a beleza de ser pequeno defendida por Schumacher (1977) ou da utopia da adoção de medidas concretas voltadas ao decrescimento proposta por Latouche (2009) e o respectivo abandono do objetivo de crescimento ilimitado. Nesses termos, este estudo compreende que virtudes humanas se constituem por ações capazes de sustentar valores de natureza substantiva (GUERREIRO RAMOS, 1989) e não-técnica, tais como: a convivialidade (ILLICH, 1976), a abundância econômica (SCHUMACHER, 1977), ou o contentamento frugal (LATOUCHE, 2009).

(5) **Estabelecimento de limites** é a determinação de parâmetros operacionais máximos, de forma contrária à ideologia dominante relativa à lógica instrumental de acumulação de capital (SEIFERT & VIZEU, 2015). Entende-se que o estabelecimento de limites possa resultar em benefícios que normalmente não são priorizados pelas organizações hegemônicas, tais como autonomia, convivialidade, contentamento, abundância e consciência (ILLICH, 1976). Para esse autor, um dos impactos positivos na determinação sensata de critérios de limitação da

instrumentação, por exemplo, é o favorecimento da reconstrução social dos países pobres, na direta ascensão a um modo de produção convivial e humana.

Reconhece-se que o a determinação de limites operacionais é uma questão marcada pela polissemia, porém de vital importância, pois serve de alerta quanto a necessidade do abandono objetivo do crescimento ilimitado num planeta dotado de recursos limitados. A lógica da acumulação de capital, a orientação mercadológica e o crescimento constante colocam o planeta numa situação de risco (SEIFERT & VIZEU, 2015). Para Latouche (2009) é necessário, inclusive, que se pense no sentido inverso, ou seja, promover ações voltadas ao decrescimento organizacional para, dessa forma, reduzir os impactos danosos que estão ocorrendo ao meio ambiente e, portanto, à própria humanidade.

3.2 DELIMITAÇÃO E DELINEAMENTO DA PESQUISA

Para dar conta de responder à questão norteadora do presente estudo, conforme apresentada anteriormente, realizou-se uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva-exploratória, fundamentada no método de entrevistas em profundidade envolvendo cinco trabalhadores artesãos que atuam na região de Curitiba/PR, sendo que um deles se mudou para a Alemanha no decorrer do período da pesquisa, como descrito previamente na seção 3.1.

Ao todo, foram realizadas 9 entrevistas, as quais ocorreram entre os meses de dezembro/2017 a março/2019. Todas as entrevistas foram gravadas (aproximadamente 15 horas de gravações) e transcritas nas suas íntegras.

Não obstante, cabe ressaltar que o pesquisador também realizou uma seção de observação participante, num total de 5 horas, evento que foi subdividido em dois períodos, um pela manhã e outro na parte da tarde do dia 09/08/2018, no ateliê do André, o artesão coureiro que participou da pesquisa.

Adicionalmente esse estudo se vale de dados oriundos de autoetnografia dada à condição de vida do pesquisador, o qual exerce atividades regulares como padeiro artesão. Tais atividades tiveram início em setembro/2017 e se constituem em tarefas contínuas que perduram até os dias atuais.

Tal delineamento foi concebido em consideração aos ensinamentos de Bryman (2012), enfatizando que deve haver uma relação consequencial entre o objeto de pesquisa e o método empregado para a coleta e análise dos dados, cujos resultados permitem a formulação de uma teoria ou a produção de conhecimentos científicos válidos nas áreas específicas acerca do problema analisado.

Segundo Minayo (2009) a pesquisa qualitativa deve ser utilizada quando se pretende responder a questões específicas nas Ciências Sociais, as quais ocorrem num universo dotado de características como significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, perfazendo um conjunto de fenômenos humanos na realidade social. A pesquisa qualitativa se aplica, então, por ser capaz de auxiliar o pesquisador na sua missão de interpretar as ações dos sujeitos dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com os seus semelhantes. Para Minayo (2009, p. 21) “o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em número e indicadores quantitativos”.

Para Gerhardt & Silveira (2009) a pesquisa qualitativa descritiva é particularmente útil para se coletar uma grande quantidade de informações acerca da temática sob investigação de tal forma a permitir a descrição de fatos e fenômenos relacionados à determinada realidade. Um exemplo dessa prática é a análise documental. Nesse aspecto, a realização da análise bibliográfica, como apresentada no capítulo 1, objetivou a construção do quadro teórico de referência, cuja finalidade principal fora a descrição contextual dos aspectos da realidade como observados e apresentados por outros cientistas e acadêmicos envolvendo a problematização da presente pesquisa.

Por sua vez, a pesquisa qualitativa exploratória é definida por Gerhardt & Silveira (2009) como dotada de potencialidades que permitem ao pesquisador a aproximação e a maior familiarização com o problema de pesquisa para, dessa forma, torná-lo mais explícito. A pesquisa qualitativa exploratória, entre outras ações, envolve entrevistas com os sujeitos que vivenciaram o problema a ser pesquisado. Seguindo esse caminho pretendeu-se neste estudo, aproximar-se dos sujeitos da pesquisa para a realização de entrevistas em profundidade em consonância com as questões dessa pesquisa (vide seção 3.1.1).

Legard, Keegan & Wart (2003) afirmam que a entrevista em profundidade (também chamada de entrevista desestruturada) é um dos principais métodos de coleta de dados nas

pesquisas qualitativas. Tal método é frequentemente descrito como uma forma de conversação, valendo-se da importância da captação e da compreensão dos pontos de vista das pessoas por meio do diálogo. Portanto, segundo os autores, não se trata apenas de uma forma simples de conversação, mas sim uma “conversação com um propósito determinado”.

O método de entrevista em profundidade, apesar de idealmente ocorrer num clima de naturalidade e espontaneidade, requer que o pesquisador permaneça sempre atento a determinados fatores que são considerados chave para a obtenção de resultados mais amplos, da forma mais fidedigna e detalhada, tanto quanto for possível (LEGARD, KEEGAN & WART, 2003). Esses autores argumentam que o pesquisador deve ouvir atentamente a fala do entrevistado, agindo como facilitador e assumindo uma postura ativa, empática e neutra. O pesquisador deve combinar questões de vários tipos, iniciando a exploração dos temas de interesse da pesquisa com perguntas abertas, seguidas por perguntas norteadoras, exploratórias e confirmatórias, sempre de forma clara e imparcial, evitando perguntas que possam provocar respostas enviesadas por parte dos entrevistados.

Segundo Legard, Keegan & Wart (2003), existem quatro características-chave na entrevista em profundidade: (a) a combinação da estruturação com a flexibilidade, sugerindo o uso de um roteiro de entrevista, cujo intuito é a completa exploração e a comprovação das respostas obtidas, sempre proporcionando ao entrevistado a oportunidade desse também fazer perguntas; (b) o caráter de interatividade entre pesquisador e entrevistado, que visa a geração inicial de informações, o aprofundamento das respostas e a confirmação das mesmas, bem como a exploração de novos detalhes que possam advir das respostas iniciais; (c) o uso, por parte do pesquisador, de uma série de técnicas comprobatórias, cuja finalidade é a obtenção da maior profundidade possível das respostas em termos de penetração, exploração e explanação e; (d) a atenção à possibilidade do surgimento de novos conhecimentos e pensamentos, os quais podem igualmente ser explorados pelo pesquisador, de forma oportuna.

Finalmente, de acordo com Malinowski (1978), a etnografia auxilia o pesquisador, de forma categórica, a elaborar inferências baseadas no seu próprio bom-senso e intuições psicológicas, pelo fato do mesmo ter a oportunidade de realizar observações diretas e de vivenciar fatos comuns e rotineiros da realidade do campo sob análise. E no caso desse estudo, especificamente, de acordo com Given (2008) a autoetnografia habilita o pesquisador a se posicionar como um participante da pesquisa, particularmente em pesquisas onde o objeto de

estudo se relaciona diretamente com a experiência pessoal do pesquisador. Estudos autoetnográficos vêm sendo utilizados em pesquisas qualitativas há décadas (GIVEN, 2008).

Dessa forma, a realização cotidiana de atividades artesanais, como descrito anteriormente, facilita as minhas interpretações e entendimentos das declarações dos sujeitos da pesquisa, bem como me permite a manifestação as minhas próprias opiniões acerca do tema objeto desse estudo.

3.2.1 Etapas da Pesquisa

Esse trabalho de pesquisa, como dito anteriormente, foi constituído por duas etapas principais, uma fase descritiva e outra exploratória.

A etapa descritiva, planejada de forma a atender ao que foi proposto por Gerhardt & Silveira (2009), contemplou a execução de uma análise bibliográfica cujo objetivo foi a obtenção da maior quantidade possível de dados relacionados às questões do estudo para a constituição de um quadro teórico de referência. Tal quadro inclui os registros literários mais relevantes acerca dos modos de trabalho que são orientados e os que não são orientados pela lógica capitalista da eficiência máxima (industriais e artífices), permitindo a reflexão acerca de como a eficiência técnica se constitui numa característica invariavelmente benéfica para as organizações e seus efeitos na instauração da lógica de acumulação de capital, do crescimento ilimitado e da orientação mercadológica. O quadro teórico de referência apresenta também as principais críticas notoriamente estabelecidas à ideologia dominante feita por autores contrários a esse tipo de racionalidade.

A fase exploratória, considerando as diretrizes apresentadas por Gerhardt & Silveira (2009), contemplou a aproximação empírica de trabalhadores artesãos para entrevistas em profundidade, cujos objetivos foram a compreensão do pesquisador sobre as principais características presentes no trabalho artífice, não orientados pela lógica da eficiência máxima, visando a análise de quais são as principais vantagens que este modo de trabalho pode oferecer ao trabalhador. Dessa forma permitiu a reflexão sobre quais são as virtudes advindas desse modo de trabalho. Procurou-se também identificar quais são os maiores fatores limitantes nesse trabalho, bem como os benefícios correlatos.

Em seguida, para o enriquecimento da etapa exploratória, realizou-se uma seção de observação participante no ateliê do André (artesão coureiro). Dessa forma, buscou-se novos significados que permitiram ir além das palavras. Conforme Minayo (2009) a pesquisa qualitativa tem como característica a possibilidade de auxiliar o pesquisador na interpretação das ações dos sujeitos dentro e a partir da realidade vivida onde elas acontecem, nesse caso, nos ambientes de trabalho dos artesãos. Nesse sentido, além das observações participantes, este estudo também se valeu da autoetnografia, uma vez que realizei atividades cotidianas como padeiro-artesão. Segundo Given (2008) a autoetnografia é um gênero de escrita e pesquisa que mostra múltiplos níveis de consciência, os quais devem ser orientados pelos aspectos sociais e culturais da vida do pesquisador.

A amostragem e a seleção dos sujeitos participantes da pesquisa foram feitas de forma intencional observando-se a conveniência geográfica envolvida, bem como a aderência dos artesãos ao perfil intencionado pelo estudo. A escolha desses artesãos foi feita tanto pela análise dos perfis de trabalhadores indicados pelos sujeitos entrevistados, quanto por meio de pesquisas na *web*, feitas pelo pesquisador.

É importante ressaltar que o perfil idealizado do trabalhador artífice, conforme os objetivos desse estudo, se refere àquele trabalhador que exerce seu ofício de maneira semelhante àquela que foi descrita por Sennett (2009), cujas principais características incluem: (a) a realização das atividades por meio das mãos, ou com o auxílio de máquinas/ferramentas manuais; (b) a detenção de conhecimentos, habilidades e técnicas de trabalho que idealmente lhes foram ensinados por pessoas mais experientes, idealmente mestres-artesãos; (c) a criação e a confecção de objetos funcionais, excluindo-se objetos artesanais, tais como: souvenirs, artigos decorativos, adereços, enfeites, ornamentos, etc. Diferentemente dos trabalhos puramente artesanais (que se aproximam da racionalidade instrumental), os artesãos de interesse dessa pesquisa, tipicamente, atribuem valores humanitários aos seus trabalhos em detrimento da lógica de acumulação de capital.

A etapa de análise desses dados ocorreu de forma simultânea ao seu respectivo processo de coleta, possibilitando ao pesquisador decidir que tipo de dados seriam coletados *a posteriori*, bem como a maneira por meio da qual tais dados deveriam ser coletados. A razão para tal procedimento é a possibilidade de flexibilização e de adaptação, caso seja necessário, em função dos resultados das interpretações/proposições oriundas dos dados coletados. Para

Bryman (2012, p. 419) “*The process of data collection is controlled by the emerging theory, whether substantive or formal*”;

Durante todas as etapas previstas para a pesquisa, especial foco foi dado aos limites estabelecidos pelos trabalhadores artesãos, sobre a eficiência dos processos praticados nas suas rotinas de trabalho e as virtudes que possam emergir nesse contexto, bem como os seus efeitos sobre esses sujeitos e a sociedade.

3.2.2 Procedimentos de Coleta de Dados

Essa seção contém detalhes acerca do procedimento de coleta dos dados, tanto dados primários quanto secundários. Esclarece também o uso da triangulação de dados, que foi determinado pela adoção da estratégia da combinação de diferentes métodos de coleta de dados, como descrito na seção 3.2.2.2, no corpo dessa pesquisa. Este procedimento visou a minimização de possíveis vieses que pudessem ocorrer durante a coleta dos dados, contribuindo para o aumento da confiabilidade dos resultados da pesquisa (BRYMAN & BELL, 2011).

3.2.2.1 Coleta de Dados

Os dados primários desse estudo foram coletados por meio de entrevistas em profundidade realizadas com cinco trabalhadores artífices da região de Curitiba/PR, bem como por meio de uma seção de observação participante (realizada no ateliê de André), aliadas à autoetnografia decorrente da vivência de atividades regulares do autor como padeiro artesão.

Os artesãos estudados, conforme o quadro-resumo apresentado mais abaixo, são: André, artesão coureiro, selecionado por indicação direta do orientador da pesquisa, Prof. Rene. Também Monicky e Aloisio, artesã luthier e artesão couteleiro, respectivamente, tiveram suas participações indicadas pelo Prof. Rene. Já Miguel, artesão marceneiro, foi “descoberto por acaso”, pois tem o seu ateliê instalado nas proximidades da residência do pesquisador. Foi convidado a participar da pesquisa após uma entrevista inicial, quando se constatou que suas atividades profissionais como artesão se enquadravam no perfil requerido pela pesquisa. Finalmente, Raul, artesão arqueiro, foi destacado para o estudo por interesse específico do pesquisador. Ambos trabalharam, por anos, na mesma empresa (indústria automotiva) e

optaram, de forma semelhante, a mudarem os rumos das suas vidas, deixando a indústria e passando a exercer atividades artesanais. Cabe ressaltar que durante o transcorrer da pesquisa, Raul mudou-se com sua família para a Alemanha, onde deu continuidade aos seus trabalhos como artífice. Raul participou do estudo até a sua conclusão.

O quadro abaixo reúne dados básicos sobre os artesãos participantes da pesquisa:

Quadro 1: Participantes da pesquisa

Quadro resumo dos sujeitos da Pesquisa					
Nome	Gênero	Idade	Ofício	Tempo de atuação no ofício	Local de Atuação
André	Masculino	31 anos	Artesão coureiro	4 anos	Curitiba/PR
Monicky	Feminino	25 anos	Artesã luthier	8 anos	Curitiba/PR
Aloísio	Masculino	47 anos	Artesão cuteleiro	3 anos	Campo Largo/PR
Miguel	Masculino	45 anos	Artesão marceneiro	9 anos	Curitiba/PR
Raul	Masculino	48 anos	Artesão arqueiro	8 anos	Hamelin (Alemanha)
Luis	Masculino	54 anos	Artesão padeiro	2 anos	Curitiba/PR

Fonte: o autor

Os cinco artesãos entrevistados, determinados intencionalmente por meio de amostragem teórica/intencional, satisfizeram a exigência metodológica relativa ao ponto de **saturação teórica**, entendido como o processo através do qual se pôde constatar o atingimento do momento onde se constatou que a coleta de dados não estava mais gerando novidades, ou seja, os novos dados não divergiam daqueles já existente. Segundo Bryman (2012), o atingimento desse ponto pode justificar a decisão quanto ao encerramento do processo de coleta de dados em campo.

Durante a realização das entrevistas foram empregados gravadores de voz, em duplicidade, para a maior segurança e fidelidade de obtenção de informações. As entrevistas gravadas foram transcritas em textos e documentadas via *Microsoft Word*. Os documentos compõem o acervo de dados da pesquisa, arquivados num banco de dados denominado *Dropbox*, numa pasta de acesso compartilhado entre o pesquisador e seu orientador.

Os dados secundários foram obtidos por meio de análises documentais em fontes de domínio público, compostos de dados disponíveis nas diversas redes sociais, notícias veiculadas na *web* e em literaturas específicas, reportagens veiculadas por meios televisivos e em outros tipos de fontes de informações acessíveis ao público.

A investigação empírica foi realizada no período compreendido entre os meses de dezembro/2017 até março/2019, perfazendo um total de 9 entrevistas envolvendo os 5 artesãos participantes, além de 1 seção de observação participante no ateliê do André (artesão coureiro) em agosto/2018. Adicionalmente, a coleta de dados secundários, bem como as atividades relacionadas à aproximação autoetnográfica foram processos considerados contínuos e perduraram até a etapa de revisão deste documento para o atendimento das exigências acadêmicas.

3.2.2.2 Triangulação de Dados

Bryman & Bell (2011) esclarecem que a triangulação de dados envolve a combinação de mais de um método ou mais de uma fonte de coleta de dados no estudo dos fenômenos sociais. Segundo esses autores, a metáfora da triangulação teve origem na navegação e na estratégia militar, referindo-se ao processo pelo qual são utilizados vários pontos de referência para se obter, com mais precisão, a localização de um objeto.

Denzin & Lincoln (2005) complementam a definição de Bryman & Bell (2011) citando, adicionalmente, que a triangulação também pode envolver distintas populações (ou amostras) em momentos diferentes de tempo e, ainda, utilizar múltiplas perspectivas teóricas. Para Bryman & Bell (2011), a finalidade da combinação de diferentes métodos é possibilitar o cruzamento de dados e consolidar as interpretações do fenômeno sob investigação. Como consequência, a triangulação permite a eliminação de possíveis vieses, tornando os achados mais confiáveis e atribuindo mais qualidade à pesquisa (BRYMAN & BELL, 2011).

Triangulation entails using more than one method or source of data in the study of social phenomena. The term has been employed somewhat more broadly by Denzin (1970: 310) to refer to an approach that uses 'multiple observers, theoretical perspectives, sources of data, and methodologies', but the emphasis has tended to be on methods of investigation and sources of data. (BRYMAN, 2012, p. 386).

Portanto, durante o desenvolvimento da etapa exploratória, além das entrevistas com os cinco artesãos, também foram colhidos dados publicados por eles nas redes sociais. Tal procedimento, de acordo com Bryman & Bell (2011) é particularmente útil para se identificar possíveis alterações de comportamentos ou padrões de respostas dos sujeitos entrevistados. Assim, os dados primários coletados por meio das entrevistas, foram cruzados entre si e com os dados secundários obtidos por meio das diversas mídias, possibilitando, dessa maneira, uma melhor compreensão acerca das realidades dos artesãos e, ainda, o aprofundamento das interpretações dos fenômenos observados.

Adicionalmente, seguindo as práticas sobre triangulação dos dados sugeridas por Bryman & Bell (2011) e Denzin & Lincoln (2005), naquilo que tange a importância da combinação de diferentes métodos de coleta de dados, eu me assegurei de realizar uma seção de observação participante no ateliê do André (artesão coureiro). Mais do que isso, minha atuação regular como padeiro-artesão também contribuiu para o entendimento das realidades dos sujeitos e a investigação dos fenômenos estudados. De acordo com Malinowski (1978) a etnografia (nesse meu caso específico, a autoetnografia, tal qual descrita por Given, 2008), habilita o pesquisador a adotar uma posição de maior propriedade de fala, a de um agente praticante de atividades similares àquelas estudadas empiricamente.

Através das práticas acima descritas, procurei vivenciar as experiências cotidianas do fazer artesanal, quer seja observando e participando da dinâmica do ateliê do André, quer seja executando o trabalho artífice no meu próprio ateliê de pães. No ateliê do André, pude confeccionar, com minhas próprias mãos, uma carteira de couro da mesma forma como é produzida por aquele artesão, no mesmo local e condições por ele estabelecidos. Segundo Minayo (2009) a compreensão da realidade do sujeito é favorecida por meio do compartilhamento do seu modo de trabalho e de vida, diretamente nos locais onde suas ações acontecem, o que permitiu também assegurar que os dados pudessem ser triangulados.

3.2.3 Procedimentos de Tratamento e Análise dos Dados

Para Bryman (2012), embora ainda não terem sido desenvolvidas regras tão claras para a análise de dados provenientes tanto de pesquisas qualitativas, quanto de pesquisas quantitativas, o pesquisador pode empregar estratégias estruturadas para tal finalidade. O emprego de processos sistematizados é adequado e largamente utilizado na geração de conhecimentos científicos. Bryman (2012) cita, como exemplo, processos sistematizados como a indução analítica (*analytic induction*) e a teoria fundamentada (*grounded theory*). Bryman (2012, p. 567) afirma que “*grounded theory has become by far the most widely used framework for analyzing qualitative data*”.

Considerando-se, então, as técnicas sugeridas por Bryman, a análise dos dados coletados nesse estudo seguiu o seguinte processo:

- a) **Organização, codificação/categorização e análise**, estruturada em sub-etapas destinadas à pré-análise dos dados coletados, onde os mesmos foram

organizados, lidos e relidos para a devida exploração. O intuito dessas ações foi possibilitar essencialmente a devida codificação e categorização dos dados. Em seguida, com os dados previamente “preparados” (já codificados e categorizados), ocorreu o tratamento dos resultados, cuja finalidade foi possibilitar a criação de conceitos, prospecções, hipóteses ou teorias (Bryman, 2012). Em tempo: a codificação consistiu na atribuição de nomes e códigos às partes dos textos (transcrições das entrevistas e notas de campo) que possuíssem potencial significância ou apresentassem relevâncias para o tema em estudo; Essa sub-etapa teve início logo em Dezembro/2017, após a realização da primeira entrevista e se encerrou em Fevereiro/2019, após a conclusão das entrevistas com os artesãos, bem como a finalização das atividades supracitadas, incluindo as diversas forma de coleta dos dados, descritas na seção dedicada aos procedimentos de coleta dos dados (vide seção 3.2.3).

b) **Comparação constante**, compreendido como o processo relacionado à realização de frequente comparação entre o fenômeno que está sendo codificado sob determinada categoria, de tal sorte a possibilitar o início da elaboração teórica das categorias.

Essa estruturação, tanto sistemática quanto processual, corroborou com a alegação de Gerhardt & Silveira (2009) afirmando que a análise, compreensão e interpretação dos dados coletados dependem fortemente do abandono, por parte do pesquisador, da sua possível e ingênua crença que a inferência de conhecimento, oriunda do processo de coleta de dados em pesquisas qualitativas, lhe será mostrada de forma direta e natural. As autoras alertam que “é preciso penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade” (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 84). Isso deve ocorrer por meio de técnicas apropriadas, dotadas de objetividade e sistematização.

Todos os dados coletados e analisados foram arquivados em banco de dados com acesso restrito às principais pessoas interessadas na pesquisa, a saber: o pesquisador e o orientador do trabalho de pesquisa. Os membros componentes da banca examinadora, caso requerido, poderão receber o acesso, tão logo tal acesso seja

solicitado. Outras autorizações de acessos aos dados serão avaliadas oportunamente. Isso inclui também os documentos contendo as transcrições das entrevistas que foram realizadas.

3.2.4 Facilidades e Dificuldades na Coleta e Tratamento dos Dados

Uma das características inerentes a pesquisa qualitativa é a sua capacidade de gerar rapidamente um grande volume de informações durante a etapa de coleta de dados devido à sua dependência de meios como entrevistas e suas transcrições, notas de campo e documentos em geral (BRYMAN, 2012). Por essa razão, segundo o autor, todo pesquisador qualitativo deve se proteger contra falhas relacionadas à tratativa desses dados, bem como no seu processo de análise, objetivando a máxima correção possível.

Para tanto, de acordo com Duarte (2004), nas pesquisas envolvendo entrevistas, de todo o volume de informações obtido dos informantes, apenas uma parte constitui material de interesse do pesquisador. Essa parte é justamente aquela que está diretamente relacionada aos objetivos da pesquisa. Para essa autora, a tarefa de interpretação das informações é complexa, uma vez que:

Muito do que nos é dito é profundamente subjetivo, pois trata-se do modo como aquele sujeito observa, vivencia e analisa seu tempo histórico, seu momento, seu meio social etc.; é sempre um, entre muitos pontos de vista possíveis. Assim, tomar depoimentos como fonte de investigação implica extrair daquilo que é subjetivo e pessoal neles o que nos permite pensar a dimensão coletiva, isto é, que nos permite compreender a lógica das relações que se estabelecem (estabeleceram) no interior dos grupos sociais dos quais o entrevistado participa (participou), em um determinado tempo e lugar. (DUARTE, 2004, p. 219).

Chizzotti (2003) alerta que pesquisas qualitativas exigem um elevado grau de empenho, comprometimento, sensibilidade e habilidade do pesquisador, enfatizando que:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Outro fator dificultador comumente associado às pesquisas qualitativas se refere ao fato de que seu processo de coleta de dados assume, reconhecidamente, um caráter subjetivo, complexo, trabalhoso e dependente do nível de experiência, habilidades e conhecimentos do cientista pesquisador, como afirma Martins (2004). Como tal, há diversos fatores intrínsecos,

tanto durante a coleta de dados quanto na análise dos mesmos, uma vez que a metodologia permite um alto grau de liberdade intelectual ao pesquisador e isso, obviamente, é uma característica variável e peculiar de cada indivíduo. Martins (2004, p. 293) considera que “a pesquisa depende, fundamentalmente, da competência teórica e metodológica do cientista social”.

Críticos da metodologia qualitativa debatem ainda, como uma das principais vulnerabilidades do método qualitativo de pesquisa, sobre seu real valor de representatividade, uma vez que, como alegam, os indivíduos eleitos para a participação na pesquisa em curso não representam, na sua totalidade, a população à qual pertencem, o que não permite generalizações acerca dos resultados obtidos, restringindo as conclusões da pesquisa “O maior problema nesse sentido, segundo os críticos, se encontraria na escolha do caso: até que ponto ele seria representativo do conjunto de casos componentes de uma sociedade?” (MARTINS, 2004, p. 293).

Essa é, aparentemente, uma questão oriunda de pesquisadores que se familiarizam mais aos métodos quantitativos, onde os cálculos estatísticos são aplicáveis, uma vez que a representatividade é um conceito engendrado ao processo de amostragem, típico daquela metodologia.

A indagação acerca da representatividade está relacionada às possibilidades de generalização e se baseia na noção estatística de amostra. Pensar em amostra é reportar-se a um conjunto selecionado em determinada população, da qual seria representativo. A constituição da amostra deve ser casual, aleatória. É possível, por esse ponto de vista, medir o desvio da amostra em relação a determinada população e empregar coeficientes que indicam com precisão a existência de distorções ou erros, bem como as possibilidades de efetuar uma generalização em direção à população. (MARTINS, 2004, p. 293).

No caso específico deste trabalho de dissertação acadêmica, os indivíduos pesquisados foram selecionados intencionalmente, por conveniência geográfica e de acordo com os pressupostos do planejamento da pesquisa (amostragem teórica, vide seção 3.2 – Delimitação e Delineamento da Pesquisa). Adicionalmente, durante a realização das entrevistas em profundidade, os próprios trabalhadores artífices foram solicitados a indicar outros potenciais participantes, com base nos seus perfis pessoais e profissionais. Essa estratégia objetivou a manutenção da coerência e aderência à linha determinada para o estudo.

Na prática, a principal dificuldade enfrentada por mim foi a indisponibilidade de agendas dos artesãos, aliada à uma postura inicial que desvelava uma certa “resistência” dos

artesãos de interesse da pesquisa, a participarem do estudo, o que ocorreu no caso específico de uma postulante. Ao ser contatado por telefone, um dos potenciais participantes, um artesão indicado por André (o artesão coureiro) alegou não poder me receber para a entrevista devido a compromissos assumidos com clientes, porém se comprometendo a retornar à ligação num momento futuro, o que não ocorreu. Mesmo assim, tentei retomar o contato, via telefone, por mais três vezes, sem sucesso.

Por sua vez, Miguel (o artesão marceneiro) não se mostrou a vontade diante do gravador de voz, demonstrando certa inibição nos momentos iniciais da entrevista. Ao perceber isso, procurei tratá-lo de forma cordial e transmitir-lhe confiança, assegurando-lhe que o conteúdo da entrevista seria tratado de forma confidencial, para fins exclusivos deste estudo.

Ao contrário, o fator facilitador desse estudo reside na oportunidade do uso da autoetnografia decorrente da minha vivência como artesão padeiro. Tal fato se fundamenta na literatura existente sobre esse método, como por exemplo, a edição organizada por Given (2008), a qual sugere a possibilidade, por parte do pesquisador, de realizar inferências com base nas suas observações diretas, bem como nas vivências frequentes de atividades da mesma natureza daquelas experimentadas pelos sujeitos da pesquisa. Dessa forma, minha interpretação e entendimento das declarações dos artesãos participantes do estudo puderam ser favorecidas.

3.2.5 Limitações da Pesquisa

Uma típica limitação inerente às pesquisas qualitativas está vinculada às próprias características pessoais do pesquisador e sua capacidade de estabelecer métodos de pesquisa, considerando seu perfil, suas características e preferências pessoais e sua competência de enxergar a realidade por meio dos olhos das pessoas que estão sendo estudadas. De acordo com BRYMAN (2012):

Many qualitative researchers are disdainful of approaches to research that entail the imposition of predetermined formats on the social world. This position is largely to do with the preference for seeing through the eyes of the people being studied. After all, if a structured method of data collection is employed, since this is bound to be the product of an investigator's ruminations about the object of enquiry, certain decisions must have been made about what he or she expects to find and about the nature of the social reality that would be encountered. Therefore, the researcher is limited in the degree to which he or she can genuinely adopt the worldview of the people being studied. (BRYMAN, 2012, p. 408)

Além disso, a pesquisa se restringiu a trabalhadores artífices que atuam na região de Curitiba/PR. Essa escolha se deu por conveniência geográfica, pois esta é a cidade onde se localiza a minha residência. Além disso, a etapa de observação participante se limitou a apenas um dos ateliês, o do André (artesão coureiro) devido à restrição temporal e disponibilidade de agendas comuns. De fato, durante parte da etapa de pesquisa empírica, eu estive envolvido em outras atividades profissionais, além da realização das minhas atividades regulares como padeiro artesão – autoetnografia. Por conseguinte, as ações focadas em observações participantes não puderam ser estendidas aos demais ateliês, lembrando ainda que o ateliê do Raul (artesão arqueiro) se localiza na Alemanha.

Com o objetivo de estudar as virtudes inerentes ao trabalho artífice, bem como os benefícios gerados por essas virtudes nas suas vidas, seus familiares, clientes e a sociedade, como mencionado anteriormente, a pesquisa foi orientada por uma análise criteriosa dos processos e práticas que os trabalhadores artífices entrevistados adotam no seu cotidiano profissional, com ênfase nas suas virtudes, limitações e eficiências. A análise e a profunda reflexão dessas características foram possíveis após o estabelecimento de parâmetros de comparação com organizações e/ou processos industrializados, os quais orientam seus negócios por meio da lógica instrumental de acumulação progressiva de capital, que são baseadas nos três pilares do “modo convencional de trabalho e organizações”, a saber: (a) a eficiência técnica; (b) o crescimento econômico e; (c) a orientação mercadológica.

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, pude perceber que há diversas questões que podem servir de objeto para futuros estudos. Questões ligadas a certas características da técnica na contemporaneidade, por exemplo, automatismo e autonomia, (ELLUL, 1968). Tais fatores implicam na gradativa instauração de processos industriais tecnologicamente cada vez mais eficientes, sofisticados, desenvolvidos, automatizados e dotados de autonomias como, por exemplo, a “inteligência artificial”, a “internet das coisas”, o *boom* causado pelo que se chama “indústria 4.0”, culminando dos avanços da robótica. Tudo isso já está impactando sobremaneira as nossas vidas de uma forma geral. Mas afinal, considerando-se que, de acordo com Ellul (1968), a técnica se “autodetermina”, quais serão os reais impactos desse avanço tecnológico na sociedade? Quais são os riscos que corremos ao perceber que robôs já detém o poder de tomar decisões? Assumirão as máquinas o controle das coisas?

Ainda, dado ao fato de que esta pesquisa se restringiu intencionalmente à entrevistas com artesãos atuantes na região de Curitiba/PR., cabe um estudo mais abrangente, o qual possa identificar novos possíveis limites ou outras virtudes que o trabalho artífice possa proporcionar em outras regiões do país e do mundo, considerando as influências de aspectos regionais e/ou culturais. Tais fatores podem representar “novos campos férteis” de contribuição para essa área de conhecimento.

3.3 ASPECTOS ÉTICOS ENVOLVIDOS NA CONDUÇÃO DA PESQUISA

A metodologia de pesquisa qualitativa envolve a aproximação e a aceitação entre pesquisados e pesquisador (MARTINS, 2004). Dessa forma, tomei o cuidado de, antes mesmo de visitar os artesãos que seriam entrevistados, me apresentar como pesquisador e esclarecer detalhes acerca da natureza e dos interesses do estudo. Agindo assim, procurei estabelecer um clima de cordialidade, simplicidade e igualdade, na tentativa de evitar que a minha presença, como pesquisador, pudesse gerar um clima de incômodo para as possíveis pessoas pertencentes ao ambiente organizacional dos ateliês daqueles artesãos. Especialmente procurei ser cauteloso na tratativa de situações onde surgia algum clima de alteridade entre as partes.

O objetivo foi minimizar a sensação de invasão, em determinados casos, dado ao fato peculiar da diferença cultural que existe entre os pesquisados, mesmo nesse caso específico em que o pesquisador também realiza atividades artesanais, como já destacado no corpo do estudo. Ainda, a abordagem durante as entrevistas sempre foi realizada de forma aberta, evitando a situação descrita por Martins (2004):

[...] Refiro-me, particularmente, às possíveis consequências para a vida de pessoas, grupos e culturas da presença (e da intromissão) de indivíduos portadores de saber, estilo de vida e cultura diferentes. A presença de pesquisadores, muitas vezes disfarçada, pode envolver os observados, pode manipulá-los de acordo com seus interesses e objetivos, introduzindo tensões, provocando rupturas (MARTINS, 2004, p. 295).

Segundo Bryman & Bell (2003) a abordagem dissimulada é, por vezes, necessária. Ela ocorre geralmente quando o pesquisador não revela aos intervenientes sobre a condução da pesquisa. Dessa maneira, há uma discussão ética sobre esse contexto. Essa questão é muito mais relevante em pesquisas realizadas na área de saúde. Como discorrem Bryman & Bell (2003), as questões éticas em que o pesquisador incorre quando assume uma abordagem dissimulada:

[...] transgresses two important ethical tenets: it does not provide participants with the opportunity for 'informed consent' (whereby they can agree or disagree to participate on the basis of information supplied to them) and it entails deception. It can be taken to be a violation of the principle of privacy. Also, many writers take the view that, in addition to being potentially damaging to research participants, it can also harm the practice of research, because of fears about social researchers being identified by the public as snoopers or voyeurs if they are found out. (BRYMAN & BELL, 2003, p. 427).

Esse aspecto, porém, não esteve presente nesta pesquisa, pois o método empregado, a entrevista em profundidade, implicou, como mencionado, num acordo preliminar à entrevista, quando se pôde esclarecer detalhes da pesquisa aos artesãos, eliminando o risco de quaisquer situações omissas, ao contrário, estabelecendo um clima de clareza e cordialidade entre os dois polos envolvidos, o pesquisador e o pesquisado.

Além disso, a etapa de observação participante que ocorreu no ateliê do André (artesão coureiro) foi realizada sob seu consentimento, o qual me concedeu livre acesso, de forma franca e cordial. Os meus interesses ao realizar as seções de observação participante foram preliminarmente acordados, de tal forma que não houve constrangimentos e nem sensações de invasão do ambiente sob investigação.

Finalizando, foi assegurado total sigilo quanto ao conteúdo das entrevistas aos sujeitos estudados, garantindo-lhes que os dados empiricamente colhidos se prestariam única e exclusivamente para os interesses deste estudo acadêmicos. Os nomes dos artífices participantes da pesquisa, bem como os dos seus ateliês somente puderam ser citados aqui devido à autorização e consentimento prévios dos sujeitos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 INTRODUÇÃO DOS CASOS

Essa seção tem por finalidade apresentar, desde já, dados empíricos referentes aos artesãos participantes da fase exploratória da pesquisa. O quadro que resume as informações gerais dos artesãos pode ser encontrado na seção referente à coleta de dados (seção 3.2.2.1) Esses dados foram colhidos no período compreendido entre os meses de dezembro/2017 até abril/2018 por meio da combinação da realização de nove entrevistas em profundidade envolvendo cinco artesãos que exercem seus ofícios na região de Curitiba/PR, os quais cumpriam com os requisitos de interesse da pesquisa, conforme previamente descritos na seção dedicada à apresentação da delimitação e do delineamento da pesquisa (capítulo 3.2), e uma seção de observação participante ocorrida em agosto/2018 no ateliê do André (artesão coureiro).

4.1.1 André – artesão coureiro

Nascido numa pequena cidade de Santa Catarina chamada Pomerode, mas vivendo há 5 anos em Curitiba/PR, André contou durante entrevista realizada em dezembro/2017, que apesar de ser formado em Administração e Teologia, ele sempre amou o trabalho manual. Segundo ele, seu gosto pelos trabalhos manuais o acompanha desde a sua infância, por influência da família. Sua mãe era uma artista plástica e seu pai, por ser engenheiro, costumava consertar muitas coisas na sua casa. Além disso, o hobby do seu avô era a realização de trabalhos manuais, os quais ocorriam no contexto de uma marcenaria. Desta forma, André revela que cresceu num ambiente marcado pelo trabalho artesanal, tomando gosto por esse tipo de atividade.

O início das atividades de André com o couro se deu em 2014, após uma frustração pessoal devido a compra de um cinto, supostamente feito em couro. O cinto seria usado numa cerimônia de casamento de um amigo. Após a aquisição do produto veio a decepção, pois o cinto descascou, segundo André, na primeira semana. A expectativa de durabilidade do cinto era, nas palavras dele, “*para uma vida*”, o que nem de longe ocorreu. E ao invés de reclamar com a loja onde a compra fora realizada, ele decidiu fazer seu próprio cinto, usando couro legítimo. “*Comprei material, uma cinta de couro numa loja ali no centro de Curitiba, na rua*

Dr. Muricy. Comprei uns rebites e fiz o meu primeiro cinto. E fiquei feliz! Usei ele por muito tempo. E ainda está ali, eu estava 'usando ele' hoje de manhã..."

Seu ateliê, a “Oficina do Artesão”, está instalado num dos quartos do seu apartamento, onde reside com sua esposa, Elisabeth. O apartamento está situado num prédio residencial no bairro Bigorriho, na cidade de Curitiba/PR. Ele costuma trabalhar sozinho, atendendo aos pedidos recebidos por meio de vários canais de relacionamento, que vão desde simples contatos telefônicos, e-mails e *WhatsApp*, até as diferentes redes sociais. Segundo André, nos momentos quando a demanda está elevada, ele conta com a ajuda da Elisabeth, contribuindo na execução das tarefas de relacionamento com os clientes, nas remessas de produtos e até mesmo em algumas etapas do processo de produção.

Figura 1: Bancada de trabalho



Fonte: o autor

Dentre os principais produtos feitos pelo artesão, se destacam carteiras, cintos, estojos, porta-passaportes, cadernos ornamentados, alças para câmeras fotográficas e organizadores de cabos. André oferece também cursos básicos de trabalhos em couro.

Figura 2: Produtos

Fonte: o autor

Durante a descrição das características do trabalho artífice, pode-se notar grande entusiasmo na sua fala. Uma das características relevantes existentes nesse trabalho, para André, é a possibilidade dele próprio tomar as decisões estratégicas do seu negócio. Dessa forma ele procura estabelecer limites de produção e de duração da sua jornada diária de trabalho para, assim, conseguir reservar um tempo para a sua família. Ele se recorda que, na época quando estava estudando a possibilidade de trocar o seu trabalho regular como atendente de *telemarketing* pelo trabalho artífice, esse foi um dos principais fatores decisórios: o fator tempo.

Para André, sua atuação como artesão lhe permite autonomia e o envolvimento em todas as etapas do processo. Ao mesmo tempo, implica em determinadas limitações. A entrada de valores (dinheiro), o planejamento da produção e o tempo requerido pelas tratativas ligadas ao processo de relacionamento com os clientes são os principais fatores limitadores elencados por ele. Nesse sentido, ele orienta seu planejamento mensal de produção em função do seu orçamento familiar, sem se preocupar com a produção de excedentes. E agindo dessa forma, ele procura valorizar mais o bem-viver, sua qualidade de vida e a de seus familiares, em detrimento do lucro indiscriminado.

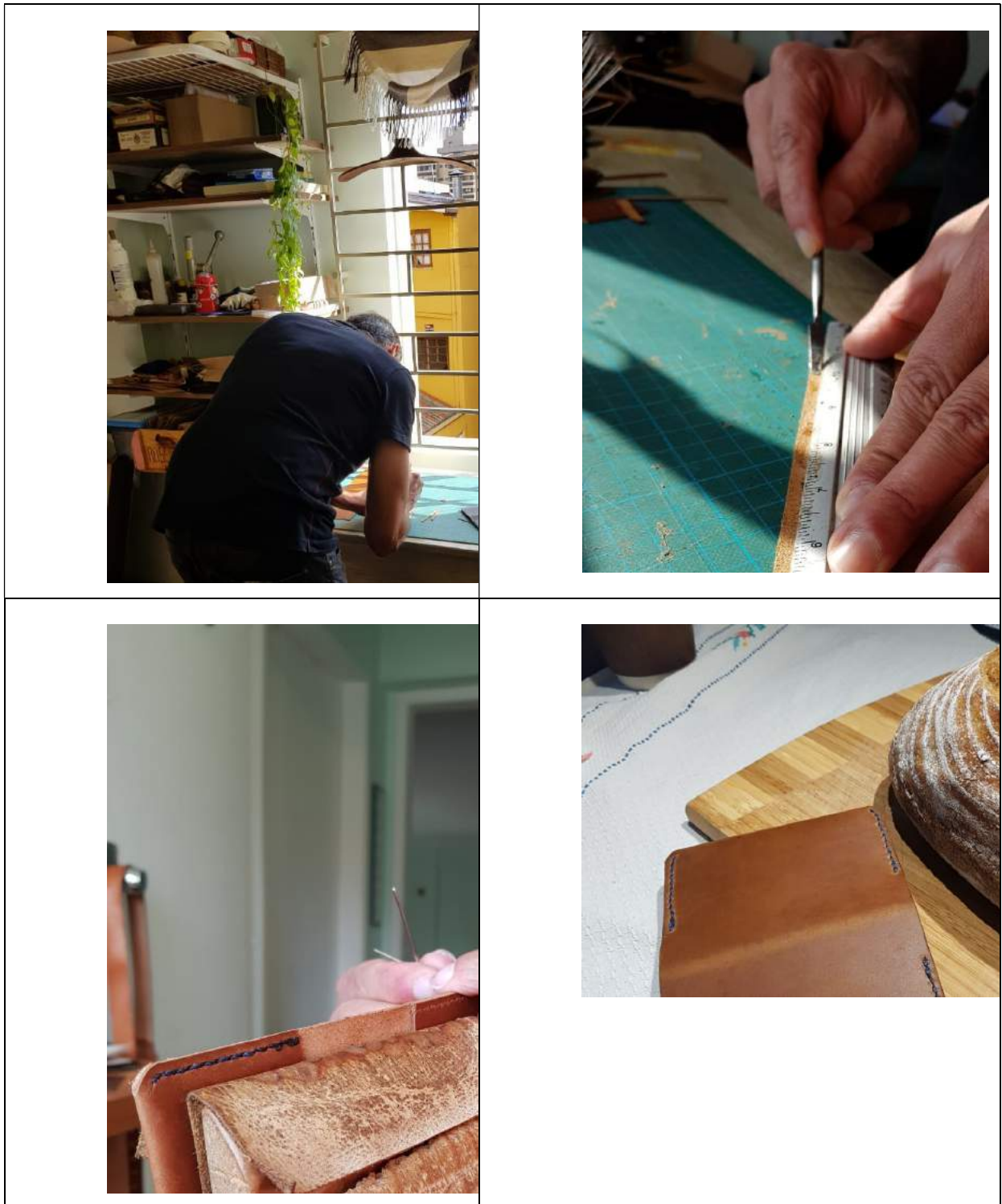
Figura 3: Oficina do Artesão



Fonte: www.strobelartesaio.com.br

Foi no ateliê de André, a Oficina do Artesão, que este pesquisador pôde realizar uma seção de **observação participante**, ocorrida em agosto/2018. Com isso, o pesquisador teve a oportunidade de, tanto acompanhar André durante o desenvolvimento da sua labuta, quanto de aprender e executar com ele alguns dos procedimentos de trabalho de um artesão que trabalha com couro. Nessa oportunidade o próprio pesquisador pôde produzir uma carteira em couro, sob a supervisão e a orientação de André. Isso contribuiu, corroborando o ensinamento de Minayo (2009), na interpretação, através da vivência prática, das ações de André dentro e à partir da realidade vivida por aquele artesão, no local onde suas ações acontecem.

A seguir estão algumas fotos que registram e evidenciam as ações realizadas conjuntamente com André durante as seções de observação participante:

Figura 4: Observação participante

Fonte: o autor

4.1.2 Monicky – artesã luthier

Formada pela Universidade Federal do Paraná e residindo na cidade de Curitiba/PR, durante a entrevista realizada em outubro/2018, Monicky contou que desde quando era muito

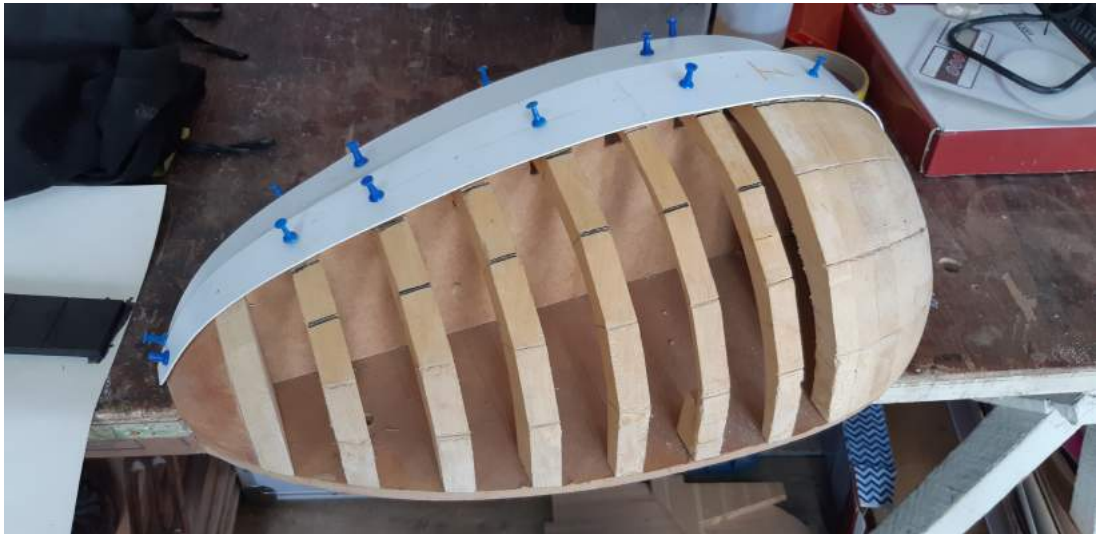
jovem, já se interessava pela lutheria, mesmo que não conseguisse identificar uma razão específica por esse fato. Quer seja por uma orientação familiar, quer seja por uma vocação pessoal, nem mesmo pela busca por uma profissão determinada. *“eu não tenho ninguém na minha família que trabalhe com madeira ou com alguma coisa assim da lutheria, ou produção artesanal. É mais uma coisa pessoal mesmo. Eu não vejo nenhuma influência...”* Mesmo assim, ao buscar um curso de nível superior, Monicky optou pelo curso de Tecnólogo em Lutheria, oferecido pela UFPR. Iniciava ali, a partir dos seus 17 anos de idade, a sua atuação como luthier. Ela atribui sua escolha ao gosto pela música, a atração pelas artes em geral e, de forma particular, ela faz uma conexão entre a luteria e a aplicação, dentro desse tipo de atividade, de várias técnicas simultaneamente. Exemplifica citando a acústica, a química (uso de vernizes), a marcenaria, os desenhos e a geometria. *“(...) eu acho que é uma junção de várias áreas de conhecimento assim, dentro de uma coisa só”*.

Ao longo do curso ela decidiu se especializar em violões clássicos, instrumentos com os quais ela trabalha até hoje, criando instrumentos ou restaurando violões existentes (dos seus clientes), sempre de forma artesanal. E afirma gostar muito dessa profissão, principalmente porque se trata de um trabalho feito à mão, o que remete a significados únicos, os quais ela só encontrou no trabalho artesanal.

Dessa forma, Monicky alega que o fator que mais lhe atrai no trabalho artífice é a possibilidade que essa atividade oferece do estabelecimento de uma relação de proximidade com o instrumento que se está construindo, transmitindo de maneira física ao objeto, uma concepção que ela tem na sua mente, enquanto artesã, do instrumento sendo trabalhado manualmente. *“Você idealiza algo e você consegue, você mesmo, concretizar aquela idealização que você tenha daquilo”*.

Desde sua formatura em 2016, até hoje, ela trabalha em duas frentes: além da restauração de instrumentos ela se dedica ao desenvolvimento de um projeto pessoal, o qual se constitui no design e na produção de um violão clássico, de autoria própria. O objetivo do projeto é o aprimoramento de técnicas artesanais e artísticas, comprovando na prática os resultados da aplicação das suas próprias ideias e concepções sobre violões clássicos. Dessa forma, a partir dos resultados, ela pretende direcionar suas atividades para a construção desse tipo de instrumento, abandonando gradativamente suas atividades ligadas à restauração.

Figura 5: Violão autoral



Fonte: o autor

Figura 6: Logomarca Monicky



Fonte: www.instagram.com/monickyzaczeski

A luthier procura aumentar seu conhecimento sobre o ofício por meio de pesquisas na sua área de atuação. Não obstante, ela também participa de um projeto que visa a criação de um fórum de debates sobre a lutheria no Brasil. *“Eu também tenho um projeto juntamente com alguns amigos (...) que será uma revista onde as pessoas poderão conversar sobre lutheria no Brasil (...) e agora a gente vai começar a divulgar esse material”*. Nesse sentido o seu maior objetivo é a criação de um espaço onde as pessoas possam compartilhar conhecimentos e experiências na lutheria, de forma como não era possível no passado, quando se remete ao trabalho artífice da Idade Média, por exemplo. *“A troca de informações, atualmente, é muito grande. Eu tive acesso a vários livros que me foram indicados por*

colegas do curso. Esse tipo de coisa gera um clima bacana de colaboração entre os alunos”. O acesso ao aprendizado do ofício num curso universitário é visto por ela como algo muito positivo, pois permite uma maior diversidade no processo de aquisição de conhecimentos.

Referindo-se ao modo de produção industrial, comparativamente ao modo de produção artífice, Monicky considera a qualidade dos instrumentos produzidos nas fábricas muito inferior aos instrumentos artesanais. Isso se deve, entre outras razões, pelo emprego de profissionais que não são especializados em música, mas sim pessoas que simplesmente se ocupam da montagem das várias partes dos instrumentos, as quais são produzidas por máquinas que seguem os mesmos processos de fabricação, independentemente do tipo de madeira em uso.

Normalmente a fábrica tem uma limitação (...) quem trabalha na fábrica trabalha numa montagem de linha de produção. Não entende da construção daquele instrumento. E também você não tem essa individualidade de você trabalhar cada instrumento para se tirar o máximo que você pode obter daquele instrumento (...) e a madeira que a gente usa como matéria-prima do violão é uma coisa orgânica (...) se você pega várias placas de madeira e trabalha de maneira igual, elas não saem iguais, porque elas são naturalmente diferentes. Elas têm densidades diferentes, umidades diferentes, orientações de veio diferentes. Então quando o luthier faz um violão, ele leva em consideração tudo isso. A sonoridade do instrumento acaba sendo bem diferente. (MONICKY: artesã luthier).

Outro fator limitante atribuído pela luthier ao seu trabalho se refere à duração do seu expediente. Ela comenta que costuma seguir um horário determinado para o início e o final da sua jornada diária de trabalho, porém ela detém a autonomia para flexibilizar tal jornada de acordo com seus compromissos pessoais. Contudo ela procura manter um certo padrão mínimo de horas trabalhadas em função dos compromissos assumidos com os clientes, preocupando-se em evitar atrasos, alegando que considera que sua profissão, apesar das particularidades do trabalho autônomo, ainda sim requer a determinação de prazos e de rigor o nível de satisfação dos clientes.

Nesse sentido ela demonstra preocupação com a qualidade do seu trabalho. *Meu principal objetivo profissional é realizar o melhor trabalho que eu possa fazer. Um trabalho que tenha excelência em todas as características do violão, seja tocabilidade, estética ou sonoridade. Todas essas características têm que atingir um nível excelente”.* E trabalhando dessa forma, orientada pela qualidade, Monicky se diz satisfeita com o trabalho artífice, pois entende que esse modo de trabalho a possui a virtude de ela poder exercitar a sua capacidade

cognitiva, refletindo sobre a melhor maneira de se realizar o trabalho. *“Você pode pensar e adaptar o seu modo de trabalho com aquilo que você pretende fazer”*.

4.1.3 Aloisio – artesão cuteleiro

A cutelaria nunca foi uma profissão idealizada por Aloisio. Atualmente, com 45 anos de idade e residindo em Campo Largo, uma cidade próxima a Curitiba/PR, durante sua entrevista realizada em novembro/2018, ele contou que sua trajetória de trabalho passou pela construção civil, pelo comércio e pela indústria, antes de ter se tornado um artesão cuteleiro. Atuou como apontador de obras, foi dono de padaria, desenhista industrial, sócio de uma empresa de projetos de produtos para a indústria e para o varejo. Graduado em desenho industrial, decidiu avançar nos estudos e resolveu fazer uma pós-graduação em marketing, porém nesse momento Aloísio percebia que tais atividades não lhe proporcionavam a sensação de prazer que ele buscava. Foi então que ele decidiu mudar o rumo da sua vida e fez um curso técnico de gastronomia. *“eu comecei a enxergar que fazer as coisas com prazer, uma coisa que você gosta, é muito melhor. Eu não estava mais preocupado em ganhar dinheiro. Eu estava preocupado em fazer alguma coisa legal. O dinheiro é consequência de um trabalho bem feito.”*

Dessa forma, após 9 anos residindo em Blumenau/SC onde coordenava uma pizzaria, ele passou a fazer cursos em diferentes áreas, dentre eles, acabou conhecendo a cutelaria. *“Eu sempre gostei de canivetes e facas, desde pequeno. O meu pai tinha uma loja de produtos de caça e pesca e a minha juventude sempre esteve ligada a esse tipo de produtos.”*

O curso de cuteleiro foi realizado na cidade de Feliz/RS com um mestre-cuteleiro, no ano de 2016, praticamente em regime de internato. Aloisio contou que passou a morar na casa do mestre-cuteleiro, aprendendo o ofício em todos os períodos do dia. Tratava-se de um curso focado na cutelaria tradicional, onde as atividades são feitas manualmente com auxílio de equipamentos específicos, tais como bigorna, martelo, forja, lixadeira, furadeira, etc.

Valendo-se do apoio da tecnologia contemporânea, o sujeito conta que faz parte de um grupo de *WhatsApp*, cujos integrantes são os ex-aprendizes (cerca de 80 pessoas) do mesmo mestre-cuteleiro de Aloísio. Tal mídia que serve para a troca diária de informações técnicas, conhecimentos da cutelaria, fornecedores que atuam na área e até mesmo, sobre clientes que desejam adquirir um determinado tipo específico de faca.

Nessa época Aloísio ainda estava envolvido com a pizzaria. Diz ele que foram necessárias muitas conversas e planejamentos, antes de optarem pela venda da pizzaria e a mudança para a nova atividade, trabalhando definitivamente com a cutelaria, montando uma oficina em Campo Largo/PR. Ele trabalha exclusivamente com encomendas, porém planeja criar uma linha de facas que possam ser vendidas à pronta entrega.

A natureza do trabalho artífice na cutelaria permite ao artesão oferecer produtos personalizados aos seus clientes. Para Aloísio, existe a possibilidade de escolhas únicas, baseadas no perfil de cada pessoa, na finalidade de utilização e na funcionalidade de cada produto. Segundo ele, o processo de desenvolvimento de facas na indústria passa necessariamente por etapas distintas, as quais objetivam o desenvolvimento de uma série de facas que consigam atender ao maior número possível de clientes.

O artesão cuteleiro parte de um desenho pré-concebido e combinado com o cliente. Uma das formas de produção da faca é através do uso de um lingote de ferro, que é esquentado e moldado com o martelo, ou é forjado até atingir o formato idealizado. Depois o excesso de material é retirado com uma lixadeira ou com um esmeril até se chegar ao *shape* do desenho que eu concebi no papel. E ele vai ser um produto único, porque eu não vou fazer isso em série. Na indústria é diferente. Ela vai ter que ter um molde, ou ela vai estampar essa faca, ou ela vai usinar uma chapa numa máquina de CNC, onde ela vai usinando de uma outra maneira (...) a tecnologia da indústria hoje é tão elevada que geralmente ela acaba 'nem' tendo contato manual com a faca, tudo é feito de forma automatizada. Então são processos totalmente diferentes. (ALOÍSIO: artesão cuteleiro).

Aloísio esclarece que, apesar de ambos os processos resultarem em facas, a faca artesanal é única. Ele explica que mesmo que o artesão queira fazer uma faca igual, por se tratar de processo manual e individual, o resultado jamais será o mesmo. *“uma lixada a mais, uma curva maior, o produto artesanal sempre terá a sua particularidade, mesmo que imperceptível aos olhos dos leigos, o cuteleiro vê!”*. Além disso, Aloísio comentou que o cuteleiro usa um tipo de material mais resistente (aço carbono), o qual não é utilizado pela indústria na construção de facas em larga escala. Por essa razão, Aloísio alegou que a durabilidade da faca feita pelo cuteleiro é muito maior do que a industrial.

Figura 7: Facas e canivetes



Fonte: o autor

De acordo com Aloísio, o trabalho artífice envolve certas limitações, tais como, o tempo e o trabalho braçal. *“Eu sei que eu não consigo fazer uma faca em menos do que 3 dias (...) então eu sei que posso fazer, no máximo ‘x’ facas por mês”*. Basicamente o sujeito categorizou esses limites em 2 classes: a limitação técnica e a limitação física do ser humano. Do lado técnico ele explica que certas características processais requerem tempos determinados de duração, tais como tratamentos térmicos e colagem. Já pelo lado físico envolve tanto as características fisiológicas do artesão couteleiro, quanto a sua condição de saúde.

Figura 8: Cutelaria



Fonte: www.toopics.com

4.1.4 Raul, artesão arqueiro

Filho de alemão, mas nascido em São Paulo, Raul atribui o seu gosto por trabalhos artesanais em madeira ao seu convívio familiar na infância. Durante sua entrevista, realizada via Skype (pois ele mora na Alemanha) em abril/2019, ele contou que seu avô era marceneiro, o qual transmitiu muito dos seus conhecimentos na área para o seu pai, os quais lhes foram retransmitidos desde muito cedo. Dessa forma Raul cresceu num ambiente marcado por atividades realizadas por meio das mãos, tomando gosto pelo ofício de artesão ainda jovem. *“Sempre brinquei com ideia de montar uma marcenaria, pois gostava de trabalhar com madeira, sempre foi meu hobby. Mas a ideia de viver de fazer móveis não me agradava”*. Ele contou que adorava desmontar, consertar e montar coisas em geral, e isso o levou a estudar engenharia mecânica. Atualmente com 51 anos de idade, Raul contou que atuou na área de engenharia por 18 anos numa empresa do segmento automotivo. Iniciou sua carreira profissional como estagiário e foi progredindo até o atingimento do nível executivo, ocupando a posição de gerente de engenharia. Contudo, segundo sua narrativa, com o passar do tempo ele perdeu o gosto pela atividade profissional nessa área (engenharia) e isso o levou a considerar a opção de buscar alguma forma alternativa de atuação.

Decidiu, então, pedir demissão do emprego e inaugurou, em 2011, a RD Arqueria, em Campo Largo/PR, cidade onde morava. Inicialmente ele montou um estande de tiro, uma loja e criou uma estrutura onde pudesse ministrar cursos na área da arqueria. Por vezes ele também organizava torneios de tiro ao alvo, fomentando o esporte e atraindo competidores e potenciais clientes para o seu negócio. Raul contou que foram tempos difíceis em termos financeiros, pois devido às dificuldades burocráticas e ao alto custo de importação, a margem de lucro das suas vendas era pequena.

Em reação, a partir de 2014 que Raul começou a produzir arcos localmente. Para isso ele buscou o apoio e o *know-how* de um grande fabricante alemão. *“A fabricação deste tipo de arcos e seus acessórios é bem artesanal e consegui assim juntar minhas habilidades de marcenaria e engenharia num produto que une beleza a funcionalidade e que tem que suportar grandes esforços sem deixar de ser preciso.”*

De acordo com as palavras de Raul, a decisão de mudar o rumo da sua vida profissional deu-se em função do descontentamento com a posição onde ele se encontrava na organização. Como se tratava de uma empresa do ramo automotivo, como todas as outras

empresas dessa área no Brasil, vinha sofrendo fortes impactos decorrentes do contexto econômico vivenciado pelo país no período de 2011. Por essa razão, Raul comentou que o ambiente organizacional piorou muito, tornando-se praticamente insustentável.

Segundo ele, a pressão por resultados, por inovação, por reduções de custos, pelo aumento da produtividade e pela busca de novas soluções de engenharia aumentaram imensamente. Ele era cobrado constantemente por ações que resultassem no atingimento das metas corporativas, independentemente da situação econômica e mercadológica desfavorável, o que tornou sua vida profissional bastante estressante. Ele comentou que não via muito sentido naquele contexto em que se encontrava, pois percebia que a corporação priorizava somente as questões ligadas ao capital, deixando o fator humano em segundo plano. Raul comentou ainda que, após uma conversa com seus familiares, não hesitou muito perante os diferentes cenários e optou pela troca da engenharia pelo trabalho com arco e flecha, apesar do menor potencial de rendimentos financeiros imbricado no contexto do trabalho artífice.

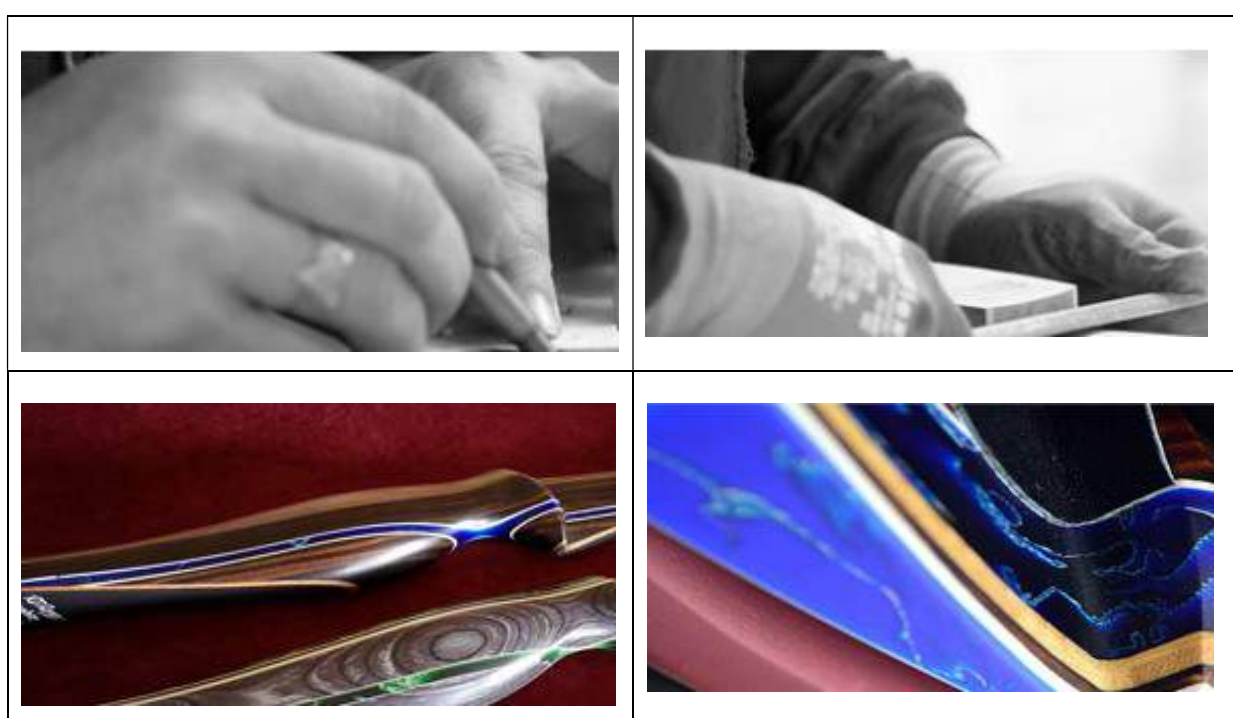
Com cerca de 5 anos de atuação como artesão, Raul alegou que o trabalho artífice lhe devolveu todo o prazer e a satisfação que ele buscava numa atividade profissional. Na sua nova atividade ele encontrou a autonomia que ele tanto desejava, criando seus arcos da maneira que ele julgava fazer mais sentido. Idealizava os arcos na sua mente e os transformava em realidade pela ação das suas mãos, apenas com o auxílio de ferramentas e processos simples. Além desses fatores, Raul também destacou sua alegria ao perceber a aceitação, o reconhecimento e a valorização dos seus clientes, ao receber e utilizar os seus produtos, fruto da sua dedicação e trabalho.

Em meados de 2017, Raul mudou-se com a família para Hameln, uma pequena cidade da região norte da Alemanha. No país dos seus antepassados, Raul estruturou o seu negócio, produzindo os seus arcos artesanais para a venda aos seus clientes. Ele se declarou consciente da importância da separação da sua vida pessoal com a vida profissional. Em busca de qualidade de vida, Raul comentou que montou seu atelier longe da sua residência. Isso, à princípio, evitaria o excesso de trabalho e longas jornadas no expediente. Porém, na prática, devido ao seu gosto pelo trabalho, ao seu envolvimento com o ofício e a pressão financeira, ele confessou que trabalha por longas horas, inclusive nos finais de semana.

Raul alegou que pretende expandir o seu negócio na Alemanha, mas que planeja ter o mínimo possível de funcionários. Atualmente ele subloca um espaço em uma marcenaria, a

qual é utilizada por outros artesãos. Trata-se de um espaço colaborativo, o que lhe confere uma relativa economia por meio da divisão dos custos do aluguel do local. Contudo, na sua visão de futuro, Raul incluiu a locação ou a compra de um local exclusivo. Dessa forma ele deseja conquistar mais independência, podendo, além da oficina, criar também uma loja e um estande de tiro. Com isso ele almeja promover o esporte e diversificar seu modelo de negócio, objetivando um maior faturamento e segurança.

Figura 9: Arqueria



Fonte: www.rdarqueria.net

4.1.5 Miguel – artesão marceneiro

Homem simples, nascido na Lapa (uma pequena cidade próxima a Curitiba/PR), Miguel considera que possui o dom de trabalhar à mão com madeira, e que isso foi, provavelmente, um presente de Deus. O sujeito comentou, durante sua entrevista realizada em dezembro/2018, que nunca fez cursos profissionalizantes, mal frequentou a escola e trabalhou no campo por muitos anos. Como lavrador, ele plantou e colheu fumo, tirando deste ofício o seu sustento e ajudando a sua família. *“Naquele tempo eu queimava muita madeira nas estufas de fumo, agora eu uso qualquer toco de madeira para fazer o meu serviço. Hoje ela fica ‘pro resto da vida pra muitos fregueis’.”*

Miguel revelou que iniciou seus trabalhos como carpinteiro sozinho, por um mero acaso. Conta que num determinado dia ele precisou de um banco no sítio onde morava. Sem dinheiro para comprar um banco pronto e por pura falta de opção, ele se apossou dessa missão, juntou matéria-prima e decidiu fazer o banco sozinho. *“Daí, quando chegou o dia certo eu aprendi a fazer, peguei e fiz. Depois eu fiz outro e outro. Copiava alguns modelos e ia modificando. E fui aprendendo sozinho a trabalhar com a madeira.”*

Atualmente residindo em Curitiba/PR ele montou o seu ateliê, a MS-Rústicos, de forma anexa à sua casa, onde, auxiliado pelo Paulo, produz móveis artesanais de madeira. Com cerca de 3 anos de dedicação exclusiva ao seu ofício, ele trabalha basicamente criando e produzindo móveis rústicos, sob encomendas. Não obstante, quando o tempo lhe permite, ele também faz produtos (sempre em madeira) para a venda direta.

Na marcenaria industrial, segundo Miguel, a natureza do trabalho muda bastante, em relação ao seu processo artesanal. Ele explica que cada funcionário faz uma determinada etapa do processo, o tempo todo, tornando-se especialista naquela atividade. O sujeito usa, como exemplo, uma indústria de móveis que ele visitou há tempos atrás. *“pelo que eu vi ‘meio assim’, um fazia a parte das gavetas, outro já fazia a parte dos pés. Na verdade, os pés já vinham prontos de outra fábrica (...), o último só monta os móveis para testar, porque é montado ‘primeiro’, têm muitos móveis que são montados na casa dos ‘fregueses’.*

A marcenaria industrial não atrai Miguel, que exprime indubitável preferência pelo método artífice, onde há a oportunidade de se realizar trabalhos diversificados, de forma autônoma e criativa. A concepção, a idealização e a materialização do produto são feitas pelo artesão, processo este que proporciona a grata sensação de prazer, bem como um sentimento de pertencimento e posse. Miguel considera “o dono das suas obras”, em função da sua autoria e originalidade. O processo de desenvolvimento dos seus produtos é bastante peculiar, como ele descreve nessas palavras:

Anteontem eu comecei fazer um cata-vento. E eu fiz e coloquei ali... (apontando para a fachada da sua oficina), e você acredita? De sexta.... acho que foi quinta-feira que eu fiz, nós já ‘vendimo’ e ‘temo’ que fabricar mais três!?! (...) quando eu invento fazer um ‘negócio’, eu não uso nem lápis. O meu lápis é a motosserra! Eu cortei aquela madeira certinha como eu queria com a motosserra. E depois, pra dar o detalhe no final, eu só tive que cortar um pedacinho para ele girar. É o acabamento deu certo. (MIGUEL: artesão marceneiro).

Figura 10: Rústicos

Fonte: o autor

Miguel declarou sua intenção de melhorar seus produtos constantemente. E, como um entusiasta pelo ofício, alegou que, muitas vezes, mal realiza pausas para o almoço, de tão empolgado que se sente, ao executar determinados produtos: *“Quando você está dedicado naquela peça, te dá um prazer tão grande de você ‘terminar ela’ que você mal almoça e vai fazer. (...) Mesmo que o ‘freguês’ não ‘teje’ te pressionando. É assim que é!”*.

A oficina de Miguel é singela. Possuidor de poucas ferramentas e recursos, para atender aos pedidos dos seus clientes, ele relata que se apoia muito mais na sua criatividade e habilidade manual, do que propriamente em recursos mais sofisticados. Contudo, trabalhando dessa forma, se declarou feliz. *“Eu tenho só uma motosserra e uma lixadeira. E facão... essas coisas. Mas eu não queria ter uma ferramenta assim, tipo torno. Senão era capaz de me estragar, de eu querer fazer coisas muito chiques, (risos...)”* Ele, com base na sua vivência do dia-a-dia, revelou que a maioria dos seus clientes preferem produtos que apresentem formas mais rústicas de acabamentos, o que ele consegue realizar muito bem ao utilizar o seu conjunto atual de ferramentas si. *“O corte feito com a motosserra é outro. É o que está na moda agora”*, afirma.

Figura 11: Motoserra

Fonte: o autor

Com relação às virtudes presentes no trabalho artífice, Miguel citou o fato de obter proventos que, apesar de não serem de grande monta, ao menos são suficientes para que o sujeito consiga, de forma singela, sustentar a sua família e o seu negócio. “um benefício é o alimento da gente, né? E aqui eu consigo pagar o aluguel, luz, água...”. Mas o maior benefício, segundo ele, é o prazer que sente ao realizar o trabalho e a satisfação de ter os seus produtos sendo reconhecidos pelos clientes. *“O prazer é ver o ‘fregueis’ feliz com a aquilo que você fez. E ele voltar”*.

Contudo, apesar do prazer e da satisfação que Miguel encontra no trabalho artífice, ele ainda assim reconheceu que se trata de um tipo de atividade que carece de valor. Segundo ele a maioria das pessoas não valorizam os produtos artesanais, como deveriam. A cultura da sociedade brasileira, de acordo com a experiência vivida pelo sujeito, é tendenciosa e só atribui valor às marcas famosas. E no caso específico do trabalho feito à mão, os integrantes da alta sociedade se propõem a pagar altos preços por artesãos renomados, cujas marcas são associadas automaticamente à produtos de alto padrão e qualidade.

Parece que mesmo que você faça com muito carinho, as pessoas não te dão o valor aqui (se referindo à sua oficina, pela sua forma simples, singela e humilde). Ela vai virar ‘joia’ lá em cima, quando cair na mão de uma pessoa ‘maior de dinheiro’ (...) e quando cair na mão dela, aí parece que a pessoa vai comprar. Parece que da gente que ‘é mais pequeno’, o povo só tenta se aproveitar. O povo aproveita um pouco dessa situação, sabia? (MIGUEL: artesão marceneiro).

O sujeito se vê numa determinada condição que ele precisa vender os seus produtos para “girar” a mercadoria, evitando assim o aumento de estoques.

Figura 12: Mesa



Fonte: o autor

Contudo, apesar de toda a singeleza de Miguel, ele declarou que tem o objetivo de expandir a sua oficina, adquirir mais ferramentas, porém diz que tenciona respeitar um limite. *“Eu já pensei nisso, mas não ‘subir’ muito, porque ‘dai já virava ganância’, mas ter um barracão melhor (...) já ‘me ajudava muito’ (...)”*.

Para ele, o crescimento implicaria em desafios maiores, os quais ele não enfrenta na atualidade. Um dos fatores que ele citou como “dificultador” é a necessidade de mais recursos humanos, a contratação de funcionários capacitados para agregar valor ao seu negócio. *“Pra gente achar um funcionário que é ‘que nem’ irmão, como é o Paulo, é difícil. Tem funcionário que só quer ‘ferrar’ com o cara, é ou não é?”*

4.2 DISCUSSÃO DOS DADOS EMPÍRICOS

Essa seção tem por objetivo a discussão dos resultados empíricos da pesquisa. A metodologia empregada constituiu-se sistematicamente pela pré-análise dos dados, a exploração do material e a tratativa dos dados empíricos, suas inferências e interpretações (BRYMAN, 2012; BARDIN, 1977). Procedeu-se, portanto, a minuciosa releitura dos dados de tal modo a organizá-los por meio da codificação e da categorização dos mesmos.

Os dados empíricos oferecem a oportunidade de se verificar elementos comuns nas narrativas dos vários artesãos entrevistados, alguns deles ocorrendo com maior frequência. Além disso, como este pesquisador realizou observação participante, bem como a prática

cotidiana do ofício de artesão padeiro (autoetnografia), o pesquisador se coloca numa posição de fala equivalente à dos sujeitos da pesquisa, tomando contato direto com o objeto da pesquisa e aproximando-se da realidade presente no local onde as ações acontecem.

Segundo Given (2008) a autoetnografia sugere que a vida do pesquisador pode se tornar uma parte do tema sob estudo, de maneira consciente. Given (2008) revela que na autoetnografia os pesquisadores se posicionam, eles próprios, como participantes da pesquisa, podendo se valer das suas experiências durante o processo de coleta e análise dos dados empíricos da pesquisa. Cabe lembrar que a trajetória de vida do pesquisador, explicitando a forma como se deu o seu contato com o trabalho artífice e sua conseqüente transformação, deixando de ocupar um cargo de executivo da indústria automotiva, passando a ser um padeiro artesão, foi descrita em detalhes na parte desse trabalho destinada ao seu prólogo.

Assim, como fruto de fatos oriundos da vivência própria do pesquisador, bem como de releituras e interpretações de todo o material coletado em campo, apresenta-se a seguir os principais elementos codificados e categorizados, relacionados aos respectivos trechos extraídos das respostas dos artesãos aos questionamentos apresentados pelo pesquisador.

4.2.1 A natureza do trabalho artífice

Tendo em vista a provisão da resposta à seguinte questão norteadora do estudo: “*qual é a natureza do trabalho artífice nos casos estudados?*”, a presente seção estabelece a análise dos dados empíricos e os discute considerando as principais referências bibliográficas dessa área de estudo. Apresenta também novos achados que a pesquisa desvelou, contribuindo assim com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

A análise das declarações dos artesãos entrevistados, permitiu a identificação de elementos que corroboram a literatura especializada no que tange a fatores centrais associados ao trabalho artífice (SENNETT, 2009; OLIVEIRA, CAVEDON & FIGUEIREDO, 2012; ADAMSON, 2007; MARQUESAN & FIGUEIREDO, 2014; HERNANDES, 2016). São eles:

- a) A **substantividade**: observou-se que o trabalho artífice é um tipo de atividade que permite o reconhecimento do autor na sua própria obra.

Alinhado ao pensamento de Sennett (2009), percebeu-se em campo que os artesãos se reconhecem nas suas próprias criações. Tal fato confirma o pensamento de Sennett (2009),

o trabalho artífice proporciona recompensas emocionais, o que se deve à habilidade artesanal. Tal habilidade é baseada numa aptidão que exige alto grau de desenvolvimento, até se atingir um dado ponto quando o artífice consegue “sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo” (SENNETT, 209, p. 30). A realidade evidenciou que a habilidade artesanal é, de fato, motivo de orgulho e de prazer para os artífices entrevistados, pois lhes proporcionam o reconhecimento. Para a melhor compreensão do leitor, é importante registrar-se aqui que o reconhecimento, além de um elemento característico do trabalho artífice, também foi classificado como uma das virtudes presente nesse tipo de trabalho. Por este motivo, aliado ao fato da proposição da criação de uma segunda dimensão dessa categoria (reconhecimento), tal característica será apresentada em detalhes mais à frente, no subcapítulo que foi especialmente dedicado às virtudes relacionadas ao trabalho artífice.

Os dados do campo mostram que diversas falas ressaltam os sentimentos de prazer, orgulho e satisfação que os artesãos estudados vivenciam ao terem a sua habilidade artesanal reconhecida. Destacam-se, como exemplos, as palavras de André:

A primeira coisa que eu senti foi o prazer de ter vendido a primeira carteira e o “cara” ter dito: “Gostei do teu trabalho!”. Eu fiz o processo inteiro, eu trabalhei com o meu cognitivo e as minhas habilidades manuais. “Usei ela” da minha cabeça, tirei e transformei o material em alguma coisa útil e palpável. E vendi para alguém que gostou do meu trabalho e tive um reconhecimento financeiro e emocional relacionado ao processo. (ANDRÉ: artesão coureiro).

Raul, por sua vez, se declara satisfeito por ser reconhecido pelos clientes por meio dos seus produtos, bem como por poder combinar habilidades manuais com conhecimentos técnicos associados.

A fabricação deste tipo de arcos é bem artesanal. Eu consegui juntar minhas habilidades de marcenaria e engenharia num produto que une beleza a funcionalidade e que tem que suportar grandes esforços sem deixar de ser preciso. É ótimo perceber que certos clientes reconhecem e valorizam isso. (RAUL: artesão arqueiro).

b) O processo artesanal, em si, envolve **simplicidade**. Notou-se que se o trabalho artífice é constituído por operações que são executadas em pequenas oficinas, por meio das mãos e da mente do artesão, utilizando ferramentas simples. Os dados do campo confirmam Sennett (2009), revelando que as atividades executadas pelos artesãos estudados são, realmente, realizadas desta forma. Notou-se ainda que seus ateliês se localizam, na maioria dos casos, nas próprias casas dos artesãos.

Exemplos disto são André, que transformou um dos quartos do seu apartamento em ateliê, Aloísio e Miguel. Nesses dois últimos casos citados, seus ateliês são extensões das suas próprias casas. O meu ateliê de pães também se localiza na minha residência. Entre os casos estudados, Monicky e Raul divergem desta situação, pois os ateliês de ambos foram estabelecidos em espaços sublocados, por motivos particulares. Raul, por exemplo, atribui sua escolha ao seu engajamento pelo ofício e a paixão pelo tiro com arco. Ele alega tratar-se de uma tentativa de separar sua vida profissional da vida pessoal: *“Se eu trabalhasse em casa, acabaria extrapolando o tempo dedicado ao trabalho e não sobraria muito para a família.”*

Segundo Sennett (2009), na Idade Média os artesãos residiam e trabalhavam nas próprias oficinas, que eram organizadas em sistemas de guildas hierarquizadas. Como descreve esse autor, as guildas se constituíam em organizações independentes que reuniam, num mesmo local, artesãos, negociantes e/ou artistas, geralmente capitaneadas por mestres-artesãos. Longe da visão da existência de laços de amor entre os integrantes das mesmas guildas, as únicas recompensas emocionais presentes eram de ordem impessoal (SENNETT, 2009). Como exemplo o autor cita, na sua obra “O Artífice” que as oficinas proporcionavam “notadamente uma posição honrosa na cidade” (SENNETT, 2009, p. 67).

Não obstante, a pesquisa revelou ainda que, na contemporaneidade, os ateliês dos artesãos estudados não se mostraram estruturados conforme o formato clássico apresentado por Sennett (2009) organizados com base no modelo “mestres-aprendizes”, ou mesmo, não se constituindo numa coletividade. Os achados apontam a existência da predominância de espaços individualizados. Em outras palavras, a maioria dos sujeitos participantes do estudo demonstraram trabalhar de maneira autônoma, isoladamente ou auxiliados por familiares. São os casos de André, Aloísio, Miguel e o meu próprio.

c) O **engajamento** pelo trabalho constatado na realidade dos artesãos estudados, os quais mostraram-se envolvidos pelo trabalho de tal maneira, que muitas vezes estendem voluntariamente suas jornadas de trabalho além do tempo comumente praticado nas indústrias.

Os dados empíricos corroboram o pensamento de Sennett (2009): “O artífice representa uma condição humana especial: a do engajamento” (SENNETT, 2009, p.30). A realidade desvelada pelo campo mostrou que este é um dos elementos centrais da natureza do trabalho artífice. Esta constatação é evidenciada nas palavras de Miguel:

Quando você está dedicado naquela peça, te dá um prazer tão grande de você “terminar ela” que você mal almoça e vai fazer. (...) Mesmo que o “fregueis” não “teje” te pressionando. É assim que é! (MIGUEL: artesão marceneiro).

De forma semelhante, Aloísio afirma que, por vezes, mal chega a se alimentar corretamente, devido ao seu engajamento e o prazer encontrado no trabalho:

Tem dia que eu paro para tomar água, comer um lanchinho, às vezes eu nem almoço. Mas não é porque eu tô me obrigando, que eu tenho que cumprir aquele tempo... É porque o trabalho é tão legal que eu não quero parar! (ALOÍSIO: artesão couteleiro).

Serva (1996) e Guerreiro Ramos (1989; 2008) discorrem sobre a racionalidade substantiva, esclarecendo sua relação a atributos cognitivos naturais dos seres humanos, os quais são capazes de proporcionar a sensação de autorrealização, extensiva aos demais indivíduos da sociedade. Da mesma forma, os dados do campo confirmam que o trabalho artífice envolve sentimentalidades intangíveis, tais quais orgulho, prazer e satisfação, como declararam os artesãos estudados ao terem seus trabalhos reconhecidos pelas pessoas.

Acrescento, valendo-me da minha experiência pessoal com a panificação artesanal, que o reconhecimento afetivo-emocional é tanto mais intenso e significativo, quanto maior forem os laços de afetividade e proximidade das pessoas envolvidas. No meu caso, em particular, afirmo: *“é recompensador quando os meus filhos e a minha esposa elogiam os meus pães”*.

Conquanto, além desses três fatores apresentados acima, todos reconhecidos pelas literaturas que se empenharam no estudo do trabalho artífice, a presente pesquisa destacou novos elementos observados em campo, servindo como contribuição desse trabalho para o aumento do arcabouço literário dessa área acadêmica. São eles:

d) uma **segunda dimensão da categoria reconhecimento**, constituída pela associação do reconhecimento afetivo emocional e do reconhecimento substantivo pelo produto, cujo detalhamento, assim como os dados empíricos que comprovam e justificam este postulado, serão apresentados na seção referente às virtudes inerentes ao trabalho artífice (seção 4.2.3), justamente porque, como mencionado, a categoria “reconhecimento” foi tratada nesse estudo principalmente como uma virtude do trabalho artífice, além de uma das características presentes na sua natureza.

e) **Limites técnicos e limites impostos por fatores da natureza**, subcategorias identificadas através da análise dos dados empíricos e que, de forma semelhante ao

exposto acima, devido à sua relevância para esse estudo, serão apresentados na seção 4.2, dedicada exclusivamente para tratar da categoria limites, logo a seguir.

4.2.2 Os limites presentes no trabalho artífice

Esta seção é dedicada ao debate pertinente à segunda questão norteadora da pesquisa, à saber: *“quais são os limites presentes no trabalho artífice?”* Os dados coletados durante a pesquisa de campo indicam que os artesãos entrevistados reconhecem, ainda que, por vezes, de forma inconsciente, que o trabalho artífice implica em determinados tipos de limites. A análise dos dados permite a constatação de que, de forma menos frequente, os artesãos estudados percebem que o modo de produção artesanal implica em limites associados a fatores estratégicos do negócio em si, por exemplo, a imposição voluntária de limites relacionados ao desenvolvimento futuro das suas organizações.

Um exemplo é Miguel, que planeja aumentar as suas operações e estruturar melhor o seu ateliê, porém de forma limitada:

Eu já pensei nisso, mas não “subir” muito, porque “ai já virava ganância”. Mas ter um barracão melhor [...] já “me ajudava muito” [...]. (MIGUEL: artesão marceneiro).

Analogamente, Raul declara sua intenção de crescimento limitado no negócio:

Decidi também evitar ao máximo ter que contratar funcionários. Como estratégia para o crescimento do negócio, pretendo limitar a equipe a 3, um administrativo e vendas, outro para me ajudar na oficina. Como não quero ficar rico, não será necessário mais do que isto. (RAUL: artesão arqueiro).

Contudo, as falas mais recorrentes dos artesãos estudados remetem a existência de outras categorias de limites, principalmente limitações de ordem humana, limitações de ordem técnica e, ainda, limitações ligadas aos fatores da natureza.

Os fatores limitadores da produção artesanal e que são associados ao ser humano se referem aos aspectos fisiológicos ligados à corporeidade do trabalhador. Tal fato corrobora o estudo de Hernandez (2016). Segundo Hernandez, dado que o trabalho artífice é executado essencialmente com as mãos e se apresenta de forma indissociável do artífice, as condições do corpo ao mesmo tempo que possibilitam, também limitam a execução do trabalho artífice. Ora, reforçando-se o fato de que os artesãos realizam suas atividades utilizando as próprias mãos, o condicionamento físico e o estado de saúde do artesão se tornam fatores intrínsecos aos limites das suas capacidades produtivas. Fadiga, dores musculares, cansaço, sonolência,

contusões, entre tantos outros, são fatores que impactam diretamente o desempenho das atividades artífices. Um exemplo pode ser identificado na alegação de Aloísio, relatando sobre os impactos corporais que sofreu durante a realização do seu curso de aprendizagem do ofício da cutelaria:

Eu saí de lá com duas facas prontas e não acreditando que tinha feito. Passei mal, tive insolação por causa da temperatura da forja, tive febre, dores musculares homéricas, descobri músculos que eu não conhecia. (ALOÍSIO: artesão cuteleiro).

O mesmo artesão declara, ainda, que passou a se auto impor limites de produção em detrimento da sua condição físico-corpórea, após o seguinte fato ocorrido:

[...] teve um dia que eu forjei 3 facas seguidas, no outro dia eu não conseguia trabalhar porque o meu braço estava dolorido. Se eu me corto ou me queimo, no outro dia eu também não vou conseguir trabalhar. (ALOÍSIO: artesão cuteleiro).

André também relatou uma experiência semelhante, alegando ter ferido seu dedo após a produção de um determinado lote de produtos com a finalidade de participar de um grande evento dedicado à apresentação e comercialização de trabalhos artífices:

[...] daí eu tive que ficar um tempo sem trabalhar, pois havia machucado o dedo durante a produção de produtos para a feira Manoo que a gente iria participar. Era uma feira bem grande de *design* e artesanato e eu queria produzir um bom estoque para vender lá. Trabalhei bastante, fiz longas jornadas de trabalho por vários dias, tanto que o meu dedo ficou todo machucado. Tive que ficar parado por uns tempos, até melhorar. Agora eu decidi, não vou fazer mais esse tipo de coisa! (ANDRÉ: artesão coureiro).

Outras evidências associadas aos limites de ordem humana podem ser encontradas na fala da Monicky e do Miguel, ambos alegando sentirem dores nas costas devido à ergonomia dos seus trabalhos:

Tem dias que eu preciso ficar debruçada sobre a bancada por um longo tempo. No começo eu não sentia nada. Mas depois comecei a sentir dores nas costas. É uma dor chata, incomoda. Eu preciso fazer uma pausa “daí”, levantar, esticar as costas e alongar até aliviar um pouco. Mas depois tenho que voltar ao trabalho, pois a gente tem um compromisso com os clientes, né? (MONICKY: artesã luthier).

Deus me livre dessa dor que dá nas costas da gente quando “tá” abaixado, lixando a madeira. Ainda bem que eu tenho o Paulo, que me ajuda nesse serviço. Aí eu fico mais “de pé”, fazendo outra coisa. (MIGUEL: artesão marceneiro).

A minha experiência própria pode ser enquadrada na categoria de limitações de ordem humana. Ao fazer meus pães artesanais, uma das etapas do processo é a sova da massa. É um processo que requer técnica aliada à força física, pois é feito de forma a misturar os ingredientes visando a formação da cadeia de glúten. É um processo tão mais cansativo quanto maior for o peso da massa sendo preparada e requer cerca de 10 minutos,

aproximadamente, para ser finalizada. Esse tempo, em si, não implica num grande desgaste físico. Porém, o cansaço se acentua quando se necessita sovar diferentes tipos de massas, seguidamente. Meu braço começa a cansar, as dores musculares surgem. Outras partes do corpo, como ombros, costas e mãos doem. E assim, como foi citado por alguns dos outros artífices estudados, eu também preciso fazer pausas para descansar e me recuperar fisicamente.

Adicionalmente, à despeito dos fatores associados à corporeidade abordados por Hernandez (2016), o autor também cita categorias que se referem à “centralidade do cuteleiro (nesse estudo entendido genericamente como “o artesão”) no processo de criação e do fazer artesanal”, e ainda, os “valores substantivos que permeiam o trabalho artesanal tradicional”. O presente estudo inaugura, além desse rol de limites apresentados por Hernandez (2016), duas novas categorias de fatores limitantes da produção artesanal: limites de ordem técnica e limites determinados pela natureza. Tais fatores foram observados no campo empírico e permitem ser classificados daquela forma.

Os limites de ordem técnica incluem tanto os aspectos físicos e/ou químicos associados aos materiais utilizados, quanto os processos de produção em si. Monicky, por exemplo, citou a necessidade de utilização de materiais leves na confecção dos instrumentos. O peso excessivo influencia, tanto na qualidade do som, quando no manuseio do instrumento:

A gente tem que respeitar certos limites para não prejudicar a tocabilidade do instrumento, não pode utilizar materiais muito pesados. A funcionalidade tem que ser prioridade em comparação com coisas como a estética, por exemplo. A produção da música e as características dos músicos têm que ser respeitadas. (MONICKY: artesã luthier).

Além disso, a influência de aspectos associados às propriedades físicas dos materiais utilizados na produção artesanal também foi destacada por Raul. Segundo ele a qualidade dos arcos depende das características físicas da madeira:

[...] os diferentes tipos de madeiras que podem ser empregados na produção do arco afetam a precisão do tiro e sua resistência. A madeira precisa suportar altas tensões, sem fletir excessivamente e sem se partir. O Pau Brasil é um bom material para se fazer arcos, porém seu uso é limitado devido à necessidade de importação para a Alemanha. E ele encontra em extinção há um bom tempo. Eu procuro usar outras madeiras [...] que eu considero mais adequadas.” (RAUL: artesão arqueiro).

Observou-se que as limitações de ordem técnica também estão muito presentes no trabalho do Aloísio. Ele comentou que a cutelaria utiliza metais, normalmente aços carbonos, materiais dotados de elevadas resistências mecânicas, para a produção das suas facas

artesanais. Segundo Aloísio, o processo de conformação desse tipo de material requer altas temperaturas de trabalho para que possam ser adequadamente conformados:

[...] a temperatura da forja precisa atingir cerca de 1200°C a 1300°C, só então eu posso começar a conformar o material para a confecção das facas. Isso requer tempo. E se o material não atingir essa temperatura, a faca não fica boa (...) podem surgir defeitos como trincas, descarbonetações, queimas, esse tipo de coisas.” (ALOÍSIO: artesão couteleiro).

Já a declaração de André remete ao tipo de limitação de ordem natural, ao explicar que “*há de se respeitar o tempo de cura requerido pela cola* (uma das etapas do processo de produção artesanal de suas carteiras de couro) *antes de se iniciar a costura à mão*”. Minha própria compreensão acerca desse tipo de limite foi favorecida após a realização, como citado anteriormente na parte metodológica do estudo, da observação participante. Naquela oportunidade eu pude aprender (e compreender) melhor as etapas do processo de produção artesanal de carteiras de couro. O material é cortado, dobrado e colado, antes de ser costurado à mão. O processo de cura da cola requer cerca de 2 horas para ser concluído. Somente após a finalização dessa etapa, ocorre a costura. É um tempo que necessita ser respeitado em detrimento da qualidade final do produto.

De forma semelhante e dando luz ao processo de panificação artesanal, da minha parte acrescento que também ali existem limites impostos pela natureza. A temperatura ambiente, por exemplo, exerce papel fundamental no processo de maturação da fermentação natural, determinando o tempo requerido para que ela aconteça, o que influencia diretamente as características do pão.

Portanto, se para a indústria, como visto na seção dedicada à revisão bibliográfica, a eficiência máxima visa a constante superação de limites, para o trabalho artífice a existência de determinados tipos de limitações é considerado algo natural pelos artesãos entrevistados, além de necessário e benéfico.

Contudo, as falas dos artesãos entrevistados sugerem que o trabalho artífice, apesar de não orientado pela eficiência máxima, ainda assim é permeado por um tipo de eficiência que é característica do fazer artesanal. Com base em Sennett (2009), o artífice desenvolve suas habilidades gradativamente por meio da exaustiva repetição dos movimentos praticados no seu trabalho cotidiano, atingindo assim níveis elevados de desempenho.

4.2.3 As virtudes relacionadas ao trabalho artífice

Essa seção se dedica ao debate relacionado à questão central orientadora desta pesquisa, propondo é a investigação das virtudes que advém da prática do trabalho artífice. Nesse sentido, os dados empíricos resultantes da pesquisa sugerem a existência de quatro virtudes presentes no trabalho artífice. São elas:

a) **o reconhecimento**, que pode ser compreendido numa “segunda dimensão”, além daquela apresentada por Sennett (2009), referindo-se ao auto reconhecimento do autor na sua obra, mas sim, uma nova dimensão identificada nas declarações dos artesãos estudados: trata-se do reconhecimento afetivo e emocional, aliado ao reconhecimento substantivo pelo produto. Portanto, apresenta-se aqui algo novo, um achado empírico da pesquisa que se soma ao arcabouço de conhecimento existente nessa área de estudo. Os dados colhidos em campo sugerem que esse tipo de reconhecimento, seja aquele de ordem afetivo-emocional, seja o de ordem substantiva pelo produto, é motivo causador de orgulho ao artífice, servindo-lhe como uma espécie de elemento balizador, capaz de legitimar o trabalho bem executado.

Isto pode ser evidenciado pelas palavras de André. Nesse trecho (a seguir) ele descreveu seu sentimento de prazer após ter vendido a primeira carteira.

A primeira coisa que eu senti foi o prazer de ter vendido a primeira carteira e o “cara” ter dito: “Gostei do teu trabalho!”. Eu fiz o processo inteiro, eu trabalhei com o meu cognitivo e as minhas habilidades manuais. “Usei ela’ da minha cabeça, tirei e transformei o material em alguma coisa útil e palpável”. (ANDRÉ: artesão coureiro)

Ele continua, nesse outro trecho da sua narrativa, se mostrando satisfeito por ter o seu trabalho reconhecido, uma atividade que, segundo ele, utiliza recompensa a sua inteligência emocional:

[...] trabalhar numa coisa que se tenha habilidade, que as pessoas reconhecem, [...] isso faz toda a diferença! Eu posso trabalhar aqui dentro de casa. Para minha inteligência emocional, isso é muito importante: saber que existem formas de ganhar dinheiro usando habilidade manual. (ANDRÉ: artesão coureiro)

Ainda, para André, a sensação de ter o seu produto valorizado é tamanha, que ele a classifica como “indescritível”:

[...] eu trabalho de forma a apresentar para o público lá de fora produtos que durassem a vida toda. E é indescritível a sensação de ter o seu produto valorizado e admirado pelo cliente. (ANDRÉ: artesão coureiro).

Aloísio destaca a qualidade do produto artesanal na cutelaria, elencando a exclusividade artesanal, valorizada e percebida pelos clientes como um diferencial do produto artesanal frente ao industrial. Trata-se do reconhecimento substantivo pelo produto.

A faca artesanal é única. Mesmo que eu queira fazer outra igual, eu não consigo, cada faca é exclusiva, diferente da faca da indústria, que é feita em série, em grande escala, uma igual à outra. (ALOÍSIO: artesão cuteleiro).

Monicky demonstra orgulho pelo zelo com a qualidade dos instrumentos por ela produzidos, objetivando a busca pela excelência no seu trabalho para a criação de produtos de alta qualidade.

Você procura fazer um trabalho que tenha excelência, por exemplo, um instrumento que boa tocabilidade, estética e som. São essas as características que você busca enquadrar num patamar excelente. (MONICKY: artesã luthier).

Raul atribui o reconhecimento dos clientes à funcionalidade dos produtos artesanais. No seu caso específico, tal funcionalidade é percebida pelo cliente por meio da precisão característica dos seus arcos.

O arco feito à mão é mais preciso do que os demais. O resultado do trabalho artesanal é diferenciado, o produto apresenta uma melhor funcionalidade, o que é reconhecido e elogiado pelos clientes. Isto leva você a pensar que todo o esforço valeu a pena! (RAUL: artesão arqueiro).

E após discorrer sobre suas opiniões sobre o trabalho artífice, Raul conclui sua linha de raciocínio destacando a importância do reconhecimento dos clientes em relação à qualidade dos seus arcos.

[...] e por fim e mais importante, o sorriso na face do cliente ao ver e experimentar seu arco! (RAUL: artesão arqueiro).

Por meio desses depoimentos pode-se perceber a relevância que os artesãos estudados atribuem ao fato de estarem produzindo algo diferenciado e legitimado pelo o cliente. Tais posturas se aproximam de um dos postulados apresentados por Hernandes (2016) que se refere aos “valores substantivos que permeiam o trabalho artesanal tradicional”. Segundo o estudo do autor “o impulso do fazer, ou a demanda externa, não abre mão da qualidade nem, tampouco, de fatores tradicionais (...)”, (HERNANDES, 2016, p. 103).

Os fatores tradicionais apresentados por Hernandes (2016) se referem, no estudo citado, a valores substantivos associados às condições limitantes presentes no fazer artesanal. A presente pesquisa, contudo, avança que, se para Hernandes (2016) esses fatores limitam a produção artesanal, ao mesmo tempo eles determinariam condições favoráveis e motivadoras ao artífice. São atributos que favorecem o zelo do artífice pela manutenção da tradição da qualidade artesanal, justamente por serem fatores merecedores de reconhecimentos substantivos pelos produtos criados pelos artesãos. As palavras de Raul (a seguir) denotam que a pressão pela produção em alta escala da indústria não é admitida no trabalho artífice, pois isso implicaria na perda da qualidade, um dos atributos centrais do artesanato. Segundo Sennett (2009, p. 34) “toda perícia artesanal é um trabalho voltado para a busca da qualidade”.

Raul comenta que:

[...] o produto industrializado visa quantidade e baixos custos, buscando soluções neste sentido e muitas vezes perdendo em qualidade em relação aos produtos artesanais, que em geral, utilizam materiais mais nobres. (RAUL: artesão arqueiro).

Aloísio, do mesmo modo, enfatiza a superioridade da qualidade das facas artesanais comparativamente às industrializadas.

A grande maioria dos cuteleiros utilizam aço carbono para fazer facas, pois o aço carbono dura dez vezes mais do que o material utilizado nas facas industriais, que geralmente usa o aço inoxidável. (ALOÍSIO: artesão cuteleiro).

Ainda, segundo Aloísio, tal superioridade de qualidade se desvela através de outro atributo: a durabilidade.

Uma faca de cutelaria, ela tem uma vida. Você vai passar ela de herança para alguém. Então ela acaba tendo uma história, acaba tendo um porquê de você estar fazendo aquilo, diferente de uma faca de cozinha da indústria. (ALOÍSIO: artesão cuteleiro).

Assim, o reconhecimento, tanto aquele de ordem afetivo-emocional, quando o de ordem substantiva pelo produto, são entendidos como fatores intangíveis e, dessa forma, ligados à psique humana. Isso sugere o estabelecimento de uma conexão com a racionalidade substantiva de Serva (1996) e Guerreiro Ramos (1989; 2008), o que supostamente poderia explicar os benefícios que esse tipo de sensação proporciona ao artesão e constitui, essencialmente, uma das virtudes inerentes ao trabalho artífice.

b) **a autonomia** que o artífice tem na organização do seu trabalho, detendo o livre-arbítrio para fazer as escolhas que, ele próprio, considera benéfica para o seu negócio.

Os artesãos estudados, pelo envolvimento que demonstram ter com o seu ofício, se declaram felizes e realizados com a dinâmica cotidiana de trabalho, principalmente por serem os detentores do controle das suas operações e por participarem de todas as etapas da produção artesanal. Os trabalhadores entrevistados também, como será apresentado a seguir, se declaram satisfeitos com os seus trabalhos pela ausência de rotinas, bem como pela liberdade de criação, características estas que corroboram Sennett (2009) no que se refere ao engajamento característico do trabalho artífice.

De fato, os relatos colhidos em campo denotam que os artífices estudados detêm o controle das suas ações nos contextos dos seus respectivos ateliês. Cabe a eles fazer escolhas quanto ao seu trabalho e ao seu produto. Tal liberdade de ação e de criação são fatores reconhecidamente benéficos para os artesãos estudados, o que lhe proporciona sentimentos de prazer e envolvimento pelo trabalho.

Isso pode ser percebido em diversos discursos obtidos através das entrevistas, como por exemplo, nesses dois trechos seguintes da fala de Raul:

O prazer do meu ofício está na liberdade de criação e ausência de rotina. (RAUL: artesão arqueiro).

Experimentar novos materiais, desenvolver métodos mais precisos e eficazes, ver o produto tomando forma e, ao envernizar, ver as cores e efeitos finais. (RAUL: artesão arqueiro).

Já Aloísio, de forma semelhante, alega valorizar o fato dele poder ser o “dono do seu próprio tempo”, tendo a liberdade necessária para a “criação”, fatores que ele não reconhece na indústria.

Na indústria você entra lá sabendo o que você vai fazer, de segunda a sexta, no horário determinado. Talvez ele não tenha uma criação. Ele vai ter que fazer aquilo que a indústria ‘manda ele’ fazer e o tempo dele é aquele. No meu caso, o meu benefício é que eu posso criar, eu sou dono do meu tempo, a hora que eu posso começar e terminar de trabalhar [...] eu tenho mais tempo, eu tenho mais tempo para a família! (ALOÍSIO: artesão couteleiro).

Nesse trecho Aloísio destaca o valor atribuído por ele, tanto pela ausência de rotina no seu trabalho, quanto pela autonomia de criação:

O legal do trabalho artífice é que todos os dias eu posso fazer alguma coisa diferente, é um desafio diário. É fazer algo novo e direcionado para alguém (...) mas o que mais me atrai dentro da cutelaria é que todo dia, o que eu faço, eu vou fazer uma faca nova, é uma coisa nova. Essa coisa do desafio diário é muito legal para o artesão! (ALOÍSIO: artesão couteleiro).

A liberdade de criação também é citada positivamente por Monicky. Na seguinte declaração ela ainda estabelece uma comparação dos atributos do trabalho artífice com o industrial, denotando que o trabalho industrial não possibilita ao trabalhador nem o contato direto com o produto, nem a autonomia de fazer escolhas:

Eu acho que é um trabalho que você tem uma relação pessoal com o produto que você desenvolve, que difere de quem trabalha numa linha de produção, por exemplo, num mundo em que você faz aquilo ali em sequência porque outra pessoa quer que você faça aquilo ali daquela forma. Você não tem um contato, você não participa de toda a produção, você não tem uma relação com o produto final que você está se dedicando a fazer, né? Acho que seria nesse sentido. E da liberdade de criação, né? De você adaptar aquilo que você acha melhor, a tua concepção do instrumento. (MONICKY: artesã luthier).

Em contrapartida, percebe-se que os artesãos, por deterem o livre-arbítrio nos seus negócios, revelam que frequentemente prolongam suas jornadas de trabalho, quer seja por pressões oriundas do mercado, quer seja pelo engajamento substantivo pelo ofício. De qualquer forma o controle da duração das jornadas de trabalho pertence aos artesãos, os quais podem escolher as suas preferências. Raul declara:

Pelo entusiasmo que tenho pelo tiro com arco e devido à necessidade de faturar para manter a empresa, acabo não tendo muito limite (se referindo à duração da sua jornada de trabalho), vivo a coisa dia e noite. (RAUL: artesão arqueiro).

Aloísio também reconhece que sua jornada de trabalho, algumas vezes, é excessiva. Porém ele não se mostra insatisfeito com tal fato. Ao contrário, ele diz que o faz por vontade própria e pelo prazer que têm pelo seu trabalho.

Com certeza eu trabalho muito mais do que se eu trabalhasse numa indústria. Vou dar um exemplo: eu entro 8:00 horas da manhã na minha oficina e eu saio de lá às 8:00 horas da noite. Tem dia que eu paro para tomar água, comer um lanchinho, as vezes eu nem almoço. Mas não é porque eu 'tô' me obrigando, que eu tenho que cumprir aquele tempo... É porque o trabalho é tão legal que eu não quero parar! (ALOÍSIO: artesão couteleiro).

Analisando-se esse trecho do depoimento de Monicky, percebe-se que ela, diferentemente de Raul e Aloísio, demonstra ser mais rigorosa ao determinar os limites das suas jornadas de trabalho:

[...] e apesar de você ter uma certa flexibilidade, ainda assim é uma profissão. Eu defini um horário de trabalho como se eu estivesse numa empresa. E eu procuro cumprir os horários, senão acaba ficando muito difícil você manter um controle das horas, você começa a atrasar as encomendas. A gente tem essa questão objetiva e ainda que seja uma profissão diferente das outras, o principal objetivo para que você possa fazer o melhor trabalho possível, você tem que cumprir prazos e ter uma certa produtividade. (MONICKY: artesã luthier).

No caso de André, constata-se que ele opta por fazer certas renúncias priorizando a qualidade de vida, mesmo diante de possibilidade de participar de eventos que, segundo ele, lhe proporcionaria a chance de ele realizar boas vender de produtos.

Tem feiras que a gente diz não por que não vai dar tempo, tem vezes que a gente diz não por que sabe que a gente vai estar acabado e tem vezes que a gente disse não por que vai ser fora. E a gente disse: 'Vai ser a céu aberto e a gente sabe que vai dar sol forte'. E a gente passou por isso esse final de semana... e a gente não vai mais participar desse tipo de feira, onde a gente fica nas intempéries, assim. Então você tem que dizer não, senão você se acaba e isso não vale a pena. Não vale a pena, vai ser um dinheiro que vai entrar, mas não vale a pena. (ANDRÉ: artesão coureiro).

Escolhas dessa natureza corroboram o estudo de Hernandes (2016, p.108) que apresenta o trabalho artífice como “centrado no artesão” e como tal, lhe confere a possibilidade de fazer escolhas no seu âmbito da sua organização de trabalho. Segundo o autor, o artífice é orientado por “valores substantivos a capacidade de realização”, o que lhe possibilita a escolha de renunciar às pressões tipicamente exercidas pelo mercado, como optar pelo não-crescimento, como é citado no estudo de Hernandes (2016).

Nesse mesmo sentido, os dados empíricos da presente pesquisa ainda identificaram outros tipos de renúncias, cujas autonomias pertinentes ao fazer artesanal oportuniza. São os casos das escolhas relativas às jornadas de trabalho, ao estabelecimento de agendas de compromissos (como no caso decisão quanto à não participação de determinadas feiras, citado por André) e da liberdade de criação e aperfeiçoamento de produtos.

c) **a comunidade de aprendizagem** que pôde ser percebida através de diversas falas colhidas nas entrevistas, apontando para uma diferença significativa quando comparada ao sistema de construção de capacitação profissional das indústrias. O trabalho artífice constitui-se numa forma de aprendizagem constante (SENNETT, 2009). O autor afirma que a habilidade artífice é adquirida gradativamente até o atingimento de níveis elevados, quando a técnica artesanal supera a mecanicidade dos movimentos do artesão e passa a ser sentida por ele. O artífice, dada a sua condição de autonomia, é livre para determinar sua condição de aprendizado. Já o sistema convencional de capacitação das indústrias, com base na minha própria vivência profissional, é baseado no corporativismo e imposto pela cultura específica de cada organização. Evidência para tais alegações são apresentadas a seguir, no corpo desse capítulo.

Com a base empírica da minha experiência profissional já citada na seção introdutória desse estudo, permito-me alegar que o sistema corporativo de capacitação profissional se baseia em treinamentos pontuais, ora voltados ao desenvolvimento de conhecimentos comportamentais (frequentemente chamados, na indústria, de *soft skills*), ora voltados para a capacitação técnica, específica da função do colaborador. São eventos de baixa frequência de ocorrência, pois representam custos para a empresa. Não é raro se deparar com funcionários buscando informações com seus pares, por não terem participado de treinamentos adequados. Ao longo da minha carreira na indústria pude constatar que nesse tipo de organização de trabalho, os empregados seguem as regras estabelecidas pelos empregadores. São os empregadores – diga-se de passagem, capitalistas - que determinam como, sobre o que e quando os empregados devem ser capacitados.

A pesquisa empírica corrobora os ensinamentos de Sennett (2009). Ao contrário da realidade industrial, como foi destacado anteriormente, a autonomia é uma das virtudes identificadas no trabalho artífice. Assim, a condição de autonomia do artífice proporcionaria a ela livre arbítrio de escolher acerca do desenvolvimento das capacidades que julgar necessárias. Ademais, a natureza do trabalho artífice, como apresentada por Sennett (2009) o artífice desenvolve constantemente suas habilidades por meio da prática diária do seu ofício, repetindo movimentos, expandindo sua destreza corporal e mental, e melhorando gradativamente o seu nível de perícia no fazer artesanal.

A declaração de Monicky valida esse pensamento de Sennett (2009), demonstrando sua orientação pelo aperfeiçoamento nas suas atividades:

O trabalho na lutheria te permite [...] tirar o máximo que você pode obter dali. É uma coisa que você vai aprendendo e aperfeiçoando, o resultado final nunca é igual! (MONICKY: artesã luthier).

Miguel, por sua vez, declara o prazer que sente pelo seu trabalho e demonstra motivação por se aprimorar constantemente. Ele se alegra sempre que seu trabalho é reconhecido pelos clientes.

A melhor coisa que eu faço é trabalhar com a madeira. O que eu gosto é isso, é trabalhar com ela. Parece que a gente fica com a cabeça tranquila, é uma terapia pra falar a verdade. A gente nunca tá fazendo igual. Se hoje você fez uma mesa que o cliente adora, no outro dia você pensa: Nossa, vou fazer uma melhor ainda. (MIGUEL: artesão marceneiro).

Na tradição artífice, segundo Sennett (2009) o ofício era transmitido de um mestre-artesão para o seu aprendiz, geralmente para o seu filho. E quando não havia esse grau efetivo de parentesco, o aprendiz também podia ser tratado pelo mestre como seu próprio filho. Na modernidade, contudo, percebe-se que o desenvolvimento da técnica (ELLUL, 1968) permite que os artesãos tenham acesso a outras fontes de informações, diretamente nas mídias digitais. Esse é o caso identificado nas palavras de André:

E daí eu comecei a trabalhar a costura, já que a minha irmã disse: ‘O acabamento da costura está horrível e você tem que melhorar!’ E daí eu fiz a costura melhor... eu usava a régua, ia contando milímetro por milímetro, é... até que eu descobri algumas ferramentas diferentes, pesquisando (na *web*) e estudando, né? (ANDRÉ: artesão coureiro).

Já Monicky utiliza uma outra estratégia para o seu aperfeiçoamento, mais voltado aos moldes acadêmicos:

Eu procuro me aperfeiçoar, assim, busco conhecimentos através de estudos. Tenho até um artigo publicado sobre violão. Eu pretendo agora publicar outro. Estou escrevendo com o meu orientador sobre lutheria, além de ter um projeto com outros amigos que vai sair, acho que ainda esse mês, que é sobre uma revista pra gente conversar sobre a lutheria no Brasil... (MONICKY: artesã luthier).

À despeito da facilidade de acesso a informações que vivenciamos na contemporaneidade, ainda há casos que se assemelham aos métodos tradicionais de aprendizado citados por Sennett (2009). É o caso de Aloísio, o qual aprendeu o seu ofício com um mestre-artesão.

Eu fiz um curso de cutelaria no Rio Grande do Sul. Fiquei internado na casa de um mestre cuteleiro, fiquei literalmente internado porque eu ficava de manhã, a tarde e à noite aprendendo, tendo um conhecimento, uma introdução inicial à cutelaria tradicional, feita manualmente [...]. (ALOÍSIO: artesão cuteleiro).

A pesquisa empírica revelou, adicionalmente, a existência efetiva de troca de informações e conhecimentos entre os artífices contemporâneos. É importante se ressaltar que “troca de conhecimentos” não é interpretada nesse estudo propriamente como aprendizado, porém assumida como um fator contributivo para o desenvolvimento profissional do artífice.

Isto posto, notou-se no campo de pesquisa que os artesãos tendem a cooperar entre si, pois não se percebem como concorrentes. Ao contrário, as declarações dos artesãos estudados sugerem a existência de uma espécie de consciência colaborativa, o que proporciona benefícios coletivos. Sua origem provavelmente advém de vínculos que são formados entre artífices que praticam o mesmo ofício. Eles se valem das tecnologias modernas para se aproximar e manter contatos com seus pares, estabelecendo uma espécie de relação de

“ganha-ganha”, trocando experiências e conhecimentos acerca dos seus ofícios, buscando o aprimoramento das suas habilidades e o aperfeiçoamento dos seus produtos.

Tal fato é evidenciado pelo Aloísio em diversos momentos da entrevista. Num dos trechos ele confirma a existência desses vínculos, neste caso entre os aprendizes do mesmo mestre cuteleiro:

Nesse trabalho você acaba formando laços, vínculos muito grandes. Tanto que a gente tem contato até hoje (se referindo ao mestre cuteleiro). Ele deve ter por baixo hoje por volta de uns 100 aprendizes, a gente até formou um grupo de *WhatsApp*... (ALOÍSIO: artesão cuteleiro).

Segundo Aloísio as trocas de informações com os seus pares acerca da cutelaria são frequente:

Eu faço parte de uma espécie de comunidade formada por cerca de 80 aprendizes dele, onde a gente troca informações diariamente. É um grupo formado para falar sobre cutelaria, onde a gente acaba trocando informações técnicas, de mercado, dentro do grupo. (ALOÍSIO: artesão cuteleiro).

Para Monicky, um dos fatores que favorecem a troca de conhecimento é a forma de aprendizado que ela teve. Neste caso, tendo estudado a lutheria numa Universidade, ela pôde estabelecer contatos com seus colegas de turma. Provavelmente, como no caso do Aloísio, a existência de “laços e vínculos” contribuíram para o surgimento do ambiente colaborativo.

O fato de que, atualmente, você pode aprender o ofício em cursos nas Universidades, faz com que você aprenda em meio a outras pessoas. Isso te torna, assim, mais colaborativo. Até hoje eu costumo trocar informações com os meus colegas de turma, compartilhar literaturas e colaborar com eles. (MONICKY: artesã luthier).

Assim, por meio das tecnologias disponíveis na atualidade, os artesãos conseguem trocar informações relativas aos seus ofícios, colhendo e disseminando conhecimentos, mantendo contatos com outros artesãos, favorecendo o estabelecimento da virtude denominada nesse estudo como “a comunidade de aprendizado”.

5 CONCLUSÃO

O objetivo dessa pesquisa de dissertação foi procurar compreender quais são as virtudes que estão imbricadas no trabalho de natureza artífice. Neste sentido estabeleceu-se três perguntas balizadoras do estudo, as quais foram focadas na análise da natureza do trabalho artífice, ora dando luz aos fatores limitantes presentes no processo de produção artesanal, ora propriamente às virtudes experimentadas pelos artesãos na execução do seu ofício.

Para dar conta de responder as questões norteadoras da pesquisa, metodologicamente utilizou-se a combinação entre (a) entrevistas em profundidade com cinco artesãos atuantes na região da cidade de Curitiba/PR, bem como, (b) uma seção de observação participante realizada no contexto da “Oficina do Artesão” (ateliê de André, artesão coureiro) e, ainda, (c) a autoetnografia que emergiu da vivência pessoal desse pesquisador que adotou a prática do ofício da panificação artesanal como uma das suas atividades regulares.

Os dados empíricos da pesquisa sugerem que a natureza do trabalho artífice, confirmando algumas características já apontadas na literatura da área, é fundamentada no trabalho feito essencialmente com as mãos e com a mente do artesão, por meio de ferramentas simples, geralmente em pequenas oficinas estabelecidas na própria casa do artífice. O objeto a ser criado é concebido previamente na mente do artesão e produzido através de operações executadas habilmente por mãos treinadas pela prática de movimentos que foram condicionados ao longo do tempo (Sennett, 2009).

Outros elementos, considerados centrais na natureza do trabalho artífice e, igualmente, reconhecidos pelas literaturas, são o engajamento prático e o aprendizado contínuo (Sennett, 2009). De fato, a realidade dos artesãos estudados demonstrou que os mesmos se engajam no trabalho, se dedicando pelo que fazem e sentindo prazer na prática diária dos seus trabalhos. Por outro lado, os artífices zelam também pelos seus aprimoramentos graduais, tanto das suas próprias habilidades artesanais, quanto dos seus produtos. Os trabalhadores artífices pesquisados alegaram que, frequentemente, se utilizam de mídias digitais para a troca de informações e conhecimento nas suas áreas de atuação, num clima de colaboração entre os pares. Tal fato difere da indústria, onde os diferentes “*players*”

de um mesmo seguimento são considerados competidores, ao invés de colaboradores (APOLINÁRIO, 2016).

Outrossim, foi evidenciado em campo que a dinâmica do trabalho artífice abraça limites de várias naturezas, o que corrobora outros estudos já citados anteriormente no corpo dessa pesquisa. Fatores como a centralidade de artesão nos processos envolvidos, os valores substantivos correlatos e os aspectos fisiológicos relacionados às condições físicas e de saúde do artesão são alguns exemplos de aspectos limitantes do processo de produção artesanal (HERNANDES, 2016). Além desses, outros dois fatores foram identificados por essa pesquisa: (1) limitações de ordem técnica e (2) limitações condicionadas por fatores da natureza.

Os achados empíricos sugerem que aspectos técnicos, tais como, propriedades físicas e químicas dos materiais sob transformação, aliados aos parâmetros específicos do processo aplicado, restringem a produção artesanal. Da mesma forma, fatores relacionados às condições da natureza exercem impactos limitantes no trabalho do artesão. Exemplos fornecidos pelos artesãos estudados são: o tempo necessário para a cura de uma cola, ou o tempo requerido pelo processo de maturação da fermentação natural dos pães, dada a temperatura ambiente no momento das suas produções.

Por fim, o resultado da investigação empírica realizada ao longo do desenvolvimento desse trabalho de pesquisa acadêmica permite inferir a existência de virtudes no trabalho artífice, dentre elas, três se destacaram: (a) **o reconhecimento** que se constitui num importante fator motivacional para a *psique* do artesão, se mostrando presente em duas dimensões: a primeira se refere ao próprio reconhecimento do autor na sua obra; a segunda está imbricada na combinação do **reconhecimento afetivo-emocional**, fator capaz de proporcionar sentimentos positivos ao trabalhador, tais como prazer, satisfação e orgulho, bem como contribuir para o seu engajamento no trabalho; e do **reconhecimento substantivo pelo produto**, desvelado pelas falas dos artesãos quando se referem às características dos seus produtos, consideradas por eles superiores aos produtos industrializados, tais como: melhor qualidade, maior durabilidade, melhor funcionalidade e exclusividade; (b) **a autonomia** que atribui ao artesão o livre arbítrio decisório no seu negócio, o qual detém o controle necessário para o estabelecimento das melhores práticas de atuação e criação; (c) **a comunidade de aprendizado** revelada pela característica do trabalho artífice que faz com que o mesmo

possibilite o aprendizado contínuo. A realidade do campo corrobora tal fato: os artesãos desenvolvem gradual e constantemente suas perícias artesanais, isso através da repetição frequente dos movimentos requeridos nos seus trabalhos, atingindo determinados níveis onde o trabalho passa a ser sentido pelo artesão (SENNETT, 2009). Para além do aprendizado individual, as técnicas do fazer artesanal são transmitidas de um mestre-artesão para seus aprendizes. Esse é o formato tradicional, a base do aprendizado artesanal. Contudo, observou-se em campo que, na modernidade, surgiu uma nova forma contributiva para o aperfeiçoamento técnico dos artesãos, o que foi chamado nessa pesquisa de comunidade de aprendizado. Trata-se de grupos de artesãos que compartilham, principalmente por meio de mídias digitais, informações e conhecimento acerca dos seus ofícios. Assim, diferentemente da indústria convencional, onde a capacitação é tratada de forma corporativa (APOLINÁRIO, 2016; BATISTA, 2014), o aprendizado artífice é progressivo, constante e colaborativo (SENNETT, 2009).

O desenvolvimento autônomo da técnica (ELLUL, 1968) contribui para a maior eficiência reconhecidamente presente nos processos industriais (APOLINÁRIO, 2016; BATISTA, 2014), contudo isso não representa, em si, necessariamente vantagens. A análise dos dados empíricos desse estudo permite inferir que os processos artesanais, apesar de não serem orientados para a máxima eficiência técnica (SENNETT, 2009) e, mesmo sendo influenciados por fatores limitantes de vários aspectos (HERNANDES, 2016), ainda assim oferecem virtudes capazes de proporcionar ao artesão o envolvimento emocional pelo seu trabalho, o que lhe possibilita sensações de prazer, orgulho e satisfação.

Finalmente, a seguinte declaração de Raul (artesão arqueiro) “(...) troquei um alto padrão de vida com baixa qualidade de vida, por baixo padrão de vida com alta qualidade de vida” instiga a reflexão crítica acerca da autonomia existente no trabalho artífice, sugerindo a possibilidade de se tomar decisões impactantes. Tais decisões podem estar vinculadas à capacidade do artesão de fazer renúncias. Nesse caso específico pode-se entender que o artífice tem o livre-arbítrio de, em favorecimento da sua qualidade de vida, poder renunciar aos pressupostos relacionados à ideologia dominante da acumulação progressiva de capital.

Essa pesquisa se empenhou em buscar respostas empíricas ao seu tema específico. Contudo, ao longo dessa empreitada percebeu-se que há tópicos adicionais que podem ser estudados, servindo de temas para trabalhos futuros, os quais busquem identificar e

compreender outros benefícios que o trabalho artífice pode proporcionar ao trabalhador e à sociedade, uma vez que, como alertou Ellul (1968), o avanço da técnica é universal e autônomo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985
- ALVES, G. *Trabalho, Corpo e Subjetividade: Toyotismo e Formas de Precariedade no Capital Global*, **Trabalho, Educação e Saúde**: v. 3, n. 2, 2005
- APOLINÁRIO, V. *Análise do Toyotismo e dos seus Princípios Racionalizantes Aplicados à Gestão de Produção e do Trabalho*, **Revista Interface**: v. 13, n. 2, Ago./Dez. 2016
- AZEVEDO, A.; ALBERNAZ, R. O.; *A Razão d'A Nova Ciência das Organizações*, **Cadernos EBAPE.BR**: v.13, Edição Especial, Artigo 4, Rio de Janeiro, Set. 2015
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 1977.
- BARRIENTOS-PARRA, Jorge; *A Violação dos Direitos Fundamentais na Sociedade Técnica*, **Revista de Informação Legislativa**, a. 48, n. 189, Jan./Mar. 2011
- BATISTA, Alfredo. *Processos de trabalho – da Manufatura à Maquinaria Moderna* **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n.118, abr./jun. 2014
- BRAVERMAN, H.; **Trabalho e Capital Monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981
- BESSANT, J; CAFFYN S; GALLAGHER, M. *An Evolution Model of Continuous Improvement Behavior*, **Centre for Research in Innovation Management: University of Brighton**, Falmer, Brighton, 2000
- BRÜSEKE, Franz J., *A Crítica da Técnica Moderna*, *Estudos Sociedade e Agricultura*, Abril 1998
- BRYMAN, Alan. **Social research methods**. Oxford: Oxford University Press, 2012
- BRYMAN, Alan; BELL, Emma. **Business research methods**. Oxford: Oxford University Press, 2003
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann Education Books Inc., 1979.
- CASTRO, C. M. **A prática da pesquisa**, São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978
- DRUCKER, P. **Administração de Organizações sem Fins Lucrativos – Princípios e Práticas**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1990
- DRUCKER, P. **The New Society**, Tradução Brasileira: A nova Sociedade, Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1950
- ELLUL, Jacques. **A Técnica e o Desafio do Século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968

FARIA, Arilton M; DA SILVA, Alfredo R. L., Artesanato nos Estudos Organizacionais: A Literatura Brasileira de 2006 a 2015, **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, Abr./Jun. 2017

FAYOL, Henri. **Administração Industrial e Geral: Previsão, Organização, Comando, Coordenação, Controle**. 10.ed. São Paulo: Atlas, 1990.

FIGUEIREDO, Marina D., Artesanato enquanto Prática e Materialidade: Argumento para Pensar a Dimensão Estética e os Artefatos nos Estudos Organizacionais, **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 3, n. 1, Jan./Abr. 2014

GAMA, Ruy; **A Tecnologia e o Trabalho na História**. São Paulo: Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

GAULEJAC, Vincent; **Gestão como Doença Social**; São Paulo: Ideias e Letras, (2007)

GIVEN, Lisa M; **The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods**; Thousand Oaks (CA): SAGE Publications Inc., 2008

GRANDE, Márcia M.; PADILHA, Valquíria; PAIN, Bruno F.; FLORIAN, Fernando J. Da Tradição à Modernidade: O Savoir-faire do Mestre de Ofício na Produção da Cerveja e da Cachaça Artesanais; **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 1 n. 3, Set./Dez. 2012

HERNANDES, Cláudio A., A Organização do Trabalho Artesanal e a Questão do Não-Crescimento, Tese – Programa de Mestrado e Doutorado em Administração, Área de Concentração: Organizações, Gestão e Sociedade, **Universidade Positivo**, 2016

HOBBS, T. **Leviatã**. São Paulo: Coleção: Os Pensadores, 1974

HOBBS, E. J. **A era das revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 1962

HORKHEIMER, M.; **Kritische Theorie – Gestern und Heute**. Frankfurt: Athenäum, 1969

HUSSERL, E.; **A Filosofia como Ciência de Rigor**, Coimbra: Atlântida, 1965

ILLICH, Ivan. **A convivencialidade**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976

IPCC. **Intergovernmental Panel on Climate Change. Climate Change 2014. The Physical Science Basis. Summary for Policymakers**. Disponível em: <http://www.climatechange2014.org/images/uploads/WGI_AR5_SPM_brochure.pdf>

KEYNES, John M.; **The General Theory of Employment, Interest and Money**, London, Macmillan Press; New York: St. Martin's Press, 1932

KUMAR, R. **Research Methodology: a Step-by-step Guide for Beginners**, London, SAGE, 2005

LANDES, David S. **Prometeu Desacorrentado: Transformação Tecnológica e Desenvolvimento Industrial na Europa Ocidental, de 1750 até a nossa época**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2005

LATOUCHE, Serge. **Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno**. São Paulo: WMF Martim Fontes Ltda, 2009

LEITE, Márcia de Paula. **O Futuro do Trabalho: Novas Tecnologias e Subjetividade Operária**. São Paulo: Scritta. 1994

LODI, João B., Introdução à Obra de Peter Drucker, **Revista de Administração de Empresas**, 29/68

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCUSE, H. **A Critique of Pure Tolerance**. Boston, 1965

MARQUESAN, Fábio F. S.; FIGUEIREDO, Marina D. Artesanato, Arte, Design... Por que Isso Importa aos Estudos Organizacionais? **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 3, n. 3, Set./Dez. 2014

MARQUESAN, Fábio F. S.; FIGUEIREDO, Marina D. De Artesão a Empreendedor: A Ressignificação do Trabalho Artesanal como Estratégia para a Reprodução de Relações Desiguais de Poder, **Revista de Administração Mackenzie**, Edição Especial, Nov./Dez. 2014

MARTINS, Helena H. T. S. Metodologia Qualitativa de Pesquisa, **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, Mai./Ago 2004

MARX, Karl. **O Capital, Crítica da Economia Política**, São Paulo, Editora Nova Cultural Ltda, 1996

MORAES NETO, Benedito R.; **Marx, Taylor, Ford: As Forças Produtivas em Discussão**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989

MORAES, Rosângela D.; VASCONCELOS, Ana C. L.; CUNHA, Stephane C. P.; **Prazer no Trabalho: O Lugar da Autonomia**, Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, n. 12, Mai./Ago. 2012

OHNO, Taiichi, **Toyota Production System: Beyond Large-Scale Production**, Cambridge, Massachusetts, Productivity Press, 1988

OLIVEIRA, Josiane S.; CAVEDON, Neusa R.; FIGUEIREDO, Marina D.; O Artesanato na Ótica de Quem o Produz: Com a Palavra os Artesãos do Brique da Redenção em Porto Alegre, **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 1, n. 3, Set./Dez. 2012

RAMOS, Guerreiro. **Uma Introdução ao Histórico Racional do Trabalho**, Brasília, Conselho Federal de Administração, 2008

RAMOS, Guerreiro. **A Nova Ciência das Organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1989

SANTOS, Elinaldo L; SANTANA, Gusmão P; SANTOS Reginaldo S; BRAGA, Vitor, Contribuições da Administração Política para o Campo da Administração, **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 3, n. 2, Mai./Ago. 2014

SCHUMACHER, E. F. **O Negócio é Ser Pequeno**, Tradução Octávio A.F., Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1977

SEIFERT, Rene E.; VIZEU, Fábio. Crescimento organizacional: uma ideologia gerencial? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, n. 1, Jan./Fev. 2015

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2009

SERVA, M. A Racionalidade Substantiva Demonstrada na Prática Administrativa. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 37, n. 2, 1997

SERVA, M. Racionalidade e Organizações: O Fenômeno das Organizações Substantivas. Tese – Programa de Mestrado e Doutorado em Administração, Área de Concentração: Organização, Planejamento e Recursos Humanos, **EAESP/FGV**, 1996

SOUZA, Edson M.; AGUIAR, Afrânio C., Publicações Póstumas de Henri Fayol: Revisitando sua Teoria Administrativa, **Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 1, Jan./Fev. 2011

SOUZA, Ricardo R.; SEIFERT, Rene E., Understanding the Alternative of Not Growing for Small Mature Businesses, 2018

TAYLOR, Frederick. W. **Princípios de Administração Científica**. Trad.: Arlindo Vieira Ramos. São Paulo: Atlas, 1970.

TEIXEIRA, Enise B. A Análise de Dados na Pesquisa Científica. **Desenvolvimento em questão**, Editora Unijuí, ano 1, n. 2, jul./dez. 2003

VIEIRA, Geruza S. O. Artesanato, Identidade e Trabalho, 2014, Tese – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas, **UFG**, Goiás

VIZEU, Fábio. (Re)contando a Velha História: Reflexões sobre a Gênese do Management, **Revista de Administração Contemporânea**, v.14, n.5, set./out. 2010

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, 14º Ed., Ed. Pioneira Ltda., São Paulo, 1999

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**, Vol. 2, Ed. UnB, São Paulo, 2004

WEBER, Max. **O que é a Burocracia?** Conselho Federal de Administração, 1940

YIN, Robert K. **Estudo de Casos – Planejamento e Métodos**, 2º Ed., Porto Alegre: Bookman, 2001

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1- Fale um pouco sobre sua trajetória de vida. Como você se tornou um(a) artesão(ã)?
- 2- Como você define trabalho artífice?
- 3- O que mais lhe atrai no modo de trabalho artífice?
- 4- Por que você se tornou um artesão?
- 5- Quais são os limites que você estabelece na sua rotina de trabalho?
- 6- Quais são os seus planos para o futuro?
- 7- Quais são as principais diferenças que você vê no trabalho artífice na contemporaneidade, em comparação ao trabalho artífice tradicional da antiguidade?
- 8- Quais são as principais diferenças que você vê entre o modo de trabalho artífice e o industrial?
- 9- De que forma, no seu entendimento, o estabelecimento de limites à eficiência no trabalho artífice pode implicar em virtudes face ao modo de produção industrial?